

POESIA ARMÊNIA
MODERNA E
CONTEMPORÂNEA

Deize Crespim Pereira
(Organizadora)



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

POESIA ARMÊNIA
MODERNA E
CONTEMPORÂNEA

Deize Crespim Pereira
(Organizadora)

DOI: 10.11606/9786587621098



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

CHEFE: Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche

VICE-CHEFE: Prof. Dr. Antonio José Bezerra de Menezes Júnior

POESIA ARMÊNIA
MODERNA E
CONTEMPORÂNEA

Deize Crespim Pereira
(Organizadora)

São Paulo
2020



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

P745 Poesia armênia moderna e contemporânea [recurso eletrônico]/
Organização de Deize Crespim Pereira; prefácio de Lusine
Yeghiazaryan. -- São Paulo: FFLCH/USP, 2020.
1.220 Kb ; PDF.

Textos em português e armênio.
ISBN 978-65-87621-09-8
DOI 10.11606/9786587621098

1. Literatura armênia. 2. Poesia. I. Deize Crespim Pereira. II.
Yeghiazaryan, Lusine.

CDD 891.9921

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



ORGANIZAÇÃO

Deize Crespim Pereira

TRADUTORES

Amanda Pacheco Muras

Cristiane Gonçalves Marins

Deize Crespim Pereira

Fernando Januário Pimenta

Karen Mitie Suguira

Lucca Tavano Bacal

Lusine Yeghiazaryan

Taís Assadurian Silva

PREFÁCIO

Lusine Yeghiazaryan

GLOSSÁRIO

Lucca Tavano Bacal

REVISÃO

Deize Crespim Pereira

SUMÁRIO

PREFÁCIO	12
MIKAYEL NALBANDIAN	36
ՄԻՔԱՅԷԼ ՆԱԼԲԱՆԴԵԱՆ	36
ԱԶՍՏՈՒԹԻՒՆ	37
LIBERDADE.....	38
ՄԱՆԿՈՒԹԵԱՆ ՕՐԵՐ	41
DIAS DE INFÂNCIA	42
PETROS DURIAN.....	46
ՊԵՏՐՈՍ ԴՈՒՐԵԱՆ	46
ՄԻՐԵՅԻ ՔԵԶ.....	47
AMEI-TE	48
ԻՍ ՄԱՀԸ.....	53
MINHA MORTE.....	54
ԱՌ ՄԱՅԻՍ	57
PARA MAIO	58
ՆԷ	59
ELA.....	60
VAHAN TERIAN.....	62
ՎԱՀԱՆ ՏԷՐԵԱՆ	62
ԼՈՒՍԱԲԱՅԻՆ	63
NA AURORA.....	64
ՄՇՈՒՇԻ ՄԻՋԻՑ	65
EM MEIO À NÉVOA	66
ՀՐԱԺԵՇՏԻ ԳԱԶԵԼ.....	67
SONETO DE DESPEDIDA.....	68
ԱՐԱՐԱՏԻՆ	69
AO ARARAT	70
ՄԻ՛ ԽԱՌՆԵՔ ՄԵԶ.....	73
NÃO NOS MISTUREM	74

RAFFI (HAKOB MELIK HAKOBIAN)	76
ՐԱՏՏԻ (ՅԱԿՈԲ ՄԵԼԻՔ-ՅԱԿՈԲԵԱՆ)	76
ԶԱՅՆ ՏՈՒՐ, Ո՛Վ ԾՈՎԱԿ.....	77
SOLTA TUA VOZ, Ó LAGO.....	78
SIAMANTO (ATOM YARTCHANIAN)	80
ՄԻԱՄԱՆԹՕ (ԱՏՈՍ ԵԱՐՃԱՆԵԱՆ)	80
ԵՍ ԵՐԳԵԼՈՎ Կ՝ՈՒԶԵՄ ՄԵՌՆԻԼ.....	81
QUERO MORRER CANTANDO	82
ՊԱՐԸ	85
A DANÇA.....	86
ՆԱԻԱՍԱՐԴԵԱՆ ԱՂՕԹՔ ԱՌ ԴԻՑՈՒՀԻՆ ԱՆԱՀԻՏ	89
PRECE DE NAVASSARD À DEUSA ANAHIT	90
RUBEN SEVAK (RUBEN TCHILINKIRIAN)	94
ՌՈՒԲԷՆ ՍԵՒԱԿ (ՌՈՒԲԷՆ ՉԻԼԻՆԿԻՐԵԱՆ)	94
ԻՆՉՈ՞Ւ.....	95
POR QUE?.....	96
ՎԵՐՁԻՆ ՕԴՕՐ	97
ÚLTIMA CANÇÃO DE NINAR	98
DANIEL VARUJAN (DANIEL TCHPUKKARIAN)	100
ԴԱՆԻԷԼ ՎԱՐՈՒԺԱՆ (ԴԱՆԻԷԼ ՉՊՈՒՔՔԱՐԵԱՆ)	100
ԱՌԿԱՅԾ ՃՐԱԳ	101
LAMPARINA PISCANTE	102
HOVHANNES TUMANIAN	104
ՀՈՎՀԱՆՆԷՍ ԹՈՒՄԱՆԵԱՆ	104
ԱԽԹԱՄԱՐ	105
AKHTAMAR.....	106
ՀԱՅՈՑ ԼԵՌՆԵՐՈՒՄ.....	111
NAS MONTANHAS ARMÊNIAS.....	112
ԱՅՎԱԶՈՎՍԿՈՒ ՆԿԱՐԻ ԱՌՁԵԻ.....	115
EM FRENTE À PINTURA DE AYVAZOVSKY	116
ՀԻՆ ՕՐՀՆՈՒԹԻՒՆ	117
VELHA BENÇÃO	118

ԱՄԱՌՎԱ ԳԻՇԵՐԸ ԳՅՈՒՂՈՒՄ.....	121
NOITE DE VERÃO NA VILA	122
ՀԱՅՐԵՆԻՔԻՍ ՀԵՏ.....	123
COM A MINHA PÁTRIA	124
AVETIK ISSAHAKIAN.....	128
ԱԻԵՏԻՔ ԻՍԱՀԱԿԵԱՆ	128
ՌԱՎԵՆՆԱՅՈՒՄ.....	129
EM RAVENA	130
ԿԵԱՆՔԻՑ ԹԱՆԿ ԲԱՆԸ.....	131
MAIS PRECIOSO QUE A VIDA	132
ՄՕՐ ՄԻՐՏԸ.....	135
CORAÇÃO DE MÃE.....	136
ՄԵՐ ՊԱՏՄԻՉՆԵՐԸ ԵՒ ՄԵՐ ԳՈՒՍԱՆՆԵՐԸ.....	139
NOSSOS HISTORIADORES E NOSSOS BARDOS.....	140
ՈՐՏԵ՞Ղ Է ԸՆԿԱԾ	141
ONDE ESTÁ CAÍDA?.....	142
ՄԵԾ ՅԱՂԹԱՆԱԿԻ ՕՐԸ.....	143
O DIA DA GRANDE VITÓRIA.....	144
ՀԱՅՐԵՆԻ ԾՈՒԽԸ.....	145
CHAMA PÁTRIA	146
VAHAN TEKEYAN (VAHAN MIHRANI TEKEYAN).....	150
ՎԱՀԱՆ ԹԷՔԷԵԱՆ (ՎԱՀԱՆ ՄԻՀՐԱՆԻ ԹԷՔԷԵԱՆ).....	150
ԵՍ ՄԻՐԵՑԻ.....	151
EU AMEI	152
YEGHICHE TCHARENTS (YEGHICHE ABGARI SOGHOMONIAN).....	156
ԵՂԻՇԷ ՉԱՐԵՆՑ (ԵՂԻՇԷ ԱԲԳԱՐԻ ՍՈՂՈՍՈՆԵԱՆ).....	156
ՆԱԻՐԻ ԵՐԿՐԻՑ	157
DA TERRA DE NAIRI.....	158
ՄՈՆՈՒՄԵՆՏ	169
MONUMENTO.....	170
ՇԱՄԻՐԱՄ.....	171
SHAMIRAM.....	172

ՎԱՀԱԳՆ	173
VAHAGN	174
ԵՍ ԱՍՏՂԱՅԻՆ ՄԻ ՊՈՆՏ.....	175
EU, POETA DAS ESTRELAS	176
ՀԱՅՐԵՆԻՔՈՒՄ	177
NA PÁTRIA	178
ԵՍ ԻՄ ԱՆՈՒՇ ՀԱՅԱՍՏԱՆԻ.....	179
DE MINHA DOCE ARMÊNIA	180
ԳԻՇԵՐՆ ԱՍԲՈՂՁ	181
A NOITE INTEIRA.....	182
ԽՈՀ	183
REFLEXÃO	184
ՉԱՐԵՆՑ–ՆԱՍԵ	191
TCHARENTS-NAMÊ	192
SILVA KAPUTIKIAN	250
ՄԻԼՎԱ ԿԱՊՈՒՏԻԿԵԱՆ.....	250
ԽՕՍՔ ԻՄ ՈՐԴՈՒՆ.....	251
PALAVRAS PARA MEU FILHO.....	252
ԼԻԼԻԹ.....	255
LILITH.....	256
HOVHANNES SHIRAZ.....	260
ՀՈՎՀԱՆՆԷՍ ՇԻՐԱԶ.....	260
ՀՐԱՇՔ (1).....	261
MILAGRE (1).....	262
ՀՐԱՇՔ (2).....	263
MILAGRE (2).....	264
ՄԱՅՐԱ	265
MINHA MÃE.....	266
ԽԵՂՃ ՄԱՅՐԻԿԸ.....	267
A POBRE MÃEZINHA	268
ԿՍԿԻԾ	273
AFLIÇÃO	274

ԷՔՍՊՐՈՍՏ	275
INPROMPTU	276
ԱՐԱՐՍԻՆ	277
AO ARARAT	278
PARUYR SEVAK	280
ՊԱՐՈՅՐ ՍԵՒԱԿ	280
ԵՐԵՎԱՆ ԴԱՐՁԱԾ ԻՍ ԷՐԵՐՈՒՆԻ	281
TRANSFORMADA EM YEREVAN, MINHA EREBUNI.....	282
ՀԱՅԱՍՏԱՆ	283
ARMÊNIA	284
ՄՕՐ ՁԵՌՔԵՐԸ.....	287
MÃOS DE MÃE	288
ALICIA GHIRAGOSSIAN	292
ԱԼԻՍԻԱ ԿԻՐԱԿՈՍԵԱՆ	292
ՆԱՄԱԿ ԱՌ ՀԱՅԱՍՏԱՆ	293
CARTA PARA A ARMÊNIA	294
GLOSSÁRIO	307
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ORIGINAIS DOS POEMAS	318
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO GLOSSÁRIO	320

PREFÁCIO

Este volume de poesia armênia moderna e contemporânea, organizado e compilado por Deize Crespim Pereira, docente da área de armênio da Universidade de São Paulo, apresenta uma coleção fascinante e representativa de algumas das melhores obras dos proeminentes poetas do final do século XIX até o final do século XX, um período fervoroso e denso da poesia armênia.

O livro reúne obras de quinze poetas, numa sequência cronológica, com poemas vertidos para o português diretamente do armênio pela autora e por um grupo de tradutores, docentes e alunos do curso de armênio da USP. As traduções são apresentadas com os originais em armênio, de modo que o leitor consiga apreciar os textos simultaneamente, observada a fidelidade ao pensamento e à emoção do original, ‘senti-lo’, enxergar sua métrica, a rima, a forma e a configuração. Para os não conhecedores do armênio, um ensejo para contemplar a estética de um alfabeto criado em 401 por Mesrop Mashtots.

Uma constelação de autores que marcaram com sua lírica os maiores desenvolvimentos na história da poesia da época, ligados a múltiplos contextos estéticos, sociais e culturais do seu tempo. Cada um dos poetas deste livro é um gênio da literatura armênia e, sem dúvida, digno de ser traduzido para o idioma português e debatido.

A arte poética armênia passou por um desenvolvimento difícil e expoente. Ela se lapidou no percurso de milhares de anos, sofreu transformações significativas, mas preservou a sua essência, espelhando os sentimentos e pensamentos do povo, sendo a quintessência e a personificação de uma filosofia nacional complexa, que carrega as idiosincrasias do seu destino.

A poesia armênia, mais que qualquer outra expressão de arte, representa a luta do povo por sua independência, um marco notável de sua história. É assim desde os “Cantos de Goghten”, os poemas orais mais antigos registrados no século V, pelo “pai

da historiografia armênia”, Khorenatsi, nos quais o gigante Hayk, o patriarca dos armênios, se rebela contra o poderoso Bel, recusando a se submeter ao poder deste e, junto com a sua família, sai da Babilônia rumo às terras de Ararat. Depois de rejeitar a oferta de paz em troca de sua submissão, Hayk trava uma batalha titânica com Bel em defesa de sua liberdade, matando-o com uma flecha. Os descendentes de Hayk, “*hayer*”, são os armênios, e sua terra é “*Hayastan*”, Armênia.

O primeiro poema dos “Cantos de Goghten” é uma belíssima peça: “O nascimento de Vahagn”, deus do Fogo, Sol e Força. Como lemos em Kerouzian (1978, p. 276)¹: “[O canto de Vahagn] *constitui a expressão mais preciosa da arte poética armênia da Antiguidade (...). Neste canto, imaginação e universo se convertem em poema cósmico, para homenagear, num momento culminante, o nascimento do deus ‘protetor’ da antiga Armênia*”.

e através das chamas
corria um menino louro,
tinha cabelo de fogo,
tinha barba de chamas,
e seus olhos eram sóis.

(KEROUZIAN, 1978, p. 277)

O mesmo Sol, isto é, o dos olhos de Vahagn, o Sol pagão, que sempre encantou os armênios, que continuaram cantando o seu poder mesmo após aceitarem o cristianismo como religião oficial de Estado em 301, primeiros no mundo, reaparece na poesia do século XX nos dinâmicos e potentes versos de **Daniel Varujan** e **Yeghiche Tcharents**.

Eu sonhei com o ouro do sol,
ansiei pelo seu milagre jubiloso,
quis amar o sussurro sábio

¹ KEROUZIAN, Y. O. Os documentos antigos da poesia armênia. Separata da Revista *Língua e Literatura*, no. 7. São Paulo, FFLCH/USP, 1978.

da palavra ardente de sangue, tal como o sol —
 (TCHARENTS, neste volume, p.182)

Os poetas modernos armênios, fieis aos desafios do seu tempo, trouxeram a sua palavra inovadora apoiando-se no rico passado da lírica armênia. Também incorporaram as tendências da lírica internacional de sua época, seguindo a simbologia da primeira frase escrita em caracteres armênios: “*Conhecer a sabedoria e a instrução, descobrir as palavras do gênio*” (ճանաչել զիմաստութիւն եւ զխրատ, իմանալ զբանս հանճարն) (*Livro de Provérbios*, tradução minha).

Sem se ater a uma data exata, pode-se dizer que aquilo que chamamos de poesia moderna armênia começa na segunda metade do século XIX.

Depois de um declínio de quatro séculos na vida sociocultural e artística, a Armênia, dividida em Armênia Ocidental (sob o domínio da Turquia) e Armênia Oriental (sob domínio Russo) testemunhou, no século XVIII, o renascimento cultural e intelectual, que preparou um terreno fértil para o desenvolvimento da literatura. Um acontecimento crucial da época foi a transição do armênio médio ao moderno, que se apresentou em duas vertentes, o dialeto ocidental (com o centro em Istambul) e o oriental (com o centro em Tiflis, capital da Geórgia). A divisão predeterminou, a partir daí, uma dualidade na literatura armênia, que passou a se desenvolver em duas frentes, cada uma sujeita ao destino reservado pela História. A Armênia Ocidental enfrentou o pesadelo do primeiro genocídio do século XX, perpetrado pela Turquia Otomana em 1915, ceifando a vida de um milhão e meio de pessoas e obrigando o resto da população a fugir para vários países do mundo. Já a parte Oriental, depois de um curto período de Independência entre os anos de 1918 a 1920, passou a integrar a União Soviética, e a partir de 1991 tornou-se a República da Armênia de hoje.

Voltando ao século XIX, observamos que os poetas armênios desta geração se empolgavam com as ideias de liberdade, idolatrando a natureza e buscando a verdade em todas as suas formas e manifestações. Eles escreviam, cheios de desejo de questionar os padrões estéticos estabelecidos, lançando-se a uma lírica mais próxima do cotidiano e, por consequência, do leitor. A recém-formada sociedade burguesa possibilitava o

surgimento de várias instituições culturais e beneficentes que direcionavam os movimentos intelectuais. A monotonia ideológica do Iluminismo começava a se dissipar, e surgia o debate sobre o antigo e o novo, os rumos da nação e o papel da igreja, a escola, a língua armênia, a necessidade de mudanças radicais nos temas refletidos na literatura. A literatura armênia adentrou um novo período. Uma nova geração de intelectuais, formada nas universidades europeias, chegou à vanguarda da missão histórica de guiar a sociedade armênia com ideias progressistas da época, entre eles, **Mikayel Nalbandian**.

A ascensão e o desenvolvimento da literatura nacional, por sua vez, estimularam a crítica e os estudos literários. A literatura passou a exercer um papel notável na organização da vida espiritual da nação. Paralelamente, obras da literatura progressista europeia e russa foram traduzidas para o armênio.

Os anos 1850-60 foram a época de coexistência do romantismo e do realismo na literatura armênia, sendo a poesia o gênero de maior destaque. A lírica armênia abandonou o classicismo e introduziu os temas da natureza, amor e saudade. A Pátria, percebida como o berço de valores espirituais, se tornou o centro do pensamento poético. Eis que surge “Liberdade”, o primeiro poema traduzido neste volume, o clássico dos clássicos da poesia armênia, de autoria de **Mikayel Nalbandian**, um dos fundadores do realismo armênio e uma figura de enorme influência na ideologia nacional do país.

— “Liberdade!” — gritei.
 — “Pois que troveje sobre minha cabeça
 raio, relâmpago, ferro e fogo.
 Que o inimigo arme sua emboscada.”

Até a morte, até a forca,
 até o vil cadafalso,
 bradarei, repetirei,
 sem cessar, “liberdade!”

(NALBANDIAN, neste volume, p.40)

O pensamento filosófico, o patriotismo, o amor pela liberdade, a busca pelo passageiro e pelo constante no universo, os dramas do indivíduo, são características da poesia de Nalbandian, sendo “*um registro tão preciso [da época] quanto a história*” (NALBANDIAN, 1953, p.112)². O autor tornou-se a presença intelectual mais proeminente de seu tempo, com uma produção das mais influentes da literatura armênia. Foi tão influente que seus versos compuseram a letra do Hino Nacional da Armênia, em 1918.

É impossível descrever a poesia moderna sem citar o nome de **Petros Durian**, que vivia na realidade da Armênia Ocidental, onde a política interna com relação aos armênios ficava cada vez mais alarmante. Durian via a salvação do povo armênio na união e nas ideias progressistas da época e, através de seus poemas, conclamava à luta em prol da independência. Além de temas patrióticos, Durian cantava o amor, ao se apresentar como o primeiro grande ‘amante’ da nova poesia armênia. Um romântico exagerado, com sentimentos profundos, Durian sabe relatar com um lirismo memorável o interior do ser humano. Eis um trecho do poema “Amei-te”:

Com uma única centelha de teus olhos,
 com uma única sílaba, fizeste-me escravo,
 acorrentaste-me, cruel,
 com os raios de luz de tua alma sublime.
 (DURIAN, neste volume, p.50)

Na segunda metade do século XIX, a sociedade começava a vislumbrar o imperativo de aumento da consciência nacional, estabelecendo a agenda de libertação, que se tornou mais latente durante as guerras russo-turcas de 1875-1878. A literatura armênia teve nessa fase uma importância excepcional para o desenvolvimento espiritual do povo. O pensamento literário rejeitou a teoria da “arte pela arte” e, através do romantismo e do realismo, buscou se posicionar categoricamente na literatura. A prosa, a dramaturgia e sobretudo a poesia alcançaram níveis sem precedentes.

² NALBANDIAN, M. *Obras Seleccionadas*. Yerevan, Luys, 1953.

Raffi é a figura central na literatura das décadas de 1870-1880. Em artigos publicitários e críticas, em obras de verso e prosa, ele abordou as questões vitais do período, elucidou as questões sócio-políticas nacionais prementes e liderou o movimento intelectual e literário armênio. Uma constante entre os tópicos de sua lírica é o futuro de sua Pátria.

Acaso chegará um dia, um tempo,
em que se verá uma bandeira no topo do Massis,
e de todos os lados os expatriados armênios
vão dirigir-se à bela Armênia?
(RAFFI, neste volume, p. 78)

Inovador no discurso artístico, um sábio das tradições da cultura, tanto nacional como russa e europeia, Raffi aproximou a literatura armênia dos padrões da literatura mundial da época.

O final do século XIX e o início do século XX são marcantes na história da literatura armênia. Os valores artísticos foram reavaliados, afetando o sistema de cultura intelectual e o pensamento artístico. O realismo clássico deu lugar às correntes modernistas, como o naturalismo, o neorromantismo e o futurismo. Surge a “segunda geração” dos novos poetas armênios, com uma estética que mudava as acentuações da poesia, passando do nacional ao popular, e da preocupação ideológica à descoberta do mundo espiritual do indivíduo e do povo.

Ao aplicar as ricas tradições da poesia nacional e incorporar as experiências literárias da poesia mundial, a nova geração de poetas armênios fez com que a poesia fosse a maior conquista da literatura armênia daquele período.

Vahan Terian é considerado o mais influente poeta lírico desta época. Em 1908, ainda estudante, publicou sua primeira coletânea, *Sonhos do Crepúsculo*³, que passaria a ser considerada o começo da literatura contemporânea armênia.

³ TERIAN, V. *Seleção de obras*. vol. 1, Yerevan, Hayastan, 1972.

A inovação poética de Terian em *Sonhos de Crepúsculo* era centrada na libertação do discurso poético, na renovação do estilo, da linguagem e da estrutura lírica, ao rejeitar aquilo que ele chama de verso ‘publicitário’, a favor do direito de ‘uma lírica limpa’ nos poemas, através de uma nova estrutura silábica. Terian renovou a poética armênia, tanto na forma como no conteúdo. Abordou temas alusivos ao destino de sua pátria, ao mundo interior da alma humana, ao versar sobre sonhos, despedidas, solidão, tristeza e amor. Sua linguagem, polida, pura e rica, é uma das manifestações mais belas e perfeitas da literatura armênia oriental. Nas palavras de Avetik Issahakian:

Ao aparecer no horizonte de nossa lírica, Terian passou a liderá-la de imediato. Vahan é uma sumidade para mim, uma grandeza, e as suas obras líricas estão à altura das de Goethe, Heine, Lermontov e Verlaine. (ISSAHAKIAN, 1950, p. 367)⁴

Terian dizia que a poesia deveria espelhar a alma do povo, que ela:

assemelha-se a uma harpa com cordas múltiplas, e quanto mais cordas vibrarem, mais valioso é o som da música, ao passo que, se só uma das cordas soar, teremos um som deplorável e estranho, que morrerá sem deixar nenhum rastro, sem agradar nem alegrar. (TERIAN, 1975, p. 173)⁵

O legado poético-literário de Terian marcou a literatura armênia e influenciou uma plêiade de poetas que se definiam como pertencentes à “Escola Teriana” (i.e. de Terian).

Terian faleceu aos 27 anos de idade, vítima de tuberculose e, apesar de testemunhar as tensões cada vez mais agravantes que os armênios vivenciavam, não chegou a presenciar a maior tragédia que estava pairando no horizonte, o Genocídio Armênio de 1915. O começo do século XX foi o período mais trágico da história do

⁴ ISSAHAKIAN, A. *Seleção de obras*. vol. 1, Yerevan, Hayastan, 1950, p. 367.

⁵ TERIAN, V. *Seleção de obras*. vol. 3, Yerevan, Hayastan, 1975, p. 173.

povo armênio, que enfrentava o perigo de extinção física e a perda da Pátria. As ideias de liberdade e de independência, presentes na literatura armênia desde o canto lendário de Hayk e Bel, faziam-se sentir de um modo mais dramático e latente. Nessas horas fatais e turbulentas, os poetas armênios, longe de uma postura atônita, assumiram um papel extraordinário na preservação do espírito nacional. Os versos tornaram-se um clamor pela existência, pela vida. A poesia se transformou numa flâmula de resistência dos armênios em meio às atrocidades, ao invocar as forças vitais do povo e ao exortá-lo à luta e sobrevivência. Como Djrbashian aponta:

Apesar das condições extremamente desfavoráveis da vida econômico-social do começo do século XX, as mudanças sociais significativas que ocorriam na realidade armênia, a consciência da necessidade iminente de transformações decisivas, serviam de ímpeto e davam força aos representantes da cultura armênia para criar obras de altíssimo valor cultural.

Por outro lado, o perigo atemorizador que ameaçava a existência do povo armênio obrigava os melhores filhos da nação a concentrar suas forças espirituais para criar obras de inspiração e profundidade enormes, que iam se tornar não só monumentos artísticos de sua época, mas também registros do direito de viver e de sobreviver do próprio povo. (DJRBASHIAN, 1977, p. 31)⁶

Muitos representantes da nata intelectual armênia tombaram vítimas do Genocídio de 1915. Dos poetas deste volume, três gênios da poesia armênia ocidental, Ruben Sevak, Siamanto e Daniel Varujan tiveram suas vidas interrompidas tragicamente. O legado poético monumental destes poetas segue imortalizado em suas obras, algumas delas representadas neste volume.

⁶ DJRBASHIAN, E. As correntes da literatura armênia no começo do século XX. *Revista de Estudos histórico-literários*. n. 1, Yerevan, HSSA GA (Editora da Academia de Ciências da Armênia), pp 31-48, 1977, p. 31.

Disponível em <[http://hpj.asj-oa.am/2723/1/1977-1\(31\).pdf](http://hpj.asj-oa.am/2723/1/1977-1(31).pdf)>, acesso em 10.07.2020.

Ruben Sevak, uma figura excepcional na poesia armênia ocidental do começo do século XX, foi dos primeiros autores a alertar sobre as ameaças de massacres planejados pelo governo turco-otomano, e nos seus versos clamou pela unidade nacional em prol da luta pela vida e pela liberdade.

Sevak manifestava temas patriótico-nacionais, a natureza e, principalmente, o amor, a ternura, a emoção. Sua poesia se caracterizava pela pureza e riqueza de linguagem, pela musicalidade e diversidade métrica.

No auge de sua criatividade, Sevak foi preso em Istambul, no dia 24 de abril de 1915, data em que hoje os armênios no mundo inteiro evocam a memória de um milhão e meio de vítimas do Genocídio Armênio, extintas às ordens do triunvirato de Talaat, Enver e Cemal Paxá. Sevak foi preso junto com mais de dois mil intelectuais armênios, entre os quais os poetas Siamanto, Varujan e outros, todos detidos e posteriormente executados nos desertos da Anatólia Central. O Genocídio Armênio, além das densas perdas humanas e territoriais, causou um impacto imensurável na vida e herança cultural armênia.

Outro poeta de destaque da geração revolucionária nacional é **Siamanto**, cuja primeira coleção, *Heroicamente* (1902)⁷, é uma mensagem de luta para a juventude armênia.

A obra de Siamanto impactou o pensamento poético da época. Intensa, espelho de dor e sofrimento, sua poesia parece ser escrita com sangue. O poeta se coloca como defensor militante de seu povo, razão pela qual foi perseguido e massacrado pelos turcos. No entanto, em nenhum momento lhe falta esperança no futuro. Os massacres o invocam à luta, à busca por direitos do povo e por justiça.

Esta história inenarrável que eu vos conto agora,
com estes meus cruéis olhos humanos,
à salvo da janela infernal de minha casa,
rangendo terrivelmente os dentes de raiva...

⁷ SIAMANTO. *Obras Completas: Heroicamente, Filhos dos armênios, As luzes da agonia e esperança*. Cairo, 1960.

com estes meus olhos cruelmente humanos eu vi.
 Era o jardim da cidade reduzido a um monte de cinzas.
 Os corpos amontoavam-se até o topo das árvores,
 e nas águas, nas fontes, nos riachos, nas estradas,
 o murmúrio rebelde do vosso sangue correndo...
 Eis que a sua vingança ainda fala nos meus ouvidos...
 (SIAMANTO, neste volume, p. 86)

Rchtuni, renomado crítico literário armênio, observa:

Desde o início do século XX, um avanço notável se registra na poesia armênia. Na encruzilhada da arte moderna nacional e europeia, é iminente o surgimento da escola do simbolismo armênio, que é caracterizado por um conteúdo literário único e uma técnica peculiar, uma lírica dramática e uma filosofia preocupada com o futuro da nação. Siamanto foi o primeiro nome mais relevante dos poetas inovadores e complexos, na descrição de Issahakian: “uma figura única na poesia mundial”. (RCHTUNI In: HAKOBYAN, 2008, p.43)⁸

A carga trágica de elementos criativos e emoções altamente condensados criava, nas obras de Siamanto, uma amplitude do verso shakespeariano e um vigor característico da poesia de Narekatsi.

Reflexões e imagens surpreendentemente reveladoras sobre a justiça, o mal, o bem, o ideal e, acima de tudo, as tragédias da realidade armênia ocidental e a luta pela liberdade são aspectos da poesia dramática e expressiva de **Daniel Varujan**. Segundo ele, “*Um verdadeiro poema é um martírio, a criação de cada palavra é um gotejar do sangue de meu coração. Uma obra de arte é uma pétala caída do coração do seu autor, sensível, que continua pulsando com seu sangue e sua vida*” (VARUJAN, 1986, p.79)⁹.

⁸ HAKOBYAN, V. *Os rumos de desenvolvimento da poesia armênia moderna*. Stepanakert, Dizal Plus, 2008, p.43.

⁹ VARUJAN, D. *Seleção de Obras Completas*. vol. 1, Yerevan, HSSA GA (Editora da Academia de Ciências da Armênia), 1986, p. 79.

Varujan foi inovador ao incorporar as notas da poesia pagã na sua obra, expressando-a metricamente através dos versos contidos do realismo.

Siamanto e Varujan trouxeram um sopro de inovação à lírica armênia, e a sua assimilação das tradições poéticas anteriores garantiu uma nova estética do verso literário para as gerações futuras. A influência da lírica de Varujan e Siamanto é perceptível na obra de Tcharentz, Shiraz e Sevak.

Hakobyan assim define as características da poesia moderna e contemporânea armênia:

Os acontecimentos trágicos do período - os massacres do final do século XIX, as revoluções, o Genocídio armênio de 1915, o ano de 1937 (as repressões de Stalin), as Guerras Mundiais, Primeira e Segunda, e, nos tempos mais recentes, o movimento de Artsakh e a independência da Armênia, a luta por sobrevivência - causaram mudanças essenciais no pensamento literário armênio e resultaram em correções ideológicas essenciais. Surgiram novos poetas, que se encarregam de expressar a dor e a luta nacionais. A dialética da alma leva a uma dialética de dor, cujos limites são expandidos por Terian, Tcharents, Varujan, Siamanto e, na segunda parte do século XX, por Shiraz, Sevak e Kaputikian. (HAKOBYAN, 2008, p.25)¹⁰

Presumo que cada povo tem um poeta cuja obra é vista por unanimidade como a expressão mais genuína do seu caráter nacional. Na poesia armênia, esse nome é **Hovhannes Tumanian**, conhecido como “o poeta supremo de todos os armênios”. Tumanian é a alma do seu povo, a personificação do caráter nacional, dos ideais e das tradições literárias armênias. Infinitamente amado e idolatrado por seu povo, é, nas palavras de Paruyr Sevak, “*o maior dos maiores da literatura armênia*” (SEVAK In: TUKHIKYAN, 2020, p.1)¹¹.

¹⁰ HAKOBYAN, V. *Os rumos de desenvolvimento da poesia armênia moderna*. Stepanakert, Dizal Plus, 2008, p. 25.

¹¹ TUKHIKYAN, N. Eles nasceram para que a gente renascesse. Entrevista, disponível em: <<https://www.qahana.am/am/interviews/famous-people/0/941011348>>, acesso em 20.07.2020.

O autor Stepan Zoryan escreve sobre a ‘armenidade inerente’ presente na obra de Tumanian:

Há, em suas obras, uma sensação constante de pertencer à terra natal, vejo nelas as imagens aconchegantes da natureza, sinto o aroma dos campos e montanhas, as tristezas profundas e as alegrias efêmeras vividas pelo povo armênio e, finalmente, a voz clara, resplendente e soberana da nossa língua materna, que lembra uma nascente radiante que desce das montanhas, trazendo vivacidade e criando ao seu redor um aprazente frescor. (ZORYAN, 1966, p.31)¹²

O “poeta supremo dos armênios” estava imerso nas dores de seu povo e no futuro da nação. O poema “Nas montanhas armênias” é uma das obras-primas da literatura armênia, onde Tumanian consegue resumir, em seis sextetos, a história e os anseios de seu povo.

E nossas caravanas trêmulas e confusas,
saqueadas, massacradas,
fragmentadas e divididas,
carregam suas inúmeras feridas,
nas montanhas armênias,
nas montanhas de dor.

E nossos olhos se dirigem com saudade
às estrelas distantes
do velho céu.

Quando surgirá a clara manhã
nas montanhas armênias,
nas montanhas verdejantes?

(TUMANIAN, neste volume, p. 112-114)

¹² ZORYAN, S. *O meu Tumanian*. Yerevan, Hayastan, 1966, p. 31.

Tumanian foi um exímio conhecedor do folclore armênio, das baladas e lendas populares e os trouxe para a sua poesia. Escreveu também contos infantis. Nenhum nome da literatura armênia ultrapassa Tumanian na aceitação pelo público infantil.

Nos anos mais dramáticos da história do povo armênio, Tumanian e um outro poeta memorável, Avetik Issahakian, levantaram a questão da popularização e democratização da arte e conseguiram a façanha de devolver ao povo a sua paixão pela vida.

Avetik Issahakian é um poeta consagrado, que atuou na mesma época de Tumanian na literatura armênia oriental, na corrente neorromantismo. Conectado com as raízes de seu povo, com sua língua, sua alma e origens de sua poesia, Issahakian recriou em seus versos a ideia da Pátria imortal. Uma figura única e incomparável da poesia armênia, a sua poesia parece fluir do folclore do povo, dos cantos de Goghten, das miniaturas e cruces de pedras armênias, das melodias populares.

O tema principal dos poemas e obras em prosa de Issahakian são o amor, a saudade, o amor de mãe e a Pátria. Issahakian escreveu:

Na batalha desigual entre a vida e a morte, travada pelo povo armênio, a literatura inspirava, encorajava a resistir, suportar, manter a pureza e a independência nacionais e a alumiar os ideais do povo... A luta do povo armênio em prol do seu espírito, pátria e cultura se tornou um *phatos* perpétuo de sua literatura, perpassando, como *tur kaitsaki* [literalmente, ‘espada-raio’, o nome da arma dos heróis do poema épico armênio], por todas as suas obras, em todos os tempos. (ISSAHAKIAN In: DALLAQIAN, 1992, p. 3)¹³

Foi o fardo e a cruz dos poetas deste período, Siamanto, Varujan, Terian, Tumanian e Issahakian, levantar as suas liras e as transformar em armas contra as tempestades que sopravam no horizonte armênio.

¹³ DALLAQIAN, R. *Literatura (Manual de literatura armênia para ensino médio)*. Yerevan, Luys, 1992, p. 3.

Outro nome que caberia nesta lista é o de **Vahan Tekeyan**, poeta armênio e uma figura pública de relevância nacional, que sobreviveu ao Genocídio por milagre, e que se fez embaixador da causa dos armênios sobreviventes do trágico massacre. Sua atividade em prol da sobrevivência nacional foi um dos fatores vetoriais que predeterminaram o caminho da literatura armênia ocidental nas primeiras décadas do século XX e, posteriormente, serviu de base para a formação e o desenvolvimento da literatura da Diáspora.

No mundo da poesia armênia, Tekeyan se destaca por seus próprios tons marcantes e singulares. Tekeyan navegou entre simbolismo e romantismo e levantou as ideias de resistência, heroísmo e esperança pelos dias gloriosos da Armênia. Em reconhecimento de seu trabalho titânico, uma das maiores organizações filantrópicas mundiais armênias leva o seu nome.

A primeira palavra que se associa ao nome de **Yeghiche Tcharents** é grandiosidade. Observe como o autor anuncia sua chegada no poema “Da Terra de Nairi”:

Eu — sou eu de novo —
 a veia de ouro desta raça milenar,
 o braço valoroso, de teu vigoroso povo
 o elo final,
 e dou meu coração
 ao canto de ferro dos dias vindouros,
 e uno minha vida ao Futuro ardente —
 e levo no meu grande, gigante coração —
 um novo e poderoso mundo forjado em ferro!
 (TCHARENTS, neste volume, p. 168)

Um poeta excepcional, de genialidade inegável, Tcharents nasceu em Kars, Armênia Ocidental, e passou de um soldado de resistência das guerrilhas armênias a um admirador da Revolução Russa, na qual ele enxergava a salvação do povo armênio. Liderou a corrente de poesia revolucionária, sendo um dos primeiros poetas a elogiar

a glória do comunismo. Chegou a integrar o Partido Comunista e, mais tarde, desiludido, foi condenado por traição às ideias comunistas, falecendo na prisão, aos 40 anos, em circunstâncias enigmáticas até hoje não esclarecidas.

Tcharents é cantor de paixões avassaladoras e espontâneas, de amor rubro, encantado pelo Sol, aquele mesmo Sol do “Nascimento de Vahagn”. A sua obra é terna e pulsante ao mesmo tempo, dramática e tácita, cheia de cores, imperativa, grandiosa, uma poesia que consegue vibrar em cada célula de um armênio ou não armênio, atinge as profundezas da alma de uma maneira que expressa o inexprimível. Tcharents é um mágico no uso da língua, mestre na invenção, ou melhor, na composição de vocábulos novos, um recurso extremamente produtivo nos seus versos, um marco forte da sua poesia. “*O mundo poético de Tcharents é um microcosmo, com fogo no seu epicentro*”, diz Paruyr Sevak (SEVAK, 1967, p.1)¹⁴.

O seu poema “De minha doce Armênia”, dedicado ao seu eterno e mais forte amor - a Armênia - é uma das confissões poéticas mais emocionantes da literatura mundial, uma ode, um hino.

De minha doce Armênia, amo a palavra gostossolar,
amo a lastimosa, quase chorosa corda de nosso velho saz,
amo as flores vermelho-sangue e o ardente perfume das rosas
e amo a dança graciosa das moças de Nairi.
(TCHARENTS, neste volume, p. 180)

Martiros Saryan, o celebre pintor armênio, assim fala do poema:

“De minha doce Armênia” é um pintura, um painel além de todas as dimensões imagináveis. É um painel elevado ao nível de poesia épica

¹⁴ SEVAK, P. Yeghiche Tcharents e a realidade atual. Comunicação oral na sessão solene em homenagem ao Tcharents no Instituto Manuk Abeghian, 1967, p. 1, Disponível em: <<http://matyan.am/?p=3211&l=am>>, acesso em 20.07.2020.

nacional. É a reflexão expressiva e viva da nossa biografia nacional, do nosso jeito de ser. (SARYAN In: SAHAKYAN; NERCISSYAN, 2005, p.88-89)¹⁵

Hakobyan continua:

Será que há no mundo uma expressão de amor mais extraordinária e angustiada do que a infinita alma de Tcharents que se inflama nas estrofes de “De minha doce Armênia”? O fluir das emoções da vivência é tão potente em Tcharents, que as palavras parecem ser injetadas uma por uma no verso, em chamas de paixão. (HAKOBYAN, 2008, p.63)¹⁶

O legado literário de Tcharents é um dos mais marcantes da literatura armênia. A sua obra é um divisor de águas, de modo que a poesia posterior a sua é chamada de poesia pós-Tcharentsiana. Com várias fases literárias na sua trajetória, incluindo realismo e simbolismo, ele expandiu o limite do pensamento artístico, predeterminou os caminhos futuros da literatura, atualizou a linguagem, o ritmo dos versos, diversificou e, ao mesmo tempo, enriqueceu os gêneros literários.

Tcharents é o poeta com maior número de obras traduzidas neste volume, incluindo o poema mais extenso dos aqui apresentados, o “Tcharents-Namê”, escrito em 1922. Inspirado na obra do clássico persa Ferdusi, e em sua epopeia *Shah-name* (Épica dos Reis), que versa sobre o passado heroico do povo persa, Tcharents lança o poema que conta o seu próprio caminho, as suas paixões, dirigindo-se aos seus contemporâneos e às gerações futuras. “Namê”, em persa, significa ‘escrita’, ‘livro’, logo “Tcharents-Namê” é a sua herança generosa para o mundo.

Um instante da sua atenção eu hoje hei
de entregar às minhas canções de pedra. —
— Sou este andarilho, um poeta

¹⁵ SAHAKYAN, V.; NERCISSYAN, R. *Citações sobre armênios renomados*. Yerevan, VMV Print, 2005, pp.88-89.

¹⁶ HAKOBYAN, V. *Os rumos de desenvolvimento da poesia armênia moderna*. Stepanakert, Dizal Plus, 2008, p. 63.

faminto — Yeghishê Tcharents.

Feito o Sol ourinflamado,
do Irã, arremessado a Nairi,
de Nairi, arremessado a Moscou —
canto agora minha vida —
com o sol,
com o sangue,
com o ouro.

(TCHARENTS, neste volume, p. 192,194)

A essência de Tcharents é descrita com precisão por HAKOBYAN (2008, p.56):

A vida e a obra de Tcharents lembram uma lenda, um mito. E ele próprio, o poeta, sempre se apresenta para nós numa imagem de herói nacional que percorre os tempos, muitas vezes circundado por um véu de mitologia. Em seus versos, nas alternâncias bruscas e repentinas entre os temas, nos estilos de linguagem e no pensamento, na mudança momentânea e impactante da métrica - em tudo isso se revela a essência e o rico âmago do autor.
(HAKOBYAN, 2008, p.56)¹⁷

A lírica de Tcharents é parecida na sua intensidade com a de Varujan, repleta de camadas fortes e pulsantes de vida, uma respiração potente, trombetas que chamam para a luta pela liberdade, uma mescla de ritmos europeus com as cores luxuosas do oriente, uma paixão por reproduzir a realidade em visões.

Tumanian, Issahakian e Tcharents estavam anunciando as novas ordens literárias da época e abriram caminho para a segunda geração de poetas contemporâneos, entre os quais se destacam Kaputikian, Shiraz e Paruyr Sevak. Estes autores, chamados muitas vezes de poetas do período pós-Tcharentsiano, pertencem a uma geração que viveu os anos de perseguições e repressões da época de Stalin, os

¹⁷ HAKOBYAN, V. *Os rumos de desenvolvimento da poesia armênia moderna*. Stepanakert, Dizal Plus, 2008, p. 56.

horrores da Segunda Guerra Mundial e a época da Guerra Fria. Nas palavras do poeta Gevorg Emin, eles

tiveram que desafiar um destino complicado e se preservar como seres humanos no meio de uma propaganda desumana, preservando o nacional em meio a exigências de um internacionalismo cosmopolita, e ser poetas nos tempos anti-poéticos. (EMIN In: HAKOBYAN, 2008, p.4)¹⁸

Shiraz é um dos maiores ‘cronistas’ do período pós-Tcharentsiano. É poeta de um lirismo excepcional, sua poesia parece uma flor que brota no meio das dores do povo armênio. O seu léxico rico e o estilo comovente e sensível, enriquecido com elementos folclóricos e dialetais, fazem dos seus versos verdadeiras joias da poesia armênia.

Shiraz é autor de cerca de quarenta livros, um dos poetas armênios mais traduzidos, para mais de sessenta línguas, às quais se junta agora o português. Um dos poetas mais populares também na Diáspora, Shiraz, nas palavras de Levon-Zaven Siurmelian,

é uma ligação tocante entre nós [armênios da Diáspora] e o povo de nossa terra natal. A sua voz atrai corações na Diáspora (...). Há várias cordas em sua lira, a de trovador, a de lirismo, a de filosofia, e, na sua essência, ele é um poeta de emoções vulcânicas. (SIURMELIAN In: SAHAKYAN, NERCISSYAN, 2005, p.107)¹⁹

Sobre a individualidade de sua poesia, vale citar as palavras de Suren Aghababian.

¹⁸ HAKOBYAN, V. *Os rumos de desenvolvimento da poesia armênia moderna*. Stepanakert, Dizal Plus, 2008, p. 4.

¹⁹ SAHAKYAN, V.; NERCISSYAN, R. *Citações sobre armênios renomados*. Yerevan, VMV Print, 2005, p. 107.

Nele faiscava a língua vulcânica de Mashtots, nas suas veias fluía o sangue de Narekatsi e Kutchak, e seu coração carregava a ferida de Khatchatur Abovyan [uma alusão à obra *Feridas da Armênia*]. Ele possuía a força de Davi de Sassun, e ao mesmo tempo brotava, na sua poesia, uma flor dedicada à mãe, cujo nome é ternura. A sua lira trazia com honra a saudade cantada por Komitas e a harmonia das cores dos quadros de Martiros Saryan. (AGHABABIAN, 1984, p.17)²⁰

Shiraz é um patriota que coloca o destino de seu povo como o tema principal de sua lírica. Um mundo à parte são os poemas dedicados à mãe, carregados de delicadeza e carga emocional ímpar, nos quais ele parece levar a humanidade a um perdão coletivo perante a figura materna.

Nossa porta da esperança é minha mãe,
 Nossa capela do lar é minha mãe,
 Nosso berço é minha mãe,
 Nossa fortaleza do lar é minha mãe,
 (SHIRAZ, neste volume, p. 266)

Alguns anos após a morte de Shiraz, um grupo de admiradores conseguiu cumprir o seu desejo, o de enterrar o seu coração nas geleiras do Ararat, a majestosa montanha que se encontra hoje no território da Turquia, mas que é o símbolo-mor da Armênia, o monte onde a Arca de Noé aportou após o dilúvio, onde Hayk travou sua luta contra Bel. O monte Ararat reina, inacessível e glorioso, no horizonte de Yerevan, capital da Armênia, pulsando através do coração de um dos maiores poetas de suas dores, Shiraz.

Silva Kaputikian tornou-se uma referência importante da nova geração de poetas armênios, não pelos temas abordados, que continuaram sendo pátria, amor e natureza, mas por revelá-los sob um novo ângulo e sob uma perspectiva inovadora.

²⁰ AGHABABIAN, S. *Hovhannes Shiraz*. Yerevan, Sovetakan Grogh, 1984, p. 17.

Kaputikian encarna a imagem da “mãe-armênia”, ao encorajar seus filhos a preservarem sua identidade e cultura, diferentemente da postura de Nalbandian, por exemplo, que no poema “Liberdade” se coloca como um rebelde, um mártir em defesa da independência. Observe o trecho do poema “Palavras para meu filho”, uma obra clássica, na qual Kaputikian fala da língua armênia, vista pelos armênios como uma das armas que permitiram a sobrevivência da nação até os dias de hoje.

Guarda-a elevada e clara,
 como a sagrada neve do Ararat.
 Guarda-a no teu coração,
 como as cinzas de teus avós.
 Defende-a com teu peito
 do golpe negro do inimigo,
 como se protegesses tua mãe,
 quando sacam a espada contra ela.

E vê, meu filho, onde quer que estejas,
 sob esta lua, onde quer que vás,
 Ainda que tua mãe alguma vez se apartar da tua mente,
 não esqueças tua língua-mãe!...

(KAPUTIKIAN, neste volume, p. 254)

Numa das pesquisas informais da internet em evidência, foram levantados os 10 poemas armênios mais queridos e citados de todos os tempos. Desses, dois são de autoria de **Paruyr Sevak**: “Somos poucos, mas somos armênios” e “Transformada em Yerevan, minha Erebuni”, poema que virou hino oficial da cidade de Yerevan. O valor científico da pesquisa pode ser questionável, mas é válido para demonstrar o quanto a poesia de Sevak é apreciada e admirada pelos armênios.

Sevak é uma das mais dinâmicas e autênticas personalidades da poesia contemporânea. É um grande poeta nacional, que repetia não haver um sentimento mais profundo do que o patriotismo ou ainda, que “*é impossível ser um poeta sem ter*

uma identidade nacional, assim como é impossível ser um raio de luz e não refletir na água” (SEVAK In: ARZUMANYAN, 2001, p. 8)²¹.

O ideal de Sevak é o herói intelectual, pensativo, que anda no mesmo passo com o leitor, moral e espiritualmente. Em suas obras, onde procura a percepção do mundo interior do homem moderno, Sevak foi um gênio inovador ao agregar os padrões líricos de poetas armênios como Narekatsi, Siamanto e Tcharents, aos de poetas americanos (como Walt Whitman), europeus e russos. “*O traço principal da poesia moderna, em termos técnicos, é para mim o sinfonismo, não o solo, mas o conjunto de vozes múltiplas*” - diz o autor (SEVAK In: ARZUMANYAN, 2001, p. 31)²².

Bernard Shaw observou: “*É o que todos os poetas fazem - conversam consigo em voz alta, e o mundo vai prestando atenção*” (SHAW In: GRENE, 1984, p. 33)²³. A conversa de Sevak é assim, ele por si, uma conversa emotiva sobre amor, traição, desilusão, angústias, propósito de vida. E o mundo para a fim de ouvi-lo e se rende diante de sua genialidade.

O período pós-Genocídio de 1915 registrou um declínio na literatura armênia ocidental. Os sobreviventes do Genocídio tiveram que abandonar suas terras, fugindo dos horrores dos massacres, e se estabeleceram em vários países do mundo, formando a grande Diáspora Armênia. Seria necessário um tempo, em meio às dificuldades de adaptação e falta de critérios, para uma redefinição da identidade armênia, e para que o espírito criativo voltasse a aflorar com o surgimento de novos poetas armênios, filhos e netos dos sobreviventes do Genocídio. Houve autores que passaram a escrever em outras línguas, evocando o reconhecimento e formulando perguntas sobre a identidade armênia nesta nova conjuntura, ao tratarem de temas vitais quanto à realidade da Diáspora, como os que estão resumidos por Oshagan.

Hoje, a diáspora é uma realidade multilíngue e centrífuga, que luta para manter sua unidade, preservar sua herança e definir sua identidade

²¹ ARZUMANYAN, L. *Os poemas de Paruyr Sevak*. Yerevan, Nairi, 2001, p.8.

²² ARZUMANYAN, L. *Os poemas de Paruyr Sevak*. Yerevan NAIRI, 2001, p.31.

²³ CRENE, N. *Bernard Shaw: A critical View*. Palgrave Macmillam, 1984, p.33.

dinâmica, tanto através de uma cultura de preservação da língua armênia, quanto por meio de referência moral à pátria armênia como um símbolo de sua continuidade histórica. (OSHAGAN, 1986, p.225)²⁴

Uma voz memorável da poesia contemporânea da Diáspora é a autora Alicia Ghiragossian, que, por motivo do seu ‘destino armênio’, nasceu, viveu e atuou em países diferentes e escreveu em várias línguas. Nascida em Buenos Aires, viveu em Los Angeles e escreveu em espanhol, armênio e inglês, explorando com força própria e reveladora os temas do amor, maternidade e pátria. Seu poema “Carta para a Armênia” fecha com chave de ouro esse mergulho no mundo da modernidade poética armênia.

E te bendizendo
me bendigo.
E te sobrevivendo,
sobrevivo.
E meu grito, meu grito,
este és tu, que existes,
meu solo pátrio
e minha bandeira,
terra de Hayastan.

(GHIRAGOSSIAN, neste volume, p. 306)

Os autores aqui representados não esgotam os nomes da plêiade de autores modernos e contemporâneos na poesia armênia, e o livro não se propõe a ser exaustivo neste sentido. Apresentar o caleidoscópio de poemas traduzidos neste livro é um feito extraordinário, pelo qual devemos um reconhecimento a Deize Crespim Pereira, que cria, com este volume, mais uma ponte no encontro de duas culturas - armênia e brasileira. Inédita, como no caso da tradução de Moisés Khorenatsi, da poesia trovadoresca armênia de Nahapet Kutchak, e da poesia cristã de Narekatsi e Shnorhali,

²⁴ OSHAGAN, Vahe. “Literature of the Armenian Diaspora”. *World Literature Today*, vol. 60, no. 2, 1986, pp. 224–228. JSTOR, www.jstor.org/stable/40141687. Acesso em: 1 de Maio de 2020.

esta coletânea é o quarto oferecimento literário de Deize Crespim Pereira para o leitor brasileiro e o universo lusófono em geral.

É preciso observar a qualidade das traduções, feitas com um cuidado e preocupação consistentes de preservar ao máximo a forma, a melodia, o aspecto visual e, sobretudo, de transmitir meticulosamente a eloquência e a emoção dos textos em armênio.

Ao sintetizar seus pensamentos sobre a poesia armênia, Valeri Bryusov, o renomado poeta e tradutor russo, que em 1915 publicara o extenso trabalho intitulado *A poesia armênia desde os tempos antigos até os dias de hoje*, concluiu:

A poesia mundial tem sido comparada propriamente a uma harpa divina, na qual cada nação se apresenta como uma das cordas. Fazer a sua corda soar com um som intrínseco, único e peculiar, de modo que ela soe numa harmonia perfeita com as demais cordas, formando uma melodia mundial única, essa, talvez, é a suprema vocação do poeta nacional armênio. (BRYUSOV, 1966, p. 66)²⁵

O universo poético que se é revelado ao leitor deste livro reúne as melhores cordas da lírica armênia - o grito de liberdade de Nalbandian, a alma do povo em versos de Tumanian, a sabedoria popular de Issahakian, a ternura lírica de Durian e Terian, o pulso de luta em prol da liberdade de Siamanto, a monumental obra de Tcharents, o amor de mãe cantado por Shiraz, a ode a Yerevan de Sevak. Assim, o presente volume é uma aquisição valiosa tanto para o crítico literário como para o apreciador da poesia armênia, ou simplesmente para quem estima e valoriza a beleza da arte poética.

São Paulo, 13 de agosto de 2020.

Lusine Yeghiazaryan

Professora Doutora de Língua e Literatura Armênia- DLO/FFLCH/USP

²⁵ BRYUSOV, V. *A poesia armênia desde os tempos antigos até os dias atuais*. Yerevan, HAYASTAN, 1966. p. 66.

MIKAYEL NALBANDIAN

ՄԻՔԱՅԷԼ ՆԱԼԲԱՆԴԻԱՆ

(1829-1866)

ԱԶԱՏՈՒԹԻՒՆ

Ազատ Աստուածն այն օրից,
Երբ հաճեցաւ շունչ փչել,
Իմ հողանիւթ շինուածքին
Կենդանութիւն պարգեւել.

Ես անբարբառ մի մանուկ
Երկու ձեռքս պարզեցի,
Եւ իմ անգօր թեւերով
Ազատութիւնն գրկեցի:

Մինչ գիշերը անհանգիստ
Օրօրոցում կապկապած
Լալիս էի անդադար,
Մօրս քունը խանգարած,

Խնդրում էի նորանից
Բազուկներըս արձակել.
Ես այն օրից ուխտեցի
Ազատութիւնը սիրել:

Թոթով լեզուիս մինչ կապեր
Արձակուեցան, բացուեցան,
Մինչ ծնողքըս իմ ձայնից
Խնդացին ու բերկրեցան,

LIBERDADE

Desde aquele dia em que o livre Deus
se alegrou em soprar fôlego
para doar vida
ao meu corpo de barro,

Eu, ainda um bebê mudo,
estendi minhas duas mãos
e com meus braços débeis
abraçei a liberdade.

Agitado até a noite,
enrolado no berço,
eu chorava sem cessar,
perturbando o sono de minha mãe.

Eu pedia repetidamente
para ela soltar meus braços,
e desde aquele dia jurei
amar a liberdade.

Quando minha língua muda se soltou
e desatei a falar,
meus pais, com minha voz,
alegraram-se e regozijaram-se.

Նախկին խօսքն, որ ասացի,
Չէր հայր, կամ մայր, կամ այլ ինչ.
Ազատութի՛ւն, դուրս թռաւ
Իմ մանկական բերանից:

«Ազատութի՞ւն», ինձ կրկնեց
Ճակատագիրն վերելից.
«Ազատութեա՞ն դու զինուոր
Կամիս գրուիլ այս օրից:

Ո՛հ, փշոտ է ճանապարհոյ,
Քեզ շատ փորձանք կը սպասէ.
Ազատութիւն սիրողին
Այս աշխարհը խիստ նեղ է»:

— Ազատութի՛ւն, — գոչեցի, —
Թող որոտայ իմ գլխին
Փայլակ, կայծակ, հուր, երկաթ,
Թող դաւ դնէ թշնամին,

Ես մինչ ի մահ, կախադան,
Մինչեւ անարգ մահու սին,
Պիտի գոռամ, պիտ կրկնեմ
Անդադար, «Ազատութի՛ւն»:

A primeira palavra que disse
não foi nem pai, nem mãe, nem qualquer outra;
“liberdade” voou para fora
de minha boca infantil.

— “Liberdade?” — replicou-me
o destino lá de cima.

— “Queres lutar de hoje em diante
como um soldado da liberdade?”

— “Oh, espinhoso é o teu caminho,
muitas tribulações te aguardam.
Este mundo é muito estreito
para quem ama a liberdade.”

— “Liberdade!” — gritei.
— “Pois que troveje sobre minha cabeça
raio, relâmpago, ferro e fogo.
Que o inimigo arme sua emboscada.”

Até a morte, até a forca,
até o vil cadafalso,
bradarei, repetirei,
sem cessar, “liberdade!”

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄԱՆԿՈՒԹԵԱՆ ՕՐԵՐ

Մանկութեան օրեր, երազի նման
Անցաք, գնացիք, այլ չէ՞ք դառնալու.
Ո՛հ, դուք երջանիկ, ո՛հ անհոգ օրեր;
Ընդունակ միայն ուրախացնելու:

Ձեզանից յետոյ եկաւ գիտութիւն,
Իւր ծանր հայեացքով՝ աշխարհի վերայ,
Ամէն բան ընկաւ մտածութեան տակ,
Բոպէ չմնաց ազատ կամ ունայն:

Գիտակցութիւնը յաջորդեց սորան.
Ազգի վիճակը ծանրացաւ սրտիս. . .
Ապուլուն տուեց ինձ իւր քնարը.
Որպէս փարատիչ տրտում ցաւերիս:

Աւա՛ղ. այդ քնարը իմ ձեռքում հնչեց
Նոյնպէս լալազին, նո՛յնպէս վշտահար,
Ինչպէս իմ սիրտն էր, իմ զգացմունքը.
Ուրախացուցիչ չգըտայ մի լար:

Ես այն ժամանակ միայն զգացի,
Որ այդ ցաւերից ազատուելու չեմ,
Որչափ իմ ազգս կը մնայ ստրուկ՝
Օտարների ձեռք, անխօս, տխրադէմ:

DIAS DE INFÂNCIA

Dias de infância, como um sonho,
passastes, fostes embora, para não retornar jamais.
Ó vós, felizes dias sem preocupações,
destinados somente a alegrar.

Depois de vós veio o conhecimento,
com seu olhar duro e pesado sobre o mundo,
tudo foi examinado sob a ótica racional.
Não sobrou nem um minuto livre e vão.

Depois veio a consciência.
O destino da nação pesou em meu coração.
Apolo me deu sua lira
para dissipar minhas tristes dores.

Ai, essa lira, nas minhas mãos,
soou chorosa, aflita,
assim como meu coração, meus sentimentos,
sem tocar um acorde de alegria.

Eu naquele tempo apenas sentia
que dessa dor não iria me libertar,
enquanto minha nação permanecesse escrava
nas mãos do estrangeiro, muda e aflita.

Մանկութեան օրեր, ինչո՞ւ այդպէս շուտ
 Թո՛ւք, գնացիք, անդա՛րձ յաւիտեան.
 Ես այն ժամանակ անհոգ ու ազատ՝
 Կարծում էի ինձ աշխարհի իշխան:

Գերութեան շղթան ինձ զգալի չէր,
 Եւ ո՛չ բռնութեան անգութ ճանկերը.
 Ձեզանից յետոյ ծանրացան նոքա,
 Ո՛հ, անիծում եմ ես այս օրերը:

Լո՛ւտ կաց դու՝ քնա՛ր, այլ մի՛ հնչիր ինձ,
 Ապոլլո՛ն, յետ ա՛ռ դարձեալ դու նորան,
 Տուր մի ա՛յլ մարդու, որ ընդունակ է
 Ջոհ բերել կեանքը սիրած աղջկան:

Ես պիտի դուրս գամ դէպի հրապարակ,
 Առանց քնարի, անզարդ խօսքերով.
 Ես պիտի գոչեմ, պիտի բողոքեմ,
 Խաւարի ընդդէմ պատերազմելով:

Ներկայ օրերում՝ այլ ի՛նչ սեւ քնար,
 Մո՛ւր է հարկաւոր կտրիճի ձեռքին.
 Արիւն ու կրա՛կ՝ թշնամու վերայ,
 Ա՛յս պիտի լինի խորհուրդ մեր կեանքին:

Dias de infância, por que tão depressa
voastes, fostes embora, para não retornar jamais?
Eu naquele tempo livre e despreocupadamente
me achava príncipe do mundo.

Eu não sentia as correntes da escravidão,
nem as cruéis garras da violência.
Depois de vós, pesou a condição de escravo.
Oh, eu maldigo estes dias!

Cala-te lira, não soes mais para mim.
Apolo, te devolvo tua lira.
Dá-la para outro homem,
capaz de sacrificar sua vida por sua amada.

Eu vou sair à praça pública
sem lira, com palavras simples,
eu gritarei, protestarei,
lutando contra a escuridão.

Nos dias de hoje, no lugar de uma lira triste,
precisamos de uma espada nas mãos do jovem valente.
Sangue e fogo sobre o inimigo;
este será o lema de nossa vida.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

PETROS DURIAN

ՊԵՏՐՈՍ ԴՈՒՐԵԱՆ

(1851-1872)

ՄԻՐՆՑԻ ՔԵԶ

Շաղի, շողի ժամք էին.
Վարդից հրդեհ կար յերկին՝
Փոխան ամպոց հուր հիւսքի.
Տեղա՛ր մարգրիտ եւ ոսկի:

Թաւուտքի մը խոր ծաղկոտ
Ընկողմանած նըւաղկոտ՝
Կը հեւայիր դու տժգոյն,
Ամրան սիւքի մը հանգոյն:

Աչերդ սիրոյ Ատրուշա՛ն...
Եւ մատներովդ զերթ շուշան՝
Կը փետտէիր ծաղիկ մի,
Յառած շողից աչքդ երկնի:

Հիանայի թէ ի՛նչպէս
Փետտել թերթեր վարդին վէս՝
Եւ թափթըփել քու գիրգ գիրկ
Կը զօրէին մատներդ գիրգ:

Եւ նըւաղկոտ այլ աչեր
Նըշուլէին նո՛ր եթեր,
Եթեր մաստեղց ուր փոխան
Հրաշէկ սլաքք կը շողան:

AMEI-TE

Era hora do orvalho, do raio;
no céu havia fogo da rosa,
em vez da trança de fogo das nuvens,
e chovia pérola e ouro!

No fundo de uma floresta frondosa e florida,
deitada languidamente,
tu ofegavas pálida
como uma brisa de verão.

Teus queridos olhos, um templo de fogo!...
E com teus dedos lírios
colhias uma flor;
teus olhos, raios de luz fitos no céu.

E me encantava como
teus ternos dedos se atreviam
a arrancar as pétalas de rosa majestosa,
derrubando-as em teu delicado peito.

E teus olhos lânguidos
refletiam um céu diferente, novo,
um céu onde, em vez de estrelas,
brilhavam flechas flamejantes!

Ըրիբ աչացո մէկ կայծին
Եւ մէկ վանկիդ զիս գերին,
Շղթայեցիր զիս , անգո՛ւրթ,
Նշոյլներովն վեհ հոգւոյդ:

Թո՛ղ սիրտս, ինձմէ գնա հեռի,
Չուզեմ հոգւոյս թագուհի
Քեզ, որուն կուրծն վարդի թերթ,
Այլ կըրանիս սիրտն է գէթ:

Դու, որ գիտես լոկ բուրել,
Գիրգ սրտերու վերք փորել,
Եւ կը սիրես , երբ կարի՛
Քեզ պաշտող սիրտն արիւնի:

Թաւուտքի մը շուք նըսեմ
Երբոր մենիկ արտասուեմ,
Հոն ես դու, կը գտնես զիս,
Տերեւներէ՛ն կը խօսիս:

Երբ առուակին մէջ փաղփուն
Կուզեմ մոռնալ դէմքըդ , դուն
Դարձեալ հոն կը գտնես զիս,
Ալիներէ՛ն կը ժպտիս:

Com uma única centelha de teus olhos,
com uma única sílaba, fizeste-me escravo,
acorrentaste-me, cruel,
com os raios de luz de tua alma sublime.

Deixa meu coração, vá para longe de mim.
Não te quero como rainha de minha alma.
Tu cujo seio são pétalas de rosa,
mas cujo coração é somente granito.

Tu que sabes apenas exalar perfume
e cavar feridas em corações delicados,
e gostas quando o coração do admirador
sangra profusamente por ti!

Sempre que choro sozinho,
na sombra escura de um bosque
lá estás tu, que me encontras
e me falas em meio a folhagem!

Quando no riacho brilhante
quero esquecer tua face,
tu lá retornas e me encontras
e me sorri em meio às ondas!

Երբ կը փախչիմ ժայռ ու սար՝
Ջախջախել սիրտս եւ քընար,
Հովին մեջէն միշտ մնչես՝
Թէ դու բնաւ զիս սիրած չես:

Գրկեմ սրտովս արդ ցուրտ հող,
Ի՛նչ չը դիպիմ քեզի թող.
Կոյս մէ՛ նաեւ գերեզման...
Կա՞յ խորունկ սիրտ մանոր նման...

Quando fujo para penhascos e montanhas
para despedaçar meu coração e lira,
sempre murmuras no vento
que jamais me amaste.

Então abraço com meu coração a terra gelada,
para que assim eu não te toque.
A cova também é uma virgem.
Existe um coração tão profundo quanto o dela?

TRADUÇÃO DE AMANDA PACHECO MURAS E DEIZE CRESPIM PEREIRA

ԻՄ ՄԱՀԸ

Եթէ տժգոյն մահու հրեշտակ
Անհուն ժպտով մ'իջնէ իմ դէմ...
Շոգիանան ցաւքս ու հոգիս,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

Եթէ սընարըս իմ տիպար
Մոմ մը վըտիտ ու մահադէմ
Ո՛հ, նըշուլէ ցուրտ ճառագայթ,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

Եթէ ճակտովս արտօսրագօծ
Զիս պատանի մէջ ցուրտ զերթ վէմ
Փաթթեն, դընեն սեւ դագաղը,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

Եթէ հընչէ տխուր կոչնակ,
Թրթռուն ծիղաղն մահու դժխեմ,
Դագաղս առնէ իր յամր քայլ,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

Եթէ մարդիկն այն մահերգակ,
Որք սեւ ունին եւ խոժոր դէմ՝
Համասըփոեն խունկ ու աղօթք,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

MINHA MORTE

Se um pálido anjo da morte
descer até mim com um imenso sorriso...
evaporando minha dor e minha alma,
saibam que ainda estou vivo.

Se na cabeceira de minha cama
uma vela fina e pálida como a morte
oh! Irradiar um gélido brilho,
saibam que ainda estou vivo.

Se cobrirem minha testa unvida de lágrimas
com uma mortalha fria como pedra,
e me colocarem num caixão escuro,
saibam que ainda estou vivo.

Se soar um triste sino
e a risada vibrante da morte nefasta,
e meu caixão der seus lentos passos,
saibam que ainda estou vivo.

Se aqueles homens que cantam cantos fúnebres
com expressão negra e ameaçadora
espalharem incenso e oração,
saibam que ainda estou vivo.

Եթ՛ յարդարեն իմ հողակոյտ,
Եւ հեծեծմամբ ու սրգալէն
Իմ սիրելիքը բաժնրւին,
Գիտցէ՛ք որ դեռ կենդանի եմ:

Իսկ աննըշան եթէ մնայ
Երկրի մէկ խորշն հողակոյտն իմ,
Եւ յիշատակս ալ թառամի,
Ա՛հ, ա՛յն ատեն ես կը մեռնիմ:

Se adornarem meu túmulo,
e com um gemido e choro
os meus queridos de mim se separarem,
saibam que ainda estou vivo.

Mas se sem nome permanecer
meu túmulo, como uma cova qualquer,
e minha memória também desvanecer,
ah! Então de fato morri.

TRADUÇÃO DE AMANDA PACHECO MURAS

ԱՌ ՄԱՅԻՍ

Ծաղիկներու մայրի՛կ դու կույս՝
Ով իմ Մայի՛ս ծաղկահանդերձ,
Սա երփներանգ ծաղկոքդ հանդերձ
Է՞ր չը բերիք Ծաղիկն հոգվույս:

Ո՛հ, միթե կա՞ այլ զըվարթուն
Մայիս հոգվո ծաղիկներու.
— Նա փողփողե վերև գլխու,
Մի դալկահար Մայիս անհուն:

PARA MAIO

Tu, virgem, mãezinha das flores!
Ó meu Maio de traje florido,
com estas tuas flores multicoloridas
por que não trouxeste flores para minha alma?

Oh! Será possível haver outro
alegre Maio para as flores da alma?
— Ele brilha sobre a cabeça,
um pálido Maio infinito.

TRADUÇÃO DE AMANDA PACHECO MURAS E DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՆԷ

Վարդը գարնայնի
Թէ կոյսին տիպար
Այտերուն չըլլար`
Ո՞վ կյարգէր զանի:

Թէ չը նմանէր
Կապոյտն եթերաց
Կոյսին աչերաց`
Երկինք ո՞վ կնայէր:

Թէ կոյսը չըլլար
Սիրուն ու ամբիծ,
Աստուածն այն երկնից
Մարդ ո՞ր կը կարդար:

ELA

Se a rosa primaveril
não fosse a imagem
das bochechas da virgem,
quem veneraria a rosa?

Se este azul etéreo
não se parecesse
com os olhos da virgem,
quem olharia os céus?

Se a virgem não fosse
bela e pura,
como os homens decifriariam
o Deus que está no céu?

TRADUÇÃO DE AMANDA PACHECO MURAS E DEIZE Crespim Pereira

VAHAN TERIAN

ՎԱՀԱՆ ՏԷՐԵԱՆ

(1885-1920)

ԼՈՒՍԱԲԱՑԻՆ

Լուսաբացին նա բարձրացաւ կախաղան...
(Արեւածագ, օ՛, արշալոյս արիւնոտ),
Կանգնած էին զինուորներն ու քահանան,
Գունատ ու լուռ կանգնած էին նրա մօտ...

Ծեր քահանան ո՛չ մի աղօթք չէր յիշում...
(Միրտը նրա շշնջում էր՝ անիծի՛ր),
Լուսածագի ծիրանավառ մշուշում,
Ցայտում էին ճաճանչները ցան ու ցիր...

Մռայլ սպան լուռ շրջում էր աջ ու ձախ...
(Արդէօք յիշե՞ց նա իր մօրը հեռաւոր),
Գունատում էր սեւ գիշերը եւ ուրախ
Արեգակն էր ոսկեգօծում սար ու ձոր...

Լուսաբացին նա բարձրացաւ կախաղան...
(Արեւածագ, օ՛, արշալոյս արիւնոտ),
Կանգնած էին զինուորներն ու քահանան,
Գունատ ու լուռ կանգնած էին նրա մօտ...

NA AURORA

Na aurora, ele subiu à forca...

(Nascer do sol, oh, aurora ensanguentada!)

Ficaram de pé os soldados e o padre,
pálidos e calados permaneceram ali perto dele...

O velho padre não se lembrava de nenhuma oração...

(O seu coração sussurrava: “Maldiga!”)

Na névoa do alvorecer alaranjado,
rompiam raios de luz aqui e ali...

O tético oficial silenciosamente balançou para a direita e esquerda...

(Acaso se lembrou de sua mãe distante?)

A noite negra já empalidecia
e o alegre sol dourava a montanha e o vale...

Na aurora, ele subiu à forca...

(Nascer do sol, oh, aurora ensanguentada!)

Ficaram de pé os soldados e o padre,
pálidos e calados permaneceram ali perto dele...

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄՇՈՒՇԻ ՄԻՋԻՑ

Մշուշի միջից, — տեսի՛լ դիտական,—
 Բացում է կրկին Նաիրին տրտում.
 Ո՞ր երկրի սրտում թախիժ կայ այնքան,
 Եւ այնքան ներում — ո՞ր երկրի սրտում...
 Որտե՞ղ են քարերն այնպէս վերամբարձ
 Ձեռների նման պարզուած երկնքին,
 Որտե՞ղ է աղօթքն այնպէս վեհ ու պարզ
 Եւ զոհաբերումն այնպէս խնդագին...
 Որտե՞ղ է խոցում այնպէս չա՛ր ու խոր
 Մի՛րտը մարդկային դաշույնը քինոտ.
 Որտե՞ղ է հոգին այնպէս վիրաւոր,
 Եւ անպարտ երկիրն այնպէ՛ս արինոտ...

EM MEIO À NÉVOA

Em meio à névoa — uma visão mágica —
surge de novo a tristeza de Nairi.
No coração de qual terra há tamanha dor
e tamanho perdão — no coração de qual terra?...
Onde há pedras assim tão elevadas,
como mãos estendidas aos céus?
Onde a prece é tão singela e sublime
e tão jubilosa a oferta?...
Onde o punhal rancoroso fere assim
tão maldosa e profundamente o coração humano?
Onde há alma assim tão magoada
e terra inocente assim tão ensanguentada?...

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՀՐԱԺԵՇՏԻ ԳԱԶԵԼ

Ամէն վայրկեան սիրով տրտում՝ ասում եմ ես մնաս բարով.

Բո՛րք արեւին իմ բոց սրտում ասում եմ ես մնաս բարով:

Մնաք բարով, ասում եմ ես, բոլոր մարդկանց՝ չար ու բարի,

Տանջուող ու որք Աղամորդուն՝ ասում եմ ես մնաս բարով:

Մնաք բարով, ասում եմ ես, ընկերներիս՝ մօտ ու հեռու,

Ոտխներիս՝ չար ու արթուն, ասում եմ ես մնաք բարով:

Երկնի մովին, կանաչ ծովին, անտառներին խոր ու մթին,

Գարնան ամպին լոյս ոլորտում, ասում եմ ես մնաք բարով:

Ոսկեշղթայ իմ յուշերին, իմ գիշերին, իմ փշերին,

Արտոյտներին ոսկի արտում, ասում եմ ես մնաք բարով:

Ծաղիկներին դեռ չբացուած, դեռ չկիզուած հոգիներին,

Մանուկներին վառ-խլրտուն, ասում եմ ես մնաք բարով:

Գնում եմ ես մի մութ աշխարհ, հեռու երկիր, էլ չե՛մ գալու,

Բարի՛ հիշեք ինձ ձեր սրտում, մնաք բարո՛վ, մնաք բարո՛վ:

SONETO DE DESPEDIDA

A cada instante, com um amor triste, eu digo: “Fique em paz”.

Ao sol ardente no meu coração em chamas, eu digo: “Fique em paz”.

“Fique em paz” eu digo a todos os homens bons ou maus.

Aos sofridos e órfãos filhos de Adão eu digo: “Fique em paz”.

“Fique em paz” eu digo aos meus amigos próximos e distantes.

Aos meus inimigos maus e vigilantes eu digo: “Fique em paz.”

Ao azul do céu, ao verde do mar, aos bosques negros e profundos,

à nuvem primaveril nos espirais de luz eu digo: “Fique em paz.”

Aos fios de ouro de minhas memórias, às minhas noites, aos meus tormentos,

às cotovias no campo dourado eu digo: “Fique em paz.”

Às flores que ainda não se abriram, às almas ainda não abrasadas,

às crianças fogosas e agitadas eu digo: “Fique em paz.”

Vou a um mundo negro, a uma terra distante, não voltarei.

Guardem no coração boas lembranças de mim, fiquem em paz, fiquem em paz.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ԱՐԱՐԱՏԻՆ

Երկնասլաց ու թեթև,
 Նրբակապոյտ ծածկած մեզ,
 Դու հրեշտակ լուսաթել՝
 նիւթեղէն չես դու երբեք:
 Հայոց արնոտ աշխարհի
 Հոգին ես դու անարատ,
 Հուրը հար թող հրահրի
 Մեզ ճակատիդ, Արարատ:
 Եվ ավերվող մեր սրտում
 Եռա անմար ու առատ,
 Դո՛ւ, պահապան մշտարթուն,
 Լուսակատար Արարատ...

Չեմ տեսել քեզ, բայց որպէս
 Անուշ ցնորք իմ հոգում,
 Պայծառ ես դո՛ւ, հրակէ՛զ,
 Հրապսակ ու կանգուն —
 Արդար դրոշ հայութեան,
 Միրո սեղան հրառատ,
 Դո՛ւ իմ երկրի հարութեան
 Անխաբ վկա, Արարատ.
 Որքան մնանք մենք նկուն,
 Որքան խավարն իջնի խոր,
 Ծիրանավո՛ր, մեր հոգուն
 Դո՛ւ, պահապա՛ն զօրաւոր...

AO ARARAT

Celeste e leve,
coberto por uma fina névoa azul,
tu, anjo de asa luminosa,
nunca és material.
Do mundo ensanguentado dos armênios
tu és o espírito puro.
Que sempre se aticem as chamas do fogo
em tua fronte altiva, Ararat!
No nosso coração despedaçado
tu ferves inextinguível e copiosamente,
tu, guardião sempre desperto,
iluminado Ararat!

Não te vejo, mas quão doce
é a quimera em meu espírito.
Tu resplandesces, reluzente,
elevado com tua coroa de fogo!
Justa bandeira da armenidade,
coração no fogo do altar,
tu és a testemunha fiel
da ressurreição de minha terra, Ararat!
Quanto mais somos oprimidos,
quanto mais a escuridão desce às profundezas,
mais tu és o guia de nosso espírito,
tu, guardião poderoso!

Որպէս երազ լուսեղէն
Ձինապայծառ ու շողուն՝
Դո՛ւ, անխորտակ ապավեն
Հրաճարակ մեր հոգուն.
Կանգնի՛ր, անկյալ ժողովուրդ,
Եւ հավատա՛, եւ տոկա՛.
Կայ քո վշտում վեհ խորհուրդ,
Եւ Խաչվածին մահ չկայ.
Պարզուի՛ր պայծառ դէպի վեր,
Տոլա՛ հրով անարատ,
Երկրիս՝ մոխիր ու ավեր,
Դո՛ւ անմահ սիրտ, Արարա՛տ...

Tu és como um sonho iluminado
de neve brilhante e radiante,
tu, refúgio indestrutível
para nosso espírito incendiado.
Levante-se, ó povo caído,
e tenha fé e resista!
Há na sua aflição uma exortação dos céus,
e para o Crucificado não há morte.
Estenda teu brilho em direção às alturas,
reluz com fogo puro!
De nossa terra em ruínas e cinzas
tu és o imortal coração, Ararat!

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄԻ՛ ԽԱՌՆԵՔ ՄԵՁ

Մի՛ խառնեք մեզ ձեր վայրի, արջի ցեղերին,—
Մեր երկիրը ավերված, բայց սուրբ է և հին.

Որպես լեռն է մեր պայծառ տեսել հազար ձյուն,
Այնպես նոր չեն մեզ համար դավ ու դառնություն:

Բարելոնն է եղել մեր ախոյանը՝ տե՛ս —
Անհետ կորել, անցել է — չար մշուշի պես:

Ասորիքն է եղել մեր թշնամին — ահա՛
Դաշտ է տեղը և չըկա քար քարի վրա:

Ամրակուռ է մեր հոգին — դարերի զավակ՝
Շատ է տեսել մեր սիրտը ավեր ու կրակ:

Շատ է տեսել երկիրն իմ ցավ ու արհավիրք,
Լաց է այնտեղ ամեն երգ և ողբ ամեն գիրք:

Գերված ենք մենք, ո՛չ ստրուկ — գերված մի արծիվ,
Չարության դեմ վեհսիրտ միշտ, վատի դեմ ազնիվ:

Բարբարոսներ շատ կը գան ու կանցնեն անհետ,
Արքայական խոսքը մեր կը մնա հավետ:

NÃO NOS MISTUREM

Não nos misturem a vossas raças grosseiras e selvagens, —
nossa terra devastada é, contudo, antiga e santa.

Como nossa luminosa montanha viu nevascas mil passarem,
assim também não são novidade para nós conspiração e desgosto.

A Babilônia foi nossa rival, olha para ela —
se perdeu, passou, sem deixar rastro — como uma névoa ruim.

A Assíria foi nossa inimiga — e eis ela:
um campo raso e não restou pedra sobre pedra.

Forte é nosso espírito — filho dos séculos,
muitas vezes nosso coração viu ruína e fogo.

Muitas vezes minha terra viu dor e terror,
lá todo canto é um pranto, todo livro, uma lamentação.

Fomos escravizados, mas nunca subservientes — uma águia cativa;
frente a maldade um grande coração, sempre gentil frente o mau.

Os bárbaros vêm e vão sem deixar rastros,
nossa palavra majestosa permanece para sempre.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

**RAFFI (HAKOB MELIK
HAKOBIAN)**

**ՐԱՏՏԻ (ՅԱԿՈՒԲ ՄԵԼԻԿ-
ՅԱԿՈՒԲԵԱՆ)**

(1835-1888)

ՁԱՅՆ ՏՈՒՐ, Ո՛Վ ԾՈՎԱԿ...

Ձա՛յն տուր, ով ծովակ, ինչո՞ւ լռում ես.
 Ողբակից լինել չկամի՞ս դժբախտիս:
 Շարժեցե՛ք, զեփիւոք, ալիքը վէտ-վէտ.
 Խառնէք արտասուքս այս ջրերիս հետ:

Հայաստանի մէջ անցքերին վկա,
 Սկզբից մինչ այժմ, ինդրեմ, ինձ ասա՛.
 Մի՞թե միշտ այսպէս կը մնայ Հայաստան՝
 Փշալից անապատ, երբեմն բուրաստան:

Մի՞թե միշտ այդպէս ազգը խղճալի,
 Կը լինի ծառայ օտար իշխանի,
 Մի՞թե Աստուծոյ աթոռի մօտին
 Անարժան է հայն եւ հայի որդին:

Արդեօք գալո՞ւ է մի օր, ժամանակ,
 Տեսնել Մասիսի գլխին մի դրօշակ,
 Եւ ամէն կողմից պանդուխտ հայազգիք
 Դիմել դէպ իւրեանց սիրուն հայրենիք:

Դժվար այդ. միայն, տեսուչըդ վերին,
 Կենդանացրո՛ւ հայութեան հոգին,
 Ծագի՛ր նոցա դու քո լոյս գիտութեան,
 Որով իբր էակ նոքա բանական,
 Կը ճանչեն մարդուս կեանքի խորհուրդը,
 Կը լինին գործովք տիրոջ փառաբան:

SOLTA TUA VOZ, Ó LAGO...

Solta tua voz, ó lago, por que estás assim calado?
Não queres juntar-te ao lamento de meu infortúnio?
Forma, Zéfiro, suas ondas,
une minhas lágrimas a estas águas.

Testemunha do que se passou na Armênia,
desde o princípio até agora, me diz, por favor,
será que a Armênia sempre permanecerá assim:
deserto espinhoso onde outrora fora jardim de flores?

Será que esta nação miserável
será sempre escrava de príncipes estrangeiros?
Será que os armênios e seus filhos não são dignos
de estarem ao lado do trono de Deus?

Acaso chegará um dia, um tempo,
em que se verá uma bandeira no topo do Massis,
e de todos os lados os expatriados armênios
vão dirigir-se à bela Armênia?

Difícil será isto, senão para aquele que tudo vê das alturas.
Vivifica a alma do povo armênio.
Faz nascer neles a luz de tua sabedoria.
E que tal como entes racionais,
eles conheçam o mistério da vida humana,
e por meio de suas obras deem glórias ao Senhor.

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

**SIAMANTO (ATOM
YARTCHANIAN)**

**ՄԻԱՄԱՆԹՕ (ԱՏՈՄ
ԵԱՐՃԱՆԵԱՆ)**

(1878-1915)

ԵՍ ԵՐԳԵԼՈՎ Կ՝ՈՒԶԵՄ ՄԵՌՆԻԼ

Ա

Սպասումիս եւ Յոյսիս քաղցրութեանը հետ մինակ էի այդ իրիկուն,
 Եւ Փրկութեան ու Տառապանքի նժարովը Հայրենիքին բախտը կը կշռէի...
 Երբ հեռակայ տանս դուռը, գիշերուան սարսափին մէջէն, ուժգնապէս
 բախեցին,
 Եւ ժպտուն՝ ընկեր մը ներս մտաւ, շքեղօրէն գեղեցիկ, եղբայրադէմ եւ ահաւոր...

Բ

Երիտասարդ էր: Աչուրներուն կայծը երկինքի աստղերէն էր որ կը ծորէր,
 Եւ հասակին ձեւերը մարմարներու զօրութիւններէն էր կերտուած...
 Ստածումը մարդկային արդարութեան էջերէն յստակօրէն ջահավառեալ...
 Ճակտին վրայ իրենց ցաւի եւ բարութեան ծաղկըներն ունէին:

Գ

Ստերմաբար քով քովի, Հայրենիքին տառապանքէն կը խօսէինք,
 Իր ծանրախոհ գլուխը սգաւոր կիսաստուածի մը արիւնտ սրտին կը նմանէր...
 Նայուածքները նայուածքներուս մէջ նոյն ճակատագրին խորհրդանիշը
 փնտռեցին...
 Եւ մեր տրտում ժպիտները հոգիէ հոգի մեղմօրէն ճառագայթուեցան:

Դ

Ժամերով լռին էր: Լռին էի: Յիշատակի հեծեծանքներ մեր աչքերը թրջեցին...
 Եւ լամպարիս կապոյտ լոյսը, սեղանիս վրան, այլեւս արիւններու նման վար կը
 թորար...
 Տժգունեցայ ես՝ ինչպէս երազ մը, որ առաւօտին երեւումէն կ'անհետի...
 Բայց ինք՝ հերոսատիպ եւ հպարտ, ձեռքս ձեռքին մէջ՝ ոտքի՝ ինձի ըսաւ...

QUERO MORRER CANTANDO

A

Com a doçura de minha espera e de minha esperança eu estava só essa noite.

E com a balança da salvação e do sofrimento eu pesava a sorte da Armênia...

Foi quando na porta de minha casa distante, em meio ao terror da noite, bateram

[fortemente.

E um sorridente amigou entrou, esplendidamente belo, feição fraterna e espantoso...

B

Era jovem. O brilho de seus olhos faiscantes emanava das estrelas do céu.

As formas de sua estatura eram edificadas com a força do mármore...

Seu pensamento era claramente iluminado com as páginas da justiça humana...

Na sua frente carregava suas flores de bondade e de dor.

C

Bem de perto falamos confidencialmente sobre o sofrimento da pátria.

Sua cabeça sensata se assemelhava ao coração ensanguentado de um semideus em

[duelo...

Seu olhar buscou em meu olhar o símbolo do mesmo destino...

E nossos sorrisos tristes de alma para alma brilharam suavemente.

D

Ficou calado por horas, assim como eu. Soluços de lembranças deixaram nossos olhos

[lacrimajantes...

E a luz azul da lamparina sobre minha mesa também se derramava como sangue...

Eu estava pálido como um sonho que desaparece ao despertar da manhã...

Mas ele, imagem do herói orgulhoso, minhas mãos entre as suas, de pé me falou...

Ե

— «Այս իրիկուն՝ հաւատքի եւ հրաժեշտի իրիկունս է, ընկե՛ր,

Երիվարս թամբած եմ արդէն՝ եւ կեանքի ու կոռուի տենդէն՝ դուռիդ առջեւը կը վրնջե՛...

Եւ տե՛ս, հասակէս վար անբիծ սուրս մերկ է, մերկութեամբը գերմարդկային վճիռներուն:

Ճակատդ շրթունքիս մօտեցո՛ւր... հաւատքի ու հրաժեշտի իրիկունս է, ընկե՛ր:

Զ

Եւ դուն սա՛ մաքրափայլ թերթերուդ վրան, ցեղին ցաւը եւ ցեղին ուժը քանաստեղծե՛,

Ապագայ սերունդներուն եւ մեր անցեալին տխրութեանն ի նուէր.

Ես որք մըն եմ եւ ըմբօստ մը, մնա՛ս քարեաւ, կորուսեալներս փնտռելն՝ ւ կէրթամ...

Քու երգերէդ երգ մը տո՛ւր ինձ, ե՛րգ մը, ես երգելն՝ վ կուգեմ մեռնիլ...»:

E

—“Esta noite, amigo, é a minha noite de fé e despedida.

Já selei meu corcel e ele relincha em frente a tua porta com a febre da vida e da luta...

E veja, nas minhas costas minha espada imaculada está nua, com a nudez das

[sentenças sobre-humanas.

Aproxima tua frente de meus lábios... esta noite, amigo, é a minha noite de fé e

[despedida.

F

E tu, sobre estas páginas imaculadas, poetiza sobre a dor da raça e a força da raça,
como uma oferta à tristeza de nosso passado e às gerações do futuro.

Eu sou um órfão e um rebelde; tu fica em paz; vou a procura dos que perdi...

Dá-me um canto de teus cantos, só um canto, pois cantando quero morrer...”

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՊԱՐԸ

Եւ արցունքներն իրեն կապոյտ աչքերուն մէջ խեղդուելով,
Մոխրադաշտի մը վրայ, ուր հայ կեանքը դեռ կը մեռնէր,
Այսպէս պատմեց մեր սարսափին ականատես Գերմանուհին.

Այս անպատմելի պատմութիւնը, որ ձեզ կ'ընեմ,
Եւ իմ անգութ աչքերովս այս մարդկային,
Իմ անվտանգ տնակիս գեհենադիր լուսամուտէն,
Ակոսներս կրճտելով ու զայրոյթէս զարհուրելի...
Այս աչքերովս անգթօրէն մարդկային, ես տեսայ:
Մոխրակոյտի վերածուած Պարտեզ քաղաքին մէջն էր:
Դիակները դիզուած էին մինչեւ կատարը ծառերուն,
Եւ ջուրերէն, աղբիւրներէն, առուններէն, ճամբաներէն
Ձեր արիւնին կարկաչիւնն ըմբոստաձայն...
Դեռ ականջիս իր վրէժն ահաւասիկ որ կը խօսի...

Օ՛, չի սոսկաք, երբ անպատմելի պատմութիւնս ձեզի պատմեմ...
Թո՛ղ մարդերը հասկնան մարդուն ոճիրը մարդուն դէմ,
Երկու օրուան արեւին տակ, գերեզմանին ճամբուն վրայ
Մարդուն չարիքը մարդուն դէմ,
Թո՛ղ աշխարհիս բոլոր սրտերն իմանան...:
Այդ մահաշուք առաւօտը կիրակի էր,
Դիակներուն վրայ ծագող առաջին եւ անօգուտ կիրակին,
Երբ սենեակիս մէջը, իրիկունէն մինչեւ արշալոյս,
Դաշունահար աղջկան մը հոգեվարքին վրայ ծռած՝
Արցունքներովս անոր մահը կը թրջէի...
Յանկարծ հեռուն սեւ խուժան մը անասնական
Քսան հարսներ իրենց հետ՝ մոլգնօրէն մտրակելով,
Շուայտութեան երգերով այգիի մը մէջ կանգնեցան:

A DANÇA

Com seus olhos azuis afogados em lágrimas,
sobre um campo de cinzas onde a vida armênia morria,
assim narrou a alemã, testemunha ocular de nosso terror:

Esta história inenarrável que eu vos conto agora,
com estes meus cruéis olhos humanos,
à salvo da janela infernal de minha casa,
rangendo terrivelmente os dentes de raiva...
com estes meus olhos cruelmente humanos eu vi.
Era o jardim da cidade reduzido a um monte de cinzas.
Os corpos amontoavam-se até o topo das árvores,
e nas águas, nas fontes, nos riachos, nas estradas,
o murmúrio rebelde do vosso sangue correndo...
Eis que a sua vingança ainda fala nos meus ouvidos...

Ó, não vos aterrorizeis, quando vos conto esta história inenarrável...
Que os homens entendam o crime dos homens contra os homens!
Durante dois dias sob o sol, na estrada de túmulos,
a maldade do homem contra o homem,
Que o coração do mundo inteiro saiba!...
Aquela manhã com sombras da morte era um domingo,
o primeiro domingo que amanhecia inutilmente sobre aqueles corpos,
quando no meu quarto, do final da tarde até a aurora,
curvada sobre a agonia de uma garota apunhalada,
eu regava sua morte com minha lágrimas...
De repente, de longe, uma gentalha negra e animal,
uma multidão furiosa chicoteando vinte noivas,
com canções lascivas, ergueu-se na vinha.

Ես, կիսամեռ խեղճ աղջիկն իր խշտեակին վրայ լքած,
 Դժոխհայեաց պատուհանիս պատշգամին մօտեցայ...:
 Այգիին մեջ սեւ խուժանն անտառացաւ:
 Վայրենի մը՝ հարսներուն. — Պէտք է պարէ՛ք, որոտաց,
 Պէտք է պարէ՛ք, երբ մեր թմբուկը հնչէ:
 Եւ մտրակներն սկսան մահակարօտ հայ կիներուն
 Մարմիններուն վրայ կատաղութեամբ մը շառաչել...
 Քսան հարսերն ձեռք ձեռքի, իրենց շուրջպարն սկսան...
 Աշուրներէն իրենց արցունքը վերքերու պէս կը հոսէր,
 Ա՛հ, ես ո՛րչափ նախանձեցայ իմ դրացի վիրաւորիս,
 Որովհետեւ լսեցի, որ հռնդիւնով մը հանդարտ,
 Տիեզերքն անիծելէն, խեղճ հայուհին գեղադէմ
 Իր տատրակի շուշան հոգւոյն դէպի աստղերը թել տուաւ...

Ունայնօրէն կռուփներս ամբոխին դէմ շարժեցի:
 «Պէտք է պարէք, կոռնար խուժանը մոլեգիւն,
 Մինչեւ ձեր մահը պէ՛տք է պարէք, դո՛ւք պագշոտօրէն եւ ցոփութեամբ,
 Մեր աչքերը ծարաւի են ձեր ձեւերուն եւ ձեր մահուան...»:
 Քսան հարսներն գեղադէմ գետին ինկան պարտասաճ...:
 «Ոտքի՛ ելէք», գոռացին, մերկ սուրերնին օձերու պէս շարժելով...
 Յետոյ մէկը սափորով մը քարիւղ բերաւ խուժանին...
 Ո՛վ մարդկային արդարութիւն, թո՛ղ ես թքնեմ քու ճակատիդ...
 Քսան հարսներն շտապով այդ հեղուկով օծեցին...
 «Պէ՛տք է պարէք, որոտաց, ահաւասի՛կ ձեզի բուրմունք մը, որ Արաբիան իսկ չունի...»:
 Յետոյ ջահով մը բռնկեցուցին մերկ մարմինները հարսներուն,
 Եւ ածխացած դիակները պարին մեջէն դէպի մահը գլորեցան...
 Զարհուրանքէս՝ պատուհանիս փեղկերը փոթորիկի մը պէս փակելով՝
 Իմ մենաւոր մեռեալիս մօտենալով հարցուցի.
 Ի՞նչպէս փորել այս աչքերս, ի՞նչպէս փորել, ըսէ՛ ինձ...:

Eu abandonei a pobre garota moribunda sobre o leito
e aproximei-me da visão infernal da sacada de minha janela...
Na vinha uma negra multidão se plantou.
Um selvagem troava para as noivas:
— “Dancem, dancem, enquanto toca nosso tambor.”
E as chicotadas começaram a estalar furiosamente
sobre os corpos das mulheres armênias que desejavam a morte...
Vinte noivas de mãos dadas iniciaram a dança de roda...
As lágrimas dos seus olhos feriam como chagas.
Ah, como invejei as feridas de minha vizinha,
pois eu ouvia ela murmurar calmamente maldizendo o mundo,
a pobre garota armênia de rosto bonito,
dando asas para sua alma-pomba branca em direção às estrelas...

Em vão movi meu punho contra a multidão.
— “Dancem!” — uivava a gentalha furiosa,
— “Dancem até tua morte, com luxúria e libertinagem,
nossos olhos estão sedentos de tuas formas e de tua morte...”
As vinte belas noivas caíram no chão extenuadas...
— “Levantem-se” — gritavam, movendo como serpentes suas espadas nuas...
Então, alguém trouxe uma jarra de querosene para a gentalha...
Ó justiça humana, que eu cuspa na tua cara!...
E ungiram as vinte noivas rapidamente com o líquido...
— “Dancem!” — troavam — “E eis uma fragrância que a Arábia não tem...”
Então, com uma tocha inflamaram os corpos nus das noivas,
e os cadáveres carbonizados dançavam enquanto rolavam para a morte...
E de espanto fechei a cortina da janela como contra uma tempestade.
E aproximando-me de minha morta solitária, perguntei a ela:
Como arrancar isto de meus olhos, como arrancar, diga-me?...

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՆԱԻՍՍԱՐԴԵԱՆ ԱՂՕԹՔ ԱՌ ԴԻՑՈՒՇԻՆ ԱՆԱՇԻՏ

Ո՛վ Դիցուհի, ես մեղկութեան կրօններէն ահա իմ խիղճս լուացի
 Ու պերճօրէն դեպի գՔեզ կը քալեմ: Հողաթափներս դեռ սուրբ են:
 Բա՛ց մարմար դուռը մեհեանիդ, անոր դիմաց ես ճակատդ թող արիւնեմ...
 Բա՛ց բազինըդ եւ տո՛ւր ինձի շէկ զօրութիւնը Արտաշիսեան նախնիքներու...:
 Լսե՛ ինձի, Ոսկեղէն մա՛յր, քո՛յր արգաւանդ, քո՛յր բարութեան,
 Առատութեանց պարգեւիչ եւ Տիրուհիդ հին հայոց,
 Նաւասարդի առ աւօտով Քու նախկին ցեղդ ահաւասիկ կը ցնծա՛յ...
 Թոյլ տուր որ ես, ծնրադիր՝ ձեւիդ առ ջեւ աղօթեմ...:

Լսե՛ ինձի, Հրաշքի՛ Վարդ, ոսկի ոտքով աստուածուհի,
 Գիշերային սպիտակ Հարս եւ Տարփուհիդ Արեգական
 Եւ լուսամարմին մերկութիւն Արամազդեան Առագաստի,
 Արեւն իր մէկ ճառագայթով թո՛ղ քու բազինդ դարձեալ վառ է...:
 Կը հաւատամ ես ի Քեզ: Բագրեւանդեան բլուրներուն վրայ կանգուն,
 Ես՝ բազմադարեան դիցապաշտ եւ նիզակազէն քու որդիդ,
 Իբր առաքեալ եւ խնդրարկու Քեզի կու գամ վեհօրէն, —
 Լսե՛ ինձի, Հայկեան բամբիոս Գողթան հողէն է ծներ...

Ուխտի կու գամ: Քղամիդ մը հասակէս վար եւ բարսամունքի դալար ոստեր ի ձեռիս,
 Ահաւասիկ արծաթ ցնցուղ մը վարդահիւթով՝ ստինքներդ օծելու...
 Ահաւասիկ խնկաման մը սափորաձեւ, ուր կործանումդ իմ արցունքո՛վս ես լացի...
 Եւ ստուերիս հետեւող եղնիկներով նուիրական՝ Քեզ կը քալեմ...:
 Բագրեւանդեան բլուրներէն հեթանոս կեանքը հոսի,
 Արեւորդիք գեղահասակ, բեհեզներով պարեգօտուած,
 Աղեղներու, նիզակներու եւ նետերու վարժէն յետոյ, զոհարանիդ սեմին վրայ
 Յաղթ ցուլերու պարանոցին իրենց սուրերը թո՛ղ սեւեռեն...

PRECE DE NAVASSARD À DEUSA ANAHIT

Ó Deusa, purguei minha consciência das religiões fracas,
 e caminho esplendidamente em direção a Ti. Minhas sandálias ainda são sagradas.
 Abre os portões de mármore de Teu templo, que eu sangue contra eles perante Ti...
 Abre o altar e dá-me a força rubra de meus antepassados Artaxianos...
 Ouve-me, Mãe de ouro, Irmã fértil, Irmã da bondade,
 Doadora de abundância, Antiga senhora dos armênios,
 nesta manhã de Navassard, em que Tua raça primeira se alegra!...
 Permite-me ajoelhar e rezar diante de Tua imagem...

Ouve-me, Rosa milagrosa, Deusa dos pés dourados,
 Noiva branca da noite, Amante do sol,
 Nudez de corpo de luz, Leito nupcial de Aramazd.
 Que com um só raio de sol já se ilumine Teu altar...
 Eu creio em Ti. Erguido sobre os montes de Bagrevand,
 eu, idólatra secular, Teu filho lanceiro,
 como um apóstolo suplicante me dirijo a Ti nobremente, —
 ouve-me, e ao meu bambir armênio nascido na terra de Goghten...

Venho para fazer meu votos. Com um manto em minhas costas e ramas verdes de
 [bálsamo em minhas mãos.

Eis o regador prateado com seiva de rosa para ungir Teus seios...
 Eis o incensário em forma de ânfora, onde estão as lágrimas que chorei por Tua destruição!...
 E cervas divinas seguem minha sombra enquanto caminho em direção a Ti...
 Que a vida pagã flua dos montes de Bagrevand,
 que os filhos do sol de belo porte, vestidos de túnicas brancas de linho,
 versados no arco e flecha e na lança, no limiar do altar de sacrifício,
 cravem suas espadas no pescoço dos enormes touros...

Թո՛ղ պտղաւորեալ հայ հարսներուն ուսերէն յստակ տարմը տատրակներուն
Դեպի անդրիդ թո՛իչ առնեն: Վարդավառ ի ջրախաղերը թող բացուի՛ն...
Եւ վեջտասանամեայ աղջիկներ բազինիդ շուրջ պարի ելած,
Իրենց մարմինը մոզական, ո՛վ զգաստութեանց Տիրամայր, թող քե՛զ բաշխեն...
Քսան դարու Քու վրէժդ թո՛ղ որ այսօր ես լուծեմ,
Ո՛վ աստուածուհիդ Անահիտ : Ահաւասիկ քու բազինիդ կրակներուն մէջ նետեցի
Իմ խորտակուած խաչափայտիս երկու թելերը թունաւոր,
Եւ ցնծա՛ դուն, ո՛վ Ոսկեմայր, Լուսաւորչի կողերէն, ժանտ ոսկոր մը քեզ կը ծխեմ...:
Կը պաղատիմ ես Քեզի, ո՛վ զօրութեանց Դուն աներկրորդ Գեղեցկութիւն...
Դուն Քու մարմինդ արեգակին ընծայելով՝ բեղմնաւորուէ անոր Տարրէն
Եւ անյաղթելի ահեղ Աստուած մը պարգեւէ դուն Հայութեան...
Քու ադամանդեայ արգանդէդ, ո՛վ Դիցուհի, ահեղ Աստուած մը ծնանէ՛ մեզ...:

Que dos ombros das férteis noivas armênias um bando de pombas brancas
voe em direção a Ti. Que se iniciem as brincadeiras com água de Vardavar!...
E que as garotas de dezesseis anos dançam em volta de Teu altar,
que ofereçam seus corpos encantadores a Ti, ó Grande mãe da prudência...
Conduze Tua vingança hoje, depois de vinte séculos, ó Deusa Anahit.
Eis que lanço no fogo de Teu altar
os dois braços envenenados de minha cruz de madeira destruída,
e alegre-Te, ó Mãe de ouro, enquanto queimo para Ti o osso repugnante da costela
[do Iluminador...

Eu suplico a Ti, ó Tu, Poderosa e inigualável beleza...
Dá Teu corpo ao sol e sê fecundada por ele,
e dá a luz a um terrível e invencível deus para os armênios...
De Teu útero diamante, ó Deusa, pare para nós um deus formidável!...

TRADUÇÃO DE TAÍS ASSADURIAN SILVA E DEIZE Crespim PEREIRA

RUBEN SEVAK
(RUBEN TCHILINKIRIAN)

ՌՈՒԲԷՆ ՍԵՒԱԿ
(ՌՈՒԲԷՆ ՉԻԼԻՆԿԻՐԻԱՆ)

(1885-1915)

ԻՆՉՈ՞Ւ

Ինչո՞ւ, ինչո՞ւ զիս սիրեցիր,
 Փոքրիկ աղջիկ, քեզի մե՛ղք էր.
 Փոքրիկ ծոցիդ թիթե՛ռ պետք էր,
 Դուն ծեր արծի՛ւ մը բանտեցիր...

Կապոյտ աչուիդ երբ որ բացիր,
 Կապո՛յտ աղջիկ՝ պլպլուն ե՛րգ էր.
 Քե՛զ ալ սիրոյ մրմո՛ւնջ պետք էր,
 Դուն գուժկան մոռ՛ւնչըս ընտրեցիր...

Ես կէրթամ մի՛շտ, անծայրածի՛ր
 Դամբաններ են ոտքիս հետքե՛ր.
 Քեզ սիրոյ մեղմ սիւ՛ք մը պետք էր,
 Դուն փոթորկի՛ն կուրծքդ բացիր...

Կայրի՛ն աչերըդ սեւածիր,
 Պիտի մեռնի՛ս, այդպէս մե՛րգեր.
 Քեզի փոքրիկ սեր մը պետք էր,
 Դուն Սէր-Աստուածը սիրեցիր...

POR QUE?

Por que, por que me amaste,
pequenina garota, se para ti era pecado?
Teus peitos pequeninos eram dignos de uma mariposa,
mas tu encarceraste uma velha águia...

Quando tu abriste teus olhos azuis,
garota azul, era uma canção de bulbul.
Tu eras digna de um sussurro de amor,
mas tu escolheste meu rugido agourento...

Eu vagarei sempre, infinitamente;
as pegadas de meus pés estão nos sepulcros.
Tu eras digna de uma brisa suave de amor,
mas tu abriste teu peito a uma tempestade...

Teus olhos pretos incendeiam;
não cantes desta forma, ou morrerás.
Tu eras digna de um pequeno amor,
mas tu amaste o Deus Amor...

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՎԵՐՋԻՆ ՕՐՕՐ

Օրօր, օրօ՛ր...: Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս,
 Վիրաւոր հօ՛րըդ ճիշերն ա՛լ չիմանաս:
 Ծիծէս ծըծա՛ծըդ թոյն է, կաթ չի գիտնաս...:
 Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս:

Արի՛ւն-հեղեղ յորդեց այս սուրբ ձորերէ,
 Բայց չի փախիս, փարէ՛ երկրիդ, զայն սիրէ,
 Հողիդ վրայ գերի մըլլար, այլ տիրէ...:
 Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս:

Հօրդ վըրայ եթէ անշո՛ւնչ չինկայ ես,
 Զի ուխտեցի Հոռվմի է՛գ գայլին պէս,
 Նոր Ռոմուլոս մը դիեցնել ստինքէս...:
 Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս:

Բազուկներուս պարա՛ն, ոտքիս ալ կացի՛ն,
 Ստինքիս զո՛յգ պտուկներն, ա՛հ, կտրեցին:
 Վերքէս արիւնս ծծէ, որդեա՛կ միածին...:
 Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս:

Ահա կի՛յնամ...: Հայաստանը մա՛յր քեզի:
 Կտակ կու տամ այս կոտրած սուրն երկաայրի՛
 Ուր հայրիկիդ դեռ տաք արիւնը կայրի...:
 Օրօ՛ր ըսեմ քնանաս:

ÚLTIMA CANÇÃO DE NINAR

Nana, neném, nana, neném... te canto uma canção de ninar,
para que tu adormeças e não ouças o grito de teu pai ferido.
O que mamas do meu peito é veneno, leite não conheces...
Te canto uma canção de ninar.

Uma torrente de sangue inundou estes santos vales.
Mas, não fujas! Fica! Ama tua terra!
Sobre tua terra não sejas escravo, mas soberano...
Te canto uma canção de ninar.

Se sobre teu pai eu não caí inanimada
é porque prometi, tal como uma loba romana,
alimentar um novo Rômulo em meu seio...
Te canto uma canção de ninar.

Cordas nos meus braços, machado nos meus pés,
os bicos de meus seios, ai, eles também cortaram!
Mama o sangue de minha ferida, meu único filhinho...
Te canto uma canção de ninar.

Aqui caio... A Armênia será tua mãe.
Deixo-te como herança esta espada quebrada de dois gumes,
onde ainda queima o sangue quente de teu papai...
Te canto uma canção de ninar.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

DANIEL VARUJAN
(DANIEL TCHPUKKARIAN)

ԴԱՆԻԷԼ ՎԱՐՈՒԺԱՆ
(ԴԱՆԻԷԼ ԶՊՈՒԲՔԱՐԵԱՆ)

(1884-1915)

ԱՌԿԱՅԾ ՃՐԱԳ

Յաղթանակի գիշերն է այս տօնական.—

Հա՛րս, եղ լեցուր ճրագին:

Պիտի դառնայ կոիւէն տղաս յաղթական.—

Հա՛րս, քիթը ա՛ն պատրոյզին:

Սայլ մը կեցաւ դրան առջեւ, հորին քով.—

Հա՛րս, վառե՛ լոյսը ճրագին:

Տղաս կու գայ ճակատն հպարտ դափնիով.—

Հա՛րս, բե՛ր ճրագը շեմին:

Բայց... սայլին վրայ արի՞ւն եւ սո՞ւզ բեռքեր են...

Հա՛րս, ճրագդ ասղի՛ն երկարէ:

Հերոս տղաս հոն զարնուա՛ծ է սրտէն.—

Ա՛խ հարս, ճրագդ մարե՛...

LAMPARINA PISCANTE

Esta é uma noite de vitória e de festa.

— Nora, enche de óleo a lamparina.

Retornará da guerra meu filho vitorioso.

— Nora, apara o pavio.

Uma carroça parou em frente à porta, próximo ao poço.

— Nora, acende a luz da lamparina.

Meu filho retorna orgulhoso com uma coroa de louros na testa.

— Nora, traz a lamparina para o limiar.

Mas... a carroça está carregada de sangue e luto.

— Nora, traz a lamparina para cá.

Meu filho, herói, está ferido no coração.

— Ai, Nora, apaga a luz de tua lamparina.

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

HOVHANNES
TUMANIAN

ՀՈՎՀԱՆՆԷՍ
ԹՈՒՄԱՆԵԱՆ

(1869-1923)

ԱԽԹԱՄԱՐ

Ծիծաղախիտ Վանա ծովի
Փոքրիկ գյուղից առափնյա,
Ծովն է մըտնում գաղտագողի
Ամեն գիշեր մի տըղա:

Ծովն է մըտնում առանց նավակ,
Բազուկներով առնացի
Ջուրը ճողփում, լող է տալի
Դեպի կըղզին դիմացի:

Խավար կըղզուց պարզ ու պայծառ
Մի լույս կանչում է նըրան,
Մի վառ փարոս նըրա համար,
Զըմուռքի իր ճամփան:

Միրուն Թամարն ամեն գիշեր
Այնտեղ կըրակ է անում,
Եվ ըսպասում է անհամբեր
Այնտեղ՝ մոտիկ դարանում:

Ծըփում է ծովն ալեծածան.
Ծըփում է սիրտը տըղի.
Գոռում է ծովն ահեղաձայն,
Նա կըռվում է կատաղի:

AKHTAMAR

Da pequenina vila costeira,
do risonho lago Van,
um jovem toda noite
entra furtivamente no mar.

Ele entra sem barco no mar,
e com seus braços viris
atravessa as águas a nado
em direção à ilha em frente.

Da ilha escura,
uma luz clara e resplandecente o chama,
um farol iluminado
para que ele não se perca no caminho.

A bela Tamar toda noite
lá acende o fogo
e espera, impaciente,
escondida nos arbustos.

Agita-se o mar ondulante,
agita-se o coração do jovem.
Mais rosna o mar terrível,
mais ele luta furioso.

Եվ Թամարը սրբտատրոփ
Արդեն լըսում է մոտիկ
Ջրի ճողփյուն, ու ողջ մարմնով
Միրուց այրվում է սաստիկ:

Լըռեց: Ծովի խավար ափին
Վանգնեց սև-սև մի ըստվեր...
Ահա և նա... իրար գըտան...
Խորհրդավո՛ր ը լուռ գիշեր...

Միայն ալիքը Վանա ծովի
Մեղմ դիպչում են եզերքին.
Եվ հեզհեզուկ հեռանում են
Շըշունջներով անմեկին:

Նըրանք ասես փըսփըսում են...
Ու աստղերը կամարից
Ակնարկելով բամբասում են
Լիրբ, անամոթ Թամարից:

Բամբասում են կուսի սըրտում...
Ժամ է արդեն... ու կրկին
Մինն ալեկոծ ծովն է մըտնում,
Մյուսն աղոթում եզերքին...

Բայց մի անգամ չարկամ մարդիկ
Նըրանց գաղտնիքն իմացան,
Լույսը հանգցրին սև ու սաստիկ
Մի մութ գիշեր դիվական:

E Tamar, com o coração palpitante,
já ouve pertinho o tchibum nas águas,
e, de corpo inteiro,
queima violentamente de amor.

Silêncio. Da escuridão do lago para a margem
levanta-se uma sombra negra...
e então... encontram um ao outro...
na noite quieta e misteriosa.

Somente as ondas do Lago Van
tocam gentilmente a costa
e se afastam suavemente,
sussurrando baixinho.

Dir-se-ia que as ondas fofocam,
enquanto as estrelas do firmamento
difamam, insinuando,
a obscena, a sem vergonha, Tamar.

Enquanto caluniam a virgem,
seu coração sabe que já chegou a hora...e de novo
um entra no mar agitado,
o outro fica na margem a rezar...

Mas então homens malvados,
descobrimo seu segredo,
apagam o fogo por completo
numa noite negra e diabólica.

Մոլորվեցավ խավար ծովում
Լողորդ տրդան սիրահար,
Ու բերում է հողմը, բերո՛ւմ
Հառաչանքներն՝ «Ա՛խ, Թամա՛ր...»:

Մոտ է ձայնը. սև խավարում,
Ժայռերի տակ սեպացած,
Ուր ամեհի ծովն է գոռում,
Մերթ կորչում է խլացած,
Ու մերթ լքվում ուժասպառ.
«Ա՛խ, Թամա՛ր...»

Առավոտյան ծովը ծրփաց,
Ափը ձրգեց մի դիակ,
Նրբա շուրթին, պաղ, կարկամած,
Ասես մեռած ժամանակ
Մառել էին երկու բառ.
«Ա՛խ, Թամա՛ր...»

Այն օրվանից սրբա համար
Կրդզին կոչվեց Ախթամար:

Perde-se no mar escuro
o jovem nadador apaixonado,
e o vento seus suspiros traz:
“Ah, Tamar!...”

Na escuridão negra, a voz está próxima,
e sob as pedras escarpadas,
onde rosna o mar furioso,
por vezes perde-se, ensurdecida,
e por vezes ouve-se, extenuada,
“Ah, Tamar!...”

De manhã, o lago agitado
na margem um cadáver lançou.
Diz-se que, em seus lábios, frios, rígidos,
duas palavras, na hora da morte,
congelaram-se:
“Ah, Tamar!...”

Então, desse dia em diante
a ilha passou a chamar-se “Akhtamar”.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira e Cristiane Gonçalves Marins

ՀԱՅՈՑ ԼԵՌՆԵՐՈՒՄ

Մեր ճամփին խաւար, մեր ճամփին գիշեր,
Ու մենք անհատնում
Էն անլոյս մթնում
Երկա՛ր դարերով գնում ենք դեպ վեր
Հայոց լեռներում,
Դըժար լեռներում:

Տանում ենք հնուց մեր գանձերն անգին,
Մեր գանձերը ծով,
Ինչ որ դարերով
Երկնէլ է, ծնէլ մեր խորունկ հոգին
Հայոց լեռներում,
Բարձրը լեռներում:

Բայց քանի անգամ շէկ անապատի
Օրտունները սեւ
Իրարու ետեւ
Եկա՛ն, զարկեցին մեր քարանն ազնիւ
Հայոց լեռներում,
Արնոտ լեռներում:

Ու մեր քարանը շփոթ, սուկահար,
Թալանուած, ջարդուած
Ու հատուած-հատուած
Տանում է իրեն վերքերն անհամար
Հայոց լեռներում,
Սուգի լեռներում:

NAS MONTANHAS ARMÊNIAS

Por nosso caminho negro, por nosso caminho noite adentro,
nós, inexauríveis,
na escuridão completa,
caminhamos por longos séculos em direção ao alto,
nas montanhas armênias,
nas montanhas selvagens.

Levamos nosso inestimável tesouro antigo,
nosso tesouro-mar,
que por séculos
nossa alma profunda pariu, deu à luz,
nas montanhas armênias,
nas montanhas elevadas.

Mas quantas vezes as hordas negras
do deserto vermelho,
uma após outra,
golpearam nossas caravanas gentis,
nas montanhas armênias,
nas montanhas sangrentas.

E nossas caravanas trêmulas e confusas,
saqueadas, massacradas,
fragmentadas e divididas,
carregam suas inúmeras feridas,
nas montanhas armênias,
nas montanhas de dor.

Ու մեր աչքերը նայում են կարօտ
Հեռու աստղերին,
Երկնքի ծերին,
Թե ե՞րբ կը բացուի պայծառ առաւօտ՝
Հայոց լեռներում,
Կանաչ լեռներում:

E nossos olhos se dirigem com saudade
às estrelas distantes
do velho céu.

Quando surgirá a clara manhã
nas montanhas armênias,
nas montanhas verdejantes?

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ԱՅՎԱԶՈՎՄԿՈՒ ՆԿԱԴԻ ԱՌՋԵԻ

Ելած՝ օվկիանի անգուսպ ալիքներ,
Ծանրը հորձանքով զարկելով դեպ վեր,
Լեռնանում էին, գոռալով ահեղ,
Եվ մըրրիկն ուժգին շընչում էր այնտեղ
Անեզր ու անվերջ
Տարածության մեջ:

«Կանգնեցե՛ք», գոչեց, վըրձինը ձեռքին,
Կախարդ ծերունին հուզված տարերքին.
Եվ լուռ, հընազանդ հանճարի ձայնին,
Մութ ալիքները, փոթորկի ժամին,
Կըտավի վըրա
Կանգնած են ահա:

EM FRENTE À PINTURA DE AYVAZOVSKY

As indomáveis ondas do alto mar,
com volumosos redemoinhos, colidindo contra o céu,
se erguiam como montanhas, rugindo terrivelmente,
e a violenta tempestade com suas rajadas de vento
perdurava incessante e infinitamente
na imensidão do mar.

— “Parem!” — bradou, pincel à mão,
o velho bruxo para a agitada composição,
e caladas, obedientes à voz do gênio,
as ondas escuras, em meio a tempestade,
sobre a tela,
eis que se detiveram.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՀԻՆ ՕՐՀՆՈՒԹԻՒՆ

Կանաչ, վիթխարի ընկուզենու տակ,
 Իրենց հասակի կարգով, ծալպատակ,
 Միասին բազմած,
 Մի շըրջան կազմած,
 Քեֆ էին անում
 Եւ ուրախանում
 Մեր հըսկայ պապերն ու մեր հայրերը՝
 Գիւղի տերերը:

Մենք, առոյգ ու ժիր գեղջուկ մանուկներ,
 Երեք դասընկեր,
 Նրանց առաջին գլխաբաց կանգնած,
 Ձեռքներս խոնարհ սրտներիս դրած,
 Զի՛լ, ուժեղ ձայնով նրանց ըսպասում—
 Տաղ էինք ասում:

Երբ գուարթաձայն մեր երգը լըռեց,
 Մոայլ թամադէն պէխերն ոլորեց,
 Նրա հետ վերցրին լիք բաժակները
 Բոլոր մեծերը
 Ու մեզ օրհնեցին. — «Ապրէ՛ք, երեխէ՛ք,
 Բայց մեզ պէս չապրէ՛ք...»

VELHA BENÇÃO

Sob a imensa noqueira verde,
por ordem de idade,
sentados juntos de pernas cruzadas,
formando uma roda,
faziam festa e se alegravam
nossos gigantes avós e nossos pais, donos de sítios.

Nós, animadas e alegres crianças camponesas,
três colegas ao todo,
diante deles, de pé, chapéu na mão,
com nossas mãos humildemente sobre nossos corações,
com voz forte, alta e aguda, conforme esperavam,
recitávamos poesia.

Quando calou nosso canto alegre,
o triste anfitrião retorceu o bigode,
e, com ele, ergueram suas taças cheias
todos os adultos e nos abençoaram:
- “Vivam, brinquem!
Mas não vivam como nós.”

Ժամանակ անցավ, նրանք էլ անցան,
Զուարթ երգերս վշտալի դարձան.
Եւ ես յիշեցի մեր օրը լալիս,
Թէ մեզ օրհնելիս՝
Ինչու ասացին. — «Ապրէ՛ք, երեխէ՛ք,
Բայց մեզ պէս չապր է՛ք...»

Իսաղաղութի՛ւն ձեզ, մեր անբա՛խտ պապեր,
Ձեզ տանջող ցավը մե՛զ էլ է պատել:
Այժմ, տըխրութեան թէ քեֆի ժամին,
Մենք էլ՝ օրհնելիս մեր զաւակներին՝
Ձեր խոսքն ենք ասում. — «Ապրէ՛ք, երեխէ՛ք,
Բայց մեզ պէս չապր է՛ք...»

O tempo passou, eles também passaram,
nossas alegres canções tristes se tornaram,
e chorando lembrei de nossos dias
e me perguntei por que, ao nos abençoarem, diziam:
- “Vivam, brinquem!
Mas não vivam como nós.”

A paz esteja convosco, desafortunados avós!
Vossa dor angustiante também nos encobriu,
e agora, seja dia de festa, seja dia de tristeza,
nós também, aoabençoar nossos filhos, repetimos vossas palavras:
- “Vivam, brinquem!
Mas não vivam como nós.”

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ԱՄԱՌՎԱ ԳԻՇԵՐԸ ԳՅՈՒՂՈՒՄ

Լուսընկա գիշեր,
Երկինքը պայծառ,
Անհամար աստղեր
Ցուցըլում են վառ:

Քընած է արդեն
Հովտում ողջ գյուղը,
Մըթնած ու լուռ է
Գյուղացու հյուղը:

Հոգնած գյուղական
Ընտանիքն ահա
Սրահում, կալում,
Կամ կըտրի վըրա:

Երկընքի դիմաց
Գըրկված ենք քնած,
Վերևիցն, ասես,
Ժըպտում է աստված:

NOITE DE VERÃO NA VILA

Noite de luar,
céu luminoso,
inumeráveis estrelas
brilham cintilantes.

O povoado inteiro
no vale já dorme.
E o casebre do camponês
escuro e silencioso está.

Eis a família camponesa,
cansada,
na sala, na eira
ou sobre o cume.

Diante do céu,
dormem abraçados.
Do alto, dir-se-ia,
Deus sorri.

TRADUÇÃO DE CRISTIANE GONÇALVES MARINS

ՀԱՅՐԵՆԻՔԻՍ ՀԵՏ

Վաղուց թէւ իմ հայացքը Անհայտին է ու հեռում
 Ու իմ սիրտը իմ մտքի հետ անհուններն է թափառում,
 Բայց՝ կարօտով ամէն անգամ երբ դառնում եմ դէպի քեզ՝
 Մղկըտում է սիրտըս անվերջ քո թառանչից աղէկէզ,
 Ու գաղթական զավակներիդ լուռ շարքերից ուժասպառ,
 Ե՛ւ գիւղերից, և՛ շէններից՝ տխո՛ւր, դատա՛րկ ու խաւա՛ր,
 Ջարկուա՛ծ հայրենիք,
 Ջրկուա՛ծ հայրենիք:

Խոնրում են մտքիս հանդէպ բանակաները անհամար,
 Տրորում են քո երեսը, քո դաշտերը ծաղկավառ,
 Ու ջարդարար վոհմակաները աղաղակով վայրենի,
 Աւարներով, աւերներով, խնջոյքներով արիւնի,
 Որ դարձրին քեզ մշտական սեւ ու սուգի մի հովիտ,
 Խեղճ ու լալկան քո երգերով, հայեացքներով անժպիտ,
 Ողբի՛ հայրենիք,
 Որբի՛ հայրենիք:

Բայց հին ու նոր քո վերքերով կանգնած ես դու կենդանի,
 Կանգնած խոհո՛ւն, խորհրդաւոր ճամփին նորի ու հնի.
 Հառաչանքով սրտի խորքից խօսք ես խօսում աստծու հետ
 Ու խորհում ես խորին խորհուրդ տանջանքներում չարաղէտ,
 Խորհում ես դու էն մեծ խօսքը, որ տի ասես աշխարհքին
 Ու պիտ դառնաս էն երկիրը, ուր ձգտում է մեր հոգին—
 Հոյսի՛ հայրենիք,
 Լոյսի՛ հայրենիք:

COM A MINHA PÁTRIA

Desde cedo, embora meu olhar esteja no Desconhecido e no distante,
e meu coração, com a minha mente, erre no insondável,
É com saudade que toda vez me viro a ti.

Aflige-se sem fim meu coração com teus gemidos pungentes,
e com as silenciosas fileiras sem forças de teus filhos emigrantes,
e com as vilas e os prédios tristes, vazios e escuros,

Pátria destroçada!

Pátria oprimida!

Apinham-se ante os meus olhos inumeráveis exércitos,
pisoteiam tua face, teus campos floridos,
e hordas de carrascos, com gritos selvagens,
em pilhagens, em ruínas, em festins de sangue,
que te tornaram para sempre sombria e um vale de lágrimas,
em tuas canções lastimáveis e lamentosas, em tuas visões pesarosas,

Pátria de lamentações!

Pátria de órfãos!

Mesmo com tuas velhas e novas feridas, manténs-te tu em pé, viva,
erguida, pensante, no enigmático caminho do novo e do velho.
Com suspiros das profundezas do coração, falas com Deus,
e meditas profundos pensamentos em tormentos insuportáveis.
São grandes as palavras que tu meditas, para que digas “coragem!” ao mundo,
e tornarás à terra, a que aspira nossa alma —

Pátria esperançosa!

Pátria luminosa!

Ու պիտի գայ հանուր կյանքի արշալոյսը վառ հագած,
Հագած՝ ր-հագար լուսապայծառ հոգիներով ճառագած,
Ու երկնահաս քո բարձունքին, Արարատի սուրբ լանջին,
Կենսաժպիտ իր շողերը պիտի ժպտան առաջին,
Ու պոէտներ, որ չեն պղծել իրենց շուրթերն անէծքով,
Պիտի գովեն քո նոր կեանքը նոր երգերով, նոր խօսքով,
Իմ նո՛ր հայրենիք,
Հըգո՛ր հայրենիք...

E virá a deleitosa e ardente aurora de toda a vida,
em milhares e milhares de almas radiantes, lampejantes,
e tuas alturas ao céu alçadas, no sacro colo do Ararat,
seus vivificantes raios sorrirão primeiro,
e os poetas que não profanaram seus lábios com imprecações
louvarão tua nova vida com novas canções, com novas palavras,

Minha pátria nova,

Pátria potente...!

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

AVETIK ISSAHAKIAN

ԱՒԵՏԻՔ ԻՍԱՀԱԿԻԱՆ

(1875-1957)

ՌԱՎԵՆՆԱՅՈՒՄ

Արարատի ծեր կատարին
Դար է եկել, վայրկեանի պէս,
Ու անցել:

Անհուն թուվ կայծակների
Սուրն է բեկուել ադամանդին,
Ու անցել:

Մահախուճապ սերունդների
Աչքն է դիպել լոյս գագաթին,
Ու անցել:

Հերթը հիմա քո՛նն է մի պահ.
Դո՛ւ էլ նայիր սեզ ճակատին,
Ու անցի՛ր...

EM RAVENA

Ao velho pico do Ararat
séculos vieram, feito um instante,
e passaram.

Espadas de incontáveis relâmpagos
demoliram-se em seus diamantes,
e passaram.

Olhos de gerações tementes a morte
tocaram seu topo de luz,
e passaram.

Agora é a vez de teu bocadinho.
Olha tu para sua fronte orgulhosa,
e passa!...

TRADUÇÃO DE LUCCA TAVANO BACAL

ԿԵԱՆՔԻՑ ԹԱՆԿ ԲԱՆԸ

Վայրի աղանին՝ կուրծքը վիրաւոր՝
Ընկել էր մենակ աղբիւրի եզրին,
Ծորում էր շիթ-շիթ արիւնը բոսոր,
Մեռնում էր, աչքը ջրրի երագին:

Քնքուշ պարիկը տեսաւ դալկահար
Մեռնող աղանուն և խօսեց այսպէս.
— Տո՛ւր ինձ այն, ինչ որ թանկ է քեզ համար,
Է՛ն թանկագինը, կեանք տամ իսկոյն քեզ:

Մեռնող աղանին խորհում էր ինքնին.
«Էն թանկագինը՝ կեանքն է անպատճառ,
Ա՛խ, ծաղրում է ինձ աղբիւրի ոգին»:
— Էհ, լա՛ւ, թո՛ղ լինի, տո՛ւր և նորից ա՛ռ:

Պարիկը ցողեր սրբակեց վերքին.
Աղանին բացեց աչքերը ոսկի
Ու թելին տալով ծափեց խնդագին.
— Ե՞րբ կ'ուզես կեանքըս, նագելի ոգի:

— Թելե՛րդ կ'ուզեմ, կեանքդ քեզ լինի:
— Թելե՛րս... Ի՞նչպէս, ո՛հ, երբե՛ք, երբե՛ք,
Առանց թռիչքի կեանքը գին չունի.
Կեա՛նքս առ, — թոչունն ասաց սրտաբեկ:

MAIS PRECIOSO QUE A VIDA

A pomba selvagem ferida no peito
caía só na borda da fonte
e derramava gota a gota o rubro sangue;
morria com os olhos no sonho das águas.

Uma ninfa delicada avistou
a pálida pomba moribunda e falou:
— Dá para mim aquilo que é mais caro para ti,
o que é mais precioso, que eu te dou a vida logo em seguida!

A pomba moribunda meditava consigo:
“A coisa mais preciosa é a vida sem dúvida.
Ai, debocha de mim o espírito da fonte”.
— Bah, tá bom, que assim seja, me dá a vida e toma ela de novo!

A ninfa aspergiu orvalho na ferida
e a pomba abriu os olhos dourados
e agitou suas asas aplaudindo alegremente:
— Para quando queres minha vida, ó espírito gracioso?

— Quero tuas asas, tua vida que fique contigo!

— Minhas asas? Como? Oh, nunca, nunca!

Sem voar a vida não tem valor.

Toma minha vida! — disse o pássaro com o coração partido.

— Թո՛ղ ր, սիրելի՛ս, ազատ ու վայրի,
Թո՛ղ ր ու ասա՛ ստրուկ աշխարհքին,
Թէ Ի՛նչն է թանկը կեանքից աւելի...

Ասաց ջրերի լուսեղէն ոգին:

— Voa, minha querida, livre e selvagem!

Voa e diz ao mundo escravo

o que é mais precioso do que a vida...

disse o espírito angelical da fonte.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄՕՐ ՄԻՐՏԸ

(հայկական աւանդավէպ)

Կայ հինաւորց մի գրոյց,

Թե մի տղայ

Միամօրիկ,

Միրում էր մի աղջկայ:

Աղջիկն ասաւ — «Ինձ բնաւ

Դու չես սիրում,

Թէ չէ գնա՛,

Գնա՛ մօրըդ սի՛րտը բեր»:

Տղան մոլոր, գլխիկոր

Քայլ առաւ,

Լացեց, լացեց,

Աղջկայ մօտ ետ դառաւ:

Երբ նա տեսաւ, զայրացաւ.

— Է՛լ չէրեւաս

Շեմքիս, ասաւ,

Մինչեւ սիրտը չըբերես:

Տղան գնաց և որսաց

Սարի այծյամ,

Միրտը հանեց,

Բերեց տունեց աղջկան:

CORAÇÃO DE MÃE

(lenda armênia)

Há uma narrativa oral antiga
sobre um rapaz,
filhinho de mamãe,
que amava uma garota.

A garota disse a ele:
—“Você não me ama de verdade,
a não ser que você vá,
vá e me traga o coração da sua mãe.”

O rapaz confuso, cabisbaixo,
deu uns passos,
chorou, chorou,
e voltou para perto da garota.

Quando ela viu, ficou furiosa.
— E não me apareça na minha frente, disse,
enquanto não trazer
o coração da sua mãe!

O rapaz foi e caçou
uma cabra da montanha,
arrancou-lhe o coração
e o trouxe e deu à garota.

Երբ նա տեսավ, զայրացաւ.

— Կորի՛ր աչքէս,

Թէ հարազատ

Մօրըդ սիրտը չըբերես:

Տղան գնաց՝ մօրն սպանեց,

Երբ վազ կըտար

Միրտը՝ ձեռքին,

Ոտքը սահեց, ընկաւ վար:

Եւ սիրտը մօր ասաւ տխուր,

Լացակումած.

— Վա՛յ, իւեղճ տղաս,

Ոչ մի տեղըդ չըցաւա՞ց...

Quando ela viu, ficou furiosa.
— Suma da minha frente,
enquanto não trazer
o coração verdadeiro da sua mãe!

O rapaz foi e assassinou sua mãe.
Quando deu no pé,
com o coração na mão,
escorregou e caiu.

E o coração da mãe disse com tristeza,
segurando o choro:
— Ai meu pobre filho,
Não te dói nada?

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՄԵՐ ՊԱՏՄԻՉՆԵՐԸ ԵՒ ՄԵՐ ԳՈՒՍԱՆՆԵՐԸ

Մեր հոյակամ հին վանքերի մութ խուցերում, մենութեան մէջ,
 Պատմիչները մեր վշտահար, մեղմ կանթեղի լոյսով անշէջ,
 Մի նշխարով, մի կում ջրով և ճգնութեամբ գիշերն անքուն,
 Պատմութիւնը մեր գրեցին մագաղաթի վրայ դժգոյն —
 Եղեռներնը, նախճիրները հորդաների արիւնըռուշտ:
 Փլուզումը հայրենիքի և ոսոխի սուրը անկուշտ:
 Եւ ողբացին լալահառաչ դժխեմ բախտը Հայաստանի
 Եւ յուսացին արդարութեան մի խով աստծու դատաստանի:

Մեր գեղջուկի պարզ խրճիթում, սուրբ օճախի շուրջը նստած՝
 Գուսանները մեր խանդավառ, առջեւները գինի ու հաց,
 Վիպերգեցին յաղթանակը դիւցազների մեր մեծագօր
 Եւ ծաղրեցին պարտութիւնը ոսոխների մեր բիրաւոր:
 Եւ հիւսեցին պատմութիւնը յավերժացող ժողովրդի,
 Վառ հաւատով փառքերը մեր աւանդեցին որդոց որդի.
 Տեսան շքեղ մեր ապագան, անընկճելի ազատ ոգին,
 Հայրենիքի սիրոյ համար միշտ բարձրացած Թոր-Կեծակին:

NOSSOS HISTORIADORES E NOSSOS BARDOS

Na solidão das celas escuras de nossos velhos e magníficos mosteiros,
nossos historiadores, abatidos, à luz suave e inextinguível da candeia,
com restos de comida e um pouco de água, numa ascética noite sem sono,
escreveram nossa história sobre o pálido pergaminho —
os crimes, os massacres dos salteadores sedentos de sangue,
a destruição da pátria e a espada insaciável do inimigo.
E lamentaram em prantos o destino cruel da Armênia
e esperaram pela sentença de um surdo deus da justiça.

Nas cabanas simples de nossos camponeses, sentados em torno do fogo sagrado,
nossos bardos entusiastas, ante o vinho e o pão,
cantaram o triunfo de nossos poderosos heróis
e ridicularizaram a derrota de nossos numerosos inimigos.
E teceram a história de nosso povo perene,
e com fé fervorosa transmitiram nossas glórias de geração em geração.
E vislumbraram nosso esplêndido futuro, o espírito livre e indomável.
Para a pátria amada está sempre erguida a espada de fogo.

TRADUÇÃO DE LUSINE YEGHIAZARYAN

ՈՐՏԵ՞Ղ Է ԸՆԿԱԾ

Որտե՞ղ է ընկած
Այն քարը հիմի,
Որ հողիս վրայ
Շիրիմ պիտ լինի:

Իմ թափառ կեանքում,
Մարդ ի՞նչ իմանայ,
Չե՞մ նստել, թախծել
Այդ քարի վրայ...

ONDE ESTÁ CAÍDA?

Onde está caída agora
aquela pedra,
que servirá de lápide
para meu túmulo?

Na minha vida errante,
quem sabe
se eu já não me lamentei
sentado sobre essa pedra?

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄԵԾ ՅԱՂԹԱՆԱԿԻ ՕՐԸ

(9 Մայիսի, 1945)

Մեր սուրբ փառքով դրեցինք պատեան, —
Մեծ յաղթանակի օրն է ցնծալից.

Պարտուեց մահաշունչ ոսոխը դաժան,
Երգեր են յորդում զուարթ սրտերից:

Հոծ փողոցներում աղմուկ ու շառաչ,
Հոսում են մարդիկ ծափով, ծիծաղով,
Մի մարդ սեղան է բացել տան առաջ,
Լցրել թասերը ոսկեփայլ գինով:

Եւ անցորդներին կանչում է, խնդրում, —
Եղբայրնե՛ր, որդուս կենացը խմե՛նք.
Հերոս է որդիս, յաղթեց թշնամուն,
Ձեր որդիների կենացն էլ խմենք:

Խմում են խինդով, ցնծում երջանիկ,
Եւ զարկում նորից գաւաթներն իրար:
Նրանց մեջ մի հայր ասում է մեղմիկ, —
Էս էլ ի՛մ որդուս հանգստեան համար:

Գլխարկներն իսկոյն հանում են նրանք,
Խոր ակնածանքով լռում են մի պահ.
Խմում են անձայն զոհուածի համար
Եւ հեղում գինին սուրբ հացի վրայ:

O DIA DA GRANDE VITÓRIA

(9 de maio, 1945)

Pusemos, com glória, nossa espada na bainha; —
o dia da grande vitória é cheio de alegria:
foi derrotado o brutal e mortífero inimigo,
as canções extravasam dos felizes corações.

Nas compactas ruas, estrondo e tumulto,
fluem os homens em aplausos e risadas,
um homem ofereceu um banquete em frente a casa,
encheu as taças com vinho dourado.

E pede a quem passa, por favor,
— Irmãos, bebamos à saúde do meu filho!
Meu filho é um herói, venceu o inimigo,
bebamos também à saúde dos seus filhos.

Eles bebem em júbilo, celebrando felizes,
e batem novamente os seus copos.

Dentre eles, um pai diz, suavemente:
— E eis aqui ao repouso do meu filho.

O chapéu, em seguida, eles tiram.
Silenciam-se um instante, em profunda deferência:
bebem, emudecidos, à vítima,
e derramam o vinho sobre o santo pão.

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

ՀԱՅՐԵՆԻ ԾՈՒԽԸ

Հայրենի՛ հողի վրայ եմ նորից,
 Նորից մանկական աչքով տեսնում եմ՝
 Յաւերժից դիտող աստղերն հրեղէն,
 Հրաշք է դառնում աշխարհն ինձ նորից:

Ուրախ քրքիջով վազում է կայտառ
 Իմ հին խաղընկեր գետակը փայլուն,
 Տեսնում եմ նրա զմրուխտ հայելում
 Ծաղկի պէս ցնծուն՝ պատկերս պայծառ:

Կապոյտ երեկոն ա՛յնքան է խաղաղ,
 Երգում է ծառից մի հաւք սրտագոհ,
 Տեսնում եմ՝ հայրս բարի, մտախոհ,
 Ծանօթ շաւիղով քայլում է դանդաղ:

Ինձ տուն է կանչում ձայնը մայրենի,
 Խաղըս թողնում եմ. երեկոյ է ուշ.
 Գգւում է մայրս, ժպտում է քնքուշ,
 Մի արեւի պէս, որ նման չունի:

Վառուել է նորից օճախն հինաւուրց,
 Ելնում է ծուխը անուշ խընկի պէս,
 Խօսում են մերոնք... բայց ննջում եմ ես,
 Հոգիս պարուրած հեքիաթ ու անուրջ:

CHAMA PÁTRIA

De novo estou na terra natal,
de novo vejo, com olhos de criança,
as ígneas estrelas desde sempre observando.
De novo o mundo torna-se, a mim, um milagre.

Corre alegre, vivaz, gargalhando,
meu velho amigo, ao riacho radiante.
Vejo, em seu espelho esmeralda,
como uma alegre flor, minha imagem fulgente.

A tarde azul é tão calma,
da árvore canta uma ave tão contente.
Vejo meu bom pai, pensativo,
andando lento, pela via conhecida.

Chama-me à casa a voz materna,
deixo meu jogo: é fim de tarde.
Minha mãe, com ternura, me acarinha e sorri,
como um sol, ao qual não há igual.

Acendeu-se de novo a antiga lareira,
sai do lar a chama, como um doce incenso.
Os nossos conversam... mas eu cochilo,
minh'alma envolta em contos e sonhos.

Ոչինչ չեմ տեսում այս ծխից աւել,
Ոչինչ, դատարկուած այս մերկ աշխարհում.
Ո՛չ կին երագած, պանծալի անուն,
Ո՛չ գանձ աշխարհի — այս ծուխից աւել:

Կուզէի նստել այս սուրբ ծխի տակ
Ու տեսնել նորից հոգով մանկական
Հարագատներս, որ հիմա չկան,
Եւ հրաշք նորից — աշխարհ բովանդակ...

Nada vejo além desta chama,
nada, neste desnudo e vazio mundo:
nem a mulher sonhada, nem o nome desejado,
nenhum tesouro do mundo – além desta chama.

Queria me sentar sob o teto deste santo lar,
e de novo ver, com alma de criança,
os meus queridos, que agora já se foram,
e de novo o milagre – o mundo inteiro...

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

**VAHAN TEKEYAN
(VAHAN MIHRANI
TEKEYAN)**

**ՎԱՀԱՆ ԹԷՔԷԵԱՆ
(ՎԱՀԱՆ ՄԻՀՐԱՆԻ
ԹԷՔԷԵԱՆ)**

(1878-1945)

ԵՍ ՍԻՐԵՑԻ

Ես սիրեցի, բայց ոչ ոք
Սիրածներէս գիտցաւ թէ՛
Զինքը որքա՛ն սիրեցի...
Ո՞վ կարդալ սիրտը գիտէ:

Ամենէն մեծ հրճվանքիս,
Ամենէն սուր վշտերուս
Ներշնչողները, աւա՛ դ,
Զիս չեն ճանչնար այս պահուս:

Մերս կարծես այն գետն էր,
Որ իր հոսանքը անբավ
Առաւ լեռան ձյուններէն
Ու լեռը գայն չտեսաւ:

Մերս այն դուռն էր կարծես,
Ուրկէ ոչ ոք մտաւ ներս.
Ծաղիկներով ծածկըւած՝
Գաղտնի պարտէզ մըն էր սերս:

Ու եթէ սերս ոմանք
Երկինքնին վրայ՝ անսահմա՛ն
Տեսան ծուխի մը նման,
Կրակն անոր չտեսան...
.....

EU AMEI

Eu amei mas ninguém,
dentre as que eu havia amado,
soube o quanto as amei.
Quem sabe ler o coração?

As musas, ai, que inspiraram
as minhas maiores alegrias,
as minhas mais mordazes aflições,
não me reconhecem agora.

Meu amor, pensar-se-ia, era este rio
cuja corrente infinita
ele tomou das neves da montanha,
mas a montanha não o viu.

Meu amor, pensar-se-ia, era aquela porta
por onde ninguém entrou;
escondido entre as flores,
um jardim secreto era meu amor.

E se alguns viram meu amor
como uma fumaça
no céu infinito,
o seu fogo não viram.

.....

Ես սիրեցի, բայց ոչ ոք
Միրածներէս գիտցաւ թե՛
Զինքը որքա՛ն սիրեցի...
Ո՞վ կարդալ սիրտը գիտէ...

Eu amei mas ninguém,
dentre as que eu havia amado,
soube o quanto as amei.
Quem sabe ler o coração?

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

**YEGHICHE TCHARENTS
(YEGHICHE ABGARI
SOGHOMONIAN)**

**ԵՂԻՇԷ ՉԱՐԵՆՑ
(ԵՂԻՇԷ ԱԲԳԱՐԻ
ՍՈՂՈՄՈՆԻԱՆ)**

(1897-1937)

ՆԱԻՐԻ ԵՐԿՐԻՑ

Եկել — երկաթե երգ եմ ձեզ ասում
Ես — կարմիր պոետ — Եղիշե Չարենց:
Ե՛ս եմ՝ նաիրցի մի հսկա պոետ —
Եկել եմ ահա դարերի հեռու
Ու հին մշուշից —
Մշուշի միջից անթիվ դարերի.
Եկել եմ ահա ու կանգնել եմ սեզ,
Եվ երգ եմ ասում հիմա բոլորիդ —
Երկաթե մի երգ:

Ոտքերս, ամուր, հողի մեջ մխած,
Գլուխս աստղերում,
Անասան, հաստատ կանգնած հողմային
Օրերի հրում —
Իմ հավերժատես, պայծառ աչքերով
Նայում եմ հեռուն:

DA TERRA DE NAIRI

Vim — para vos dizer um canto de ferro,
eu — poeta vermelho — Yeghishe Tcharents,
eu sou um gigante poeta de Nairi —
e eis que venho de séculos longínquos
e de antigas névoas —
da névoa de incontáveis séculos,
venho aqui e me levanto, orgulhoso,
e digo meu canto agora para todos vós —
um canto de ferro.

Meus pés, firmes, cravados na terra,
minha cabeça nas estrelas,
inabalável, sólido, erguido contra os ventos
no fogo dos dias —
com meus olhos eternos e brilhantes
contemplo à distância.

Դեմս — հողմակոծ աշխարհն է անձայր,
 Հեռո՛ւ ու հեռո՛ւ,—
 Շաչում է, զնգում, ահեղ ու պայծառ —
 Բոսո՛ր հողմերում:
 Գլխիս վրայով
 Թռչում են, շաչում օրերը արագ,
 Հողմերի նման հավիտենության
 Ծեծում են կուրծքս վիթխարի թափով,—
 Ծեծում են կուրծքս, շաչում ու իրենց
 Երկաթ թներով թռչում են հեռու—
 Ու հեռուներում ոռնում են անտես,
 Ոհմակների պես քաղցած գայլերի,
 Որ գազազել ու շշմել են ասես
 Հողմերում հրի:
 Ու կանգնել եմ ես՝
 Ոտքերս ամուր հողի մեջ մխած
 Ու գլուխս տո՛թ խառնարաններում
 Անցած ու գալիք անթի՛վ օրերի:—

À minha frente — está o tempestuoso mundo infinito,
distante e distante! —
retinindo, rangendo, enorme e brilhante —
nos rubros ventos!
Por sobre minha cabeça
voam, tilintam os dias velozes,
como ventos da eternidade,
batem no meu peito com força colossal, —
batem no meu peito, estalam,
e com suas asas de ferro voam para longe —
e à distância uivam invisíveis,
como uma matilha de lobos famintos,
raivosos e atordoados
nos ventos de fogo.
E eu estou erguido,
meus pés, firmes, cravados na terra,
e minha cabeça nas crateras ardentes
dos dias sem conta passados e vindouros! —

Ու կանգնել եմ ես՝
 Լեռների վրա իմ ավեր երկրի,
 Կանգնել եմ հաստատ ու երգ եմ ասում
 Խնդասիրտ, արի,
 Եվ նետում եմ իմ երգը հողմաձայն
 Ժողովուրդներին բոլո՛ր կողմերի —
 Բոլո՛ր կողմերում տառապող մարդուն:
 Եվ ասում եմ ես.
 — Եկե՛լ եմ ահա.
 Եկե՛լ, հասել եմ դարերի մուժից,
 Անբոց մշուշից հեռու դարերի—
 Եվ բերել եմ ձեզ, կարմիր ձեր երթին,
 Մի՛րտը Նաիրի...
 Բերե՛լ եմ կարմիր սիրտը Նաի՛րի
 Ձեր կարմիր հրին — կարմիր ողջակեզ.
 Եվ ասում եմ ես
 Ժողովուրդներին բոլո՛ր կողմերի,
 Բոլո՛ր կողմերում տառապող մարդուն.
 — Լսե՛ք, հե՛յ, լսե՛ք,—
 Բոլոր կողմերում տառապող մարդիկ,
 Բանվորներ արի — բոլոր կողմերի,
 Եվ գյուղացիներ, զինվորներ բոլոր
 Ռազմադաշտերից տուն դարձող արդեն.—
 Լսե՛ք, հե՛յ, լսե՛ք.
 Դուք, որ հաղթակամ
 Ելե՛լ եք արդեն ու կռվով ըմբոստ,
 Շաչող, շառաչող օրերի միջով
 Գնում եք դեպի Կարմիր Ապագան —
 Լսե՛ք, հե՛յ, լսե՛ք, իմ ողջույնը սեզ
 Ու եղբայրական...

E estou de pé
sobre as montanhas de minha terra destruída,
estou de pé, firme, e digo meu canto
de coração alegre, valente,
e lanço meu canto à voz do vento
para os povos de todas as partes —
aos homens sofridos de todos os cantos!

E eu digo:
— Aqui cheguei!
Venho das névoas dos séculos,
das apagadas neblinas de séculos longínquos —
e trago a vós, à vossa marcha vermelha,
o coração de Nairi...

Trago o coração vermelho de Nairi
ao vosso fogo vermelho — vermelho holocausto;
e eu digo
aos povos de todas as partes,
aos homens sofridos de todos os cantos:
— Ouçam, ei, ouçam! —
homens sofridos de todos os cantos,
trabalhadores valentes — de todos os cantos,
e camponeses, soldados todos
que já retornam dos campos de batalha:
— Ouçam, ei, ouçam!
Vós que já saistes vitoriosos
e lutam rebeldemente,
através dos dias que rangem e tilintam,
vós que ides em direção ao Futuro Vermelho;
— Ouçam, ei, ouçam!
minha saudação orgulhosa e fraternal!...

Նաիրի երկրից — իմ ողջույնը ձեզ.
Ձեր կարմիր հրին — Նաիրի կարմիր
Միրտը — ողջակեզ:

Ո՞վ գիտե արդյոք՝
Բերե՞լ է մեկը այսօր աշխարհում
Խառնելու ձեր մեծ ու հզոր երգին
Մի երգ — ավելի՛ ըմբոստ ու արի,
Քան իմ երգը մեծ — երգը Նաիրի...

Ո՞վ գիտե արդյոք՝
Բերե՞լ է մեկը այսօր աշխարհում
Խառնելու հզոր, բոսոր ձեր սրտին
Մի սիրտ — ավելի՛ ըմբոստ ու արի,
Քան իմ սիրտը թեժ — սիրտը Նաիրի:

Եվ ո՞վ, ո՞վ կասի՝
Նետե՞լ է արդյոք մեկը աշխարհում
Այսօրվա կարմի՛ր, կարմիր ձեր երթին
Ողջույն — ավելի՛ առնական, արի,
Քան ողջույնը քո, երկիր արնաքամ,
Կարմի՛ր Նաիրի...

.....

Da terra de Nairi, minha saudação a vós;
ao vosso fogo vermelho — de Nairi o vermelho
coração — em holocausto.

Acaso alguém sabe?
Alguém trouxe hoje ao mundo,
para se unir ao vosso grande e poderoso canto,
um canto — mais rebelde e valente
do que meu grande canto — o canto de Nairi?...

Acaso alguém sabe?
Alguém trouxe hoje ao mundo,
para se unir ao vosso rebelde e poderoso coração,
um coração — mais rebelde e valente
do que meu ardente coração — o coração de Nairi?...

E quem, quem acaso diria?
Alguém lançou ao mundo,
ao presente vermelho, à vossa marcha vermelha,
saudação — mais viril e valente
do que tua saudação, ó terra ensanguentada,
vermelha Nairi?...

.....

Ծաղկի պես կարմիր, հրասիրտ, զվարթ,
 Բացվել է այսօր սիրտս նաիրյան
 Աշխարհի սրտում—
 Թե՛ժ, կարմիր սրտում վառվող աշխարհի:
 Իմ հազա՛ր անգամ ու հազա՛ր սրով
 Արնոտած, խոցված սիրտը նաիրյան
 Բացվել է այսօր աշխարհի սրտում.
 Հուզում է հոգիս անհուն մի խնդում,
 Խնդում մի հրե —
 Եվ երգում եմ ես, ահե՛ղ ու պայծառ,
 Քո էն երգը մե՛ծ, տիեզերական,
 Երկի՛ր Նաիրի...
 Երգում եմ հիմա քո երգը էն մե՛ծ,
 Որ սրտիս տվեց տառապանքը քո,
 Քո աշխատանքը, հաղթ ժողովրդի
 Տառապանքը մե՛ծ:

Ե՛ս — Ե՛ս եմ նորից.—
 Դարերից եկած անհո՛ւն մի պոետ—
 Եղիշե Չարենց —
 Նաիրի երկի՛ր, քո երգիչը վառ,
 Օրհներգուն պայծառ
 Ու զավակը մե՛ծ...

Como uma flor vermelha, coração em chamas, risonha,
abre-se hoje meu coração de Nairi
no coração do mundo —
no quente e vermelho coração do mundo ardente.
Meu mil vezes e com espadas mil
ensanguentado, ferido, coração de Nairi
abre-se hoje no coração do mundo!
Minha alma se comove com uma alegria infinita,
um alegre fogo —
e eu canto, formidável e brilhantemente,
teu grande canto, universal,
ó terra de Nairi!...
Canto agora este teu grande canto,
que teu sofrimento deu ao meu coração,
tuas obras, a vitória de teu povo,
teu grande sofrimento.

Eu — sou eu de novo —
um poeta que vem de séculos sem fim! —
Yeghishe Tcharents —
Ó Terra de Nairi, teu cantor ardente,
teu hino de louvor
e teu grande filho...

Ե՛ս — ե՛ս եմ նորից.—

Ոսկի երակը հնամյա ցեղիս,

Իմ ջլաբագուկ, հաղթ ժողովրդի

Օղակը վերջին,

Տվել եմ սիրտս գալիք օրերի

Երկաթե երգին,

Կապել եմ կյանքս Գալիքի հետ վառ —

Եվ կրում եմ իմ մեծ, հսկա սրտում —

Մի երկաթակուռ, նո՛ր, հզո՛ր աշխարհ:

Ու կանգնել եմ ես, հզոր ու հաստատ,

Լեռների վրա քո հավերժաձյուն —

Կանգնել եմ, պայծառ, ու շուրջս հիմա

Գալիքի կարմիր թևերն են շաչում —

Եվ կարծրանում ու պնդվում է հոգիս

Նրանց շառաչում:

Ու հպարտ եմ ես, հպարտ է ու խենթ

Քո կարմիր հրով լցված իմ հոգին.

Հպարտ եմ, որ ես — անհուն մի պոետ,

Ձայնով խնդագին—

Խառնում եմ այս նո՛ր, հզոր ե՛րգը քո—

Բոլորի՛ երգին...

Eu — sou eu de novo —
a veia de ouro desta raça milenar,
o braço valoroso, de teu vigoroso povo
o elo final,
e dou meu coração
ao canto de ferro dos dias vindouros,
e uno minha vida ao Futuro ardente —
e levo no meu grande, gigante coração —
um novo e poderoso mundo forjado em ferro!

E estou de pé, poderoso e firme,
sobre tuas montanhas de neve eterna —
Estou de pé, brilhante, e à minha volta agora
rangem as asas do Futuro vermelho —
e endurecem e obstinam minha alma
com o seu ranger.

E estou orgulhoso, orgulhoso e louco
com teu fogo vermelho preenchendo minha alma,
estou orgulhoso, que eu — um imenso poeta,
de voz alegre —
uno este teu novo, poderoso canto —
ao canto de todos!...

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՄՈՆՈԻՄԵՆՏ

Ես մոնումենտ կանգնեցի ինձ համար դժուար մի դարում,
 Երբ կործանում էր իմ շուրջը այն ամենը, որ բազմաթիւ
 Տարինե՛ր, դարե՛ր էր կանգնել — և անմա՛հ էր թւում աշխարհում:

Իմ մոնումենտն հիւսեցի երգերից ես խոր ու խրթին,
 Խոհերից, որ բորբ են ու նոր, որ կեա՛նքն են կրում իրենց մէջ,
 Որ յորդելով բխեցին իմ դարի բորբոքուն սրտից:

Ծնուեցի ես Ղարսում, սակայն՝ իմ հոգում արեւն Իրանի
 Յա՛ր հուրհուրաց, իբրեւ հին, հայրենի կարօտ մի անմար, —
 Բայց հայրենիքը ոգուս՝ բովանդակ աշխա՛րհը եղաւ:

MONUMENTO

Erigi para mim um monumento num século difícil,
quando à minha volta ruía tudo aquilo que numerosos anos e séculos ergueram!
— e parecia imortal ao mundo.

Estruturei meu monumento com canções profundas e obscuras,
com pensamentos inflamados e novos, que a vida trazia consigo,
e que transbordando emanavam do coração ardente de meu século!

Nasci em Kars, entretanto em minha alma o sol do Irã
sempre queimou como uma velha e inextinguível saudade da pátria! —
Mas a pátria de minha alma foi o mundo inteiro!

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՇԱՄԻՐԱՄ

Իրիկնային փողոցում ես տեսա նրան:

Նա — սևաչյա պչրուհի, գուցե — Շամիրամ:

Եվ ինձ տվեց հինավուրց հուռույթները նա.

Երկու համբույր — փողոցում, մայթերի վրա:

Եվ հմայեց ու տարավ նա դոյակը հին:

Լապտերները ժպտալով ճանապարհ դրին:

Եվ, չնայած որ անթիվ դարեր են անցել՝

Նո՛ւյնն է երազը նրա, լուկ մարմինն է — ծեր:

Նո՛ւյնն է խոսքը, կարծես նոր տրվոր աղջիկա,

Միայն մարած աչքերում էլ հրդեհ չկա:

SHAMIRAM

À noite na rua eu a vi.

Ela — de olhos negros, sedutores, talvez — Shamiram.

E em mim lançou o velho feitiço:

dois beijos na rua sobre a calçada.

E me encantou e me levou ao antigo palácio.

Lanternas sorridentes estavam dispostas pelo caminho.

E apesar de inúmeros séculos terem passado,

seu sonho é o mesmo, somente o corpo é — velho.

As palavras são as mesmas, você se acha o novo tesão da garota.

Somente nos olhos apagados não há fogo.

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ՎԱՀԱԳՆ

Փրկությանդ արեւ՝ Վահագնին տեսար ...
 Հ. ՀՈՎՀԱՆՆԻՍՅԱՆ

Հրդեհի աստված, հրդեհ ու կրակ,
 Օ, Վահագն արի: — Տեսնում եմ ահա,
 Որ ծիծաղում ու քրքջում են նրանք
 Արնաքամ ընկած դիակիդ վրա:
 Թե՞ միֆ էիր դու... Եկան, երգեցին
 Մի հին իրիկուն գուսանները ծեր,
 Որ հզո՛ր ես դու, հրոտ, հրածի՛ն,
 Որ դո՛ւ կբերես փրկությունը մեր:
 Եվ հավատացինք, հարբած ու գինով,
 Որ դու կաս՝ հզոր, մարմնացում Ուժի՛—
 Իսկ նրանք եկան՝ արյունով, հրով
 Մեր երկիրը հին դարձրեցին փռշի...
 Եվ երբ քարշ տվին դիակդ արնաքամ,
 Որ նետեն քաղցած ոհմակներին կեր —
 Մեր կյանքի հիմներն անդունդը ընկան
 Եվ արնոտ միգում ճարճատում են դեռ...

VAHAGN

Viste o sol de tua salvação, Vahagn...
(Hovhannes Hovhanessian)

Deus do fogo, fogo e chama,
ó bravo Vahagn! — Eis que vejo
que riem às gargalhadas
de teu corpo caído e dessangrado.
Ou tu eras um mito?..
Numa tarde de outrora os antigos trovadores vieram e cantaram
que tu eras poderoso, ígneo, nascido do fogo,
que tu trarias nossa salvação!
E nós críamos, embriagados e bêbados,
que tu existes, poderoso, a encarnação da Força —
Mas eles vieram, com sangue, com fogo
e transformaram em pó nossa velha terra...
E quando arrastaram teu corpo ensanguentado
para atirá-lo de comida para lobos famintos —
Os fundamentos de nossa vida caíram no abismo
e ainda crepitam nas trevas sangrentas...

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA

ԵՍ ԱՍՏՂԱՅԻՆ ՄԻ ՊՈՆԵՑ

Ես աստղային մի պոետ, Լաբիրինթում քո կապույտ,
Քո՛ւյր, անցնում եմ, որպես աստղ, հոգիս — մեռած աստղի փայլ.
Այնքան տրտում է հոգիս, բայց միշտ ժպտում է հոգուդ,
Որ երազը, չդառնա Գողգոթայի ճանապարհ...

EU, POETA DAS ESTRELAS

Eu, poeta das estrelas, no teu labirinto azul,
passo, irmã, como uma estrela, minha alma — brilho de estrela morta.
Tão triste está minha alma, mas sempre sorri para tua alma.
Que o sonho não se torne o caminho do Gólgota.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՀԱՅՐԵՆԻՔՈՒՄ

Ձինապատ լեռներ ու կապոյտ լճեր:

Երկինքներ, որպէս երազներ հոգու:

Երկինքներ, որպէս մանկական աչեր:

Մենակ էի ես: Ինձ հետ էիր դու:

Երբ լսում էի մրմունջը լճի

Ու նայում էի թափանցիկ հեռուն —

Զարթնում էր իմ մէջ քո սուրբ անուրջի

Կարօտը այն հին, աստղայի՛ն, անհո՛ւն:

Կանչում էր, կանչում ձիւնոտ լեռներում

Մէկը՝ կարօտի իրիկնամուտին:

Իսկ գիշերն իջնում, ծածկում էր հեռուն,

Խառնելով հոգիս աստղային մութին...

NA PÁTRIA

Montes nevados e lagos azuis.
Céus quais sonhos d'alma.
Céus quais olhos de criança.
Só estava eu. Comigo estavas tu.

Ao ouvir o murmúrio do lago
e olhar a distância cristalina –
despertou dentro de mim aquela velha saudade
de tua sagrada visão, estelar, imensa!

Nas montanhas nevadas, um alguém clamava,
clamava ao anoitecer de saudades.
E a noite caiu, cobrindo tudo à distância
e mesclando minha alma à escuridão sideral.

TRADUÇÃO DE DEIZE CRESPIM PEREIRA E LUCCA TAVANO BACAL

ԵՍ ԻՄ ԱՆՈՒՇ ՀԱՅԱՍՏԱՆԻ

Ես իմ անուշ Հայաստանի արեւահամ բառն եմ սիրում,
 Մեր հին սագի ողբանուագ, լացակումած լարն եմ սիրում,
 Արնանման ծաղիկների ու վարդերի բոյրը վառման
 Ու նայիրեան աղջիկների հեզաճկուն պարն եմ սիրում:

Միրում եմ մեր երկինքը մուգ, ջրերը ջինջ, լիճը լուսե,
 Արենն ամռան ու ճմեռուայ վիշապաձայն բուքը վսեմ,
 Մթում կորած խրճիթների անհիւրընկալ պատերը սեւ
 Ու հնամեայ քաղաքների հազարամեայ քա՛րն եմ սիրում:

Ուր էլ լինեմ, չե՛մ մոռանայ ես ողբաձայն երգերը մեր,
 Չե՛մ մոռանայ աղօթք դարձած երկաթագիր գրքերը մեր,
 Ինչքան էլ սո՛ւր սիրտս խոցեն արիւնաքամ վերքերը մեր,
 Էլի ես որք ու արնավառ իմ Հայաստան–եա՛րն եմ սիրում:

Իմ կարօտած սրտի համար ո՛չ մի ուրիշ հեքեաթ չկայ.
 Նարեկացու, Քուչակի պէս լուսապսակ ճակատ չկայ.
 Աշխա՛րհ անցիր, Արարատի նման ճերմակ գագաթ չկայ.
 Որպէս անհաս փառքի ճամբայ՝ ես իմ Մասիս սա՛րն եմ սիրում:

DE MINHA DOCE ARMÊNIA

De minha doce Armênia, amo a palavra gostossolar,
 amo a lastimosa, quase chorosa corda de nosso velho saz,
 amo as flores vermelho-sangue e o ardente perfume das rosas
 e amo a dança graciosa das moças de Nairi.

Amo nosso céu moreno, as águas claras, o lago de luz,
 o sol do verão e a exaltada nevasca urro-vishap do inverno,
 as inóspitas paredes negras dos casebres perdidos nas sombras
 e amo as pedras milenares das cidades antigas.

Onde quer que eu esteja, não me esqueço de nossas canções vozcarpidas,
 não me esqueço de nossos livros em yerkataguír, tornados orações!
 Das quantas vezes nossas chagas dessangradas feriram meu coração!
 Ainda que órfã e sanguinflamada, sigo amando minha Armênia.

Para meu coração saudoso, outras fábulas não há;
 como as de Narekatsi, de Kutchak, feito uma coroa à testa, não há.
 Percorra o mundo: pálido cume feito o do Ararat não há.
 O tamanho da inacessibilidade da estrada da glória é o quanto amo meu monte
 [Massis.

TRADUÇÃO DE LUCCA TAVANO BACAL

ԳԻՇԵՐՆ ԱՄԲՈՂՋ

Գիշերն ամբողջ հիվանդ, խելագար,
Ես երազեցի արևի մասին:
Շուրջս ո՛չ մի ձայն ու շշուկ չկար —
Գունատ էր շուրջս՝ գիշեր ու լուսին:

Ես երազեցի արևի ոսկին,
Տենչացի նրա հրաշքը խնդուն՝
Ուզեցի սիրել շշուկն իմաստուն՝
Արևանման, արնավառ խոսքի, —

Բայց շուրջս այնպես գունատ էր, տկար —
Խոսքեր չկային, ու արև չկար...

A NOITE INTEIRA

A noite inteira doente, enlouquecido,
eu sonhei com o sol.

Ao meu redor, nenhuma voz ou sussurro —
ao meu redor, palidez, só a noite e a lua.

Eu sonhei com o ouro do sol,
ansiei pelo seu milagre jubiloso,
quis amar o sussurro sábio
da palavra ardente de sangue, tal como o sol —

Mas o entorno era tão pálido, frágil.

Não havia palavras, e não havia sol...

TRADUÇÃO DE KAREN MITIE SUGUIRA

ԽՈՆ

Մերը — ահա՛ նրա միակ մեղքը:
 ՕՎԻԴԻՈՍ ՆԱԶՈՆ
 Շա՛տ էր լեցուն հոգվույս, ո՛վ տեր,
 Բազմազեղումն այս շրջասփյուռ...
 ՄԻՍԱԶ ՄԵԾԱՐԵՆՑ

Ես մարդ եմ, պոետ ու քաղաքացի,
 Ապրում եմ ահա լենինյան դարում,
 Գրում եմ երգեր, գնում եմ գործի,—
 Ապրում եմ այնպես, ինչպես աշխարհում
 Ապրել է մարդը բազմաթիվ դարեր.
 Իմ երակներում արյունն է եռում
 Եվ սիրում եմ ես «աշխարհ ու արև»:
 Իմ սրտում ունեմ ես անթիվ սերեր,
 Ու ցանկություններ, ու խոհեր բազում.—
 Ես ինձ հետ այսօր աշխարհ եմ բերել
 Հազա՛ր մտորում, հազա՛ր զգացում:—

Եվ այնպես, ինչպես բոլո՛ր դարերում
 Կապված է եղել մարդը իր դարին,—
 Ես իմ մեջ այսօր տենչերն եմ կրում
 Մեր ժամանակի անդո՛ւլ պայքարի:
 Եվ ինչպես ճորտը շվայտ Հռոմում
 Պատրիկների հետ չի՛ նստել ճաշի—
 Այնպես ես այսօր, լենինյան դարում,
 Չե՛մ կարող լինել բռնակալ դասի՝
 Պատրիկների հետ... Հազար թելերով
 Կապված եմ ես այս հսկա պայքարին—
 Եվ մաքառումի այս ճանապարհին
 Ես ամե՛ն տանջանք տարել եմ սիրով:

REFLEXÃO

O amor – eis seu único pecado. (Ovídio Naso)
 Muitos eram meus profundos suspiros, qual o dono,
 Desses abundantes (e) difusos (suspiros)... (Misak Metsarents)

Eu sou homem, poeta e cidadão,
 vivo nesta era de Lênin,
 escrevo obras, vou ao trabalho, –
 vivo, assim como, no mundo,
 vive o homem por numerosas eras.
 Em minhas veias ferve o sangue
 e amo, eu, “o mundo e o sol”. —
 Em meu coração, tenho eu amores inúmeros
 e desejos e reflexões vários: —
 Eu, hoje, carrego o mundo comigo,
 milhares de pensamentos, milhares de sensações. —

E assim como, em todos os séculos,
 O homem esteve amarrado à sua era, —
 eu tenho, hoje, saudades dentro de mim
 da luta incessante de nossos tempos,
 e assim como o desregrado escravo em Roma
 não se sentou à ceia com os patrícios,—
 também eu, hoje, nesta era de Lênin,
 não posso ser um ditador de classes.
 Com os patrícios... com milhares de fios,
 amarrado estou eu a esta luta colossal,—
 e neste caminho do combate
 eu suportei todas as torturas com amor.

Ես դարիս անեղ փորձության պահուն
 Ո՛չ միայն հատու երգեր եմ կռել,
 Այլ մարտ եմ մղել կյանքի ու մահու,
 Որպես մի զինվոր:— Պատրաստ եմ կրել
 Ես կրկի՛ն սվին, երբ օրերը գան.
 Հագար թելերով քաշում է ներկան
 Ինձ հորձանուտը իր լուռ պայքարի.—
 Իմ բու՛ր, բու՛ր նյարդերով, որ կան,
 Ես կապված եմ իմ վիթխարի դարին:—

Բայց չե՛մ մոռանում ես երբե՛ք, երբե՛ք,
 Որ տրված է ինձ մարդկային մի սիրտ,
 Տրված են սերեր, կարոտներ, կրքեր,
 Եվ կա աշխարհում... մի «հիմար լուսին»:—
 Վարդե՛ր կան կյանքում, կրքե՛ր կան անանց,
 Կան գրքե՛ր, գրքե՛ր հագարաչքանի,
 Մրգե՛ր կան հասուն, մարգե՛ր կան կանաչ—
 Եվ ես աշխարհում ապրում եմ քանի,—
 Չե՛մ կարող սիրով, սրտով իմ անհագ
 Զգացմունքներիս հորձանքով բեղուն
 Չսիրել կյանքի լիությունն անհաս,
 Ամբողջությունը այս բազմաբեղուն...

Eu, no instante das terríveis provações deste século,
não só moldei obras afiadas,
mas também incitei batalhas de vida e morte,
como um soldado. — Estou pronto para carregar,
de novo, a baioneta, quando os dias vierem.
Com milhares de fios, o presente me puxa
ao vértice de sua luta calada: —
Com todos, todos os meus nervos que existem,
eu estou amarrado à minha enorme era. —

Mas eu não esqueço nunca, nunca,
que me é dado um coração humano,
são-me dados amores, angústias, paixões,
e há no mundo... uma “lua tola”. —
Há na vida rosas, há paixões imperecíveis,
há livros, livros com milhares de olhos,
há frutos maduros, há frutos verdes—
e enquanto eu vivo no mundo—
não posso, com amor, com meu insaciável coração,
com o fértil redemoinho de meus sentimentos,
deixar de amar a plenitude inalcançável da vida,
este multifértil todo.

Հազար հույզերով հուզում է ներկան
 Ու փռում իմ դեմ հուզումների բերք.—
 — Ողջո՛ւյն քեզ, կարո՛տ, ու խո՛հ, ու պայքա՛ր,
 Ողջո՛ւյն քեզ, կյանքի բազմալեզու ե՛րգ:
 Պայծա՛ռ եմ նայում աշխարհին հիմա,
 Իմաստություն է իմ սրտին իջել.
 Հնձի եմ ելել հնձվորի նման—
 Եվ ո՛չ մի ցողուն չե՛մ ուզում զիջել:
 Չե՛մ ուզում լինել արճիճ ու երկաթ,
 Այլ, սիրտս սրբած վաղվա հավատով՝
 Ընդունում եմ ինձ այնպես, ինչպես կամ՝
 Իմ ոգու ամբո՛ղջ տենդով ու տապով:

Եվ դո՛ւ, գալիքի երջանի՛կ ընկեր,
 Համաշխարհայի՛ն դու քաղաքացի.
 Լսո՞ւմ ես՝ մարտիկ լինելուց բացի
 Ես է՛լ քեզ նման մի մարդ եմ եղել:
 Ես է՛լ քեզ նման ունեցել եմ բյուր
 Կարոտներ, կրքեր ու զգացմունքներ,
 Տքնել եմ, հոգնել, պայքարել անքուն,
 Թափել խնդության, ցավի արցունքներ,—
 Սիրել եմ, սիրվել, ասել ու ներել,
 Ընկել եմ հաճախ, բարձրացել էլի՛—
 Եվ բազմապիսի երգեր եմ գրել՝
 Խոհով, պայքարով ու կրքերով լի՛:—

Milhares de emoções agitam o presente
e estendem para mim a colheita de sentimentos: —
— Saudações a ti, angústia, e reflexão, e luta,
saudações a ti, canção multilíngue da vida.
Eu olho radiante o mundo agora,
a sabedoria desce ao meu coração.
Ergo-me na colheita como uma colheitadeira
e não quero deixar uma haste para trás.
Não quero ser chumbo nem ferro,
mas meu coração se purifica com a fé no amanhã.
Aceito-me assim como eu sou,
com todo o ardor e a agitação de minh'alma.

E tu, feliz amigo do porvir,
Ó, tu, cidadão do mundo,
ouve que, além de sermos combatentes,
eu fui, também, um homem como tu.
Eu também, como tu, tive incontáveis
angústias, paixões e sentimentos,
suei, cansei, batalhei sem sono,
derramei lágrimas de dor e de alegria, —
amei, fui amado, odiei e perdoei,
caí com frequência, levantei-me de novo —
e escrevi variadas canções
cheias de reflexões, de lutas e de paixões. —

Եվ երբ հուշ դառնա այսօրվա ներկան,
Ու դարը այս մեծ փոխվի երազի,
Եվ դու, իմ հեռու, գալի՛ք բարեկամ,
Կարդալու լինես իմ կյանքի մասին,—
Իմացի՛ր, որ մեր օրերի խորքում
Ե՛ս էլ եմ եղել կրքերի գերի,—
Հասկացի՛ր սրտիս հույզերը հորդուն
Եվ պայծա՛ռ նայիր անցած պատկերիս...

E quando tornar-se memória o presente de hoje,
e este grande século tornar-se sonho,
e tu, meu distante camarada do devir,
fores ler sobre minha vida, —
saiba que, nas profundezas de nossos dias,
eu também fui escravo das paixões, —
compreenda as copiosas emoções do meu coração
e olhe minhas radiantes imagens passadas...

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

ՉԱՐԵՆՑ-ՆԱՄԵ

Ձեր մտքերը մի պահ ես պիտի
Այսօր տամ երգերիս քարե: —
— Ե՛ս եմ այս `անտուն, անոթի
Մի պոետ— Եղիշե Չարենց:

Ես եկել եմ հեռո՛ւ Իրանից:
Հայրենիքս է — Խանի Մակուն:
Իմ հոգում — արև՛ն Իրանի,
Իրանի արև՛ն է իմ հոգում:

Իսկ արյան մեջ երգում է իմ —
Նաիրյան տխրությունն անծիր...

Իսկ ուղեղս — կարմի՛ր-կարմի՛ր
Մոսկովյան հրով այրեցի:

Թող իմ սիրտը — բուրմունքը վարդի,
Իսկ ուղեղս — կրա՛կը խանձի: —

— Իսկ հիմա լսեցե՛ք, մարդի՛կ,
Շահ-Նամեն բանաստեղծ Չարենցի...

TCHARENTS-NAMÊ

Um instante da sua atenção eu hoje hei
de entregar às minhas canções de pedra. —
— Sou este andarilho, um poeta
faminto — Yeghishê Tcharents.

Vim do longínquo Irã.
Minha pátria é a Maku do khan.
Em minha alma — o Sol do Irã.
É o Sol do Irã que há em minha alma.

Mas no sangue — em meu sangue —
se canta o sofrer infinito de Nairi...

Mas meu cérebro — vermelho, vermelho
incendiou-se nas chamas de Moscou.

Que meu coração — seja aroma das rosas
e meu cérebro — brasa ardente. —

— E agora, homens, ouvi,
o Shah-Namê do poeta Tcharents...

I

Ոսկեվառ արևի նման
Իրանից նետված Նաիրի,
Նաիրից նետված Մոսկով —
Ես երգում եմ կյանքս հիմա —
Արևով,
Արյունով,
Ոսկով:

Ես ի՞նչ հրաշքով դարձնեմ
Օրերիս անիվն անգո.

Թող իմ երգը ձեզ թոցնե՛ —

Նաիրի.

Կարս —

Մանկություն...

Ես Կարսում եմ —

Նորի՛ց,

Նորի՛ց...

Մանկական շրթերըս կախած՝

Ես տեսնում եմ մորս

Նորից —

Ստի՛նքները՝ երկու ձագար...

I

Feito o Sol ourinflamado,
do Irã, arremessado a Nairi,
de Nairi, arremessado a Moscou —
canto agora minha vida —
com o sol,
com o sangue,
com o ouro.

Por meio de que milagre poderia eu
voltar a intangível roda de meus dias?

Que o meu canto faça com que vocês sobrevoem —

Nairi.

Kars —

Infância...

Estou em Kars —

de novo,
de novo...

Meus lábios soltos de criança.

Estou vendo a minha mãe
de novo —
seus seios, dois funis...

Դեռ հոգիս մի նետ է հանգիստ՝
Օրերիս աղեղին կպած:

Հեռուսմ — մորմոքը զանգի:

Ահա հայրս՝ հագին կապա...

Նրա դեմքը՝ արծաթե ավսե,
Վրան քիթը՝ կեռ մի դանակ:
Թափել է ժամանակն անսեր
Մազերին — ճերմակ նիրվանա:

Ահա մայրս՝ գնում է ջրի,
Գլխին՝ Թեհրանի լաչակ...

Սուլում է քամին Նաիրի —

Ուզում եմ բարձր ճչալ:

Պարզում է ձեռքերն առաջ
Հոգիս, որպես որբ տղա. —
Ուզում է — արևկեզ հարավ,
Ուզում է արևի ծնծղան...

Իսկ երբ մայրս մազերին իր ձյուն
Դնում է ոսկեմուգ հինա —
Թվում է՝ մազերի միջով
Ես կարող եմ Թեհրան գնալ...

Minha alma, uma flecha ainda em repouso,
presa ao arco dos meus dias.

Ao longe — ressoa a aflição do sino.

E aqui, meu pai trajando kapá...

Seu rosto, uma bandeja prateada,
acima, o nariz; uma curva adaga.
O tempo a verter desamor
em seus cabelos — nirvana grisalho.

E aqui, minha mãe indo à fonte,
em sua cabeça, um lenço de Teerã...

Assobia o vento de Nairi —

quero urrar alto.

Estende as mãos para frente,
minha alma, feito um rapaz órfão. —
Ela deseja — o Sul solqueimado;
deseja a glória do Sol...

E quando minha mãe despeja hena dourada
em seus cabelos de neve —
me parece que, através de suas mechas,
posso ir até Teerã...

Կարող եմ հասնել Հնդուչին,
Տիրանալ գանձերին Շահի...

Մանկություն... ոսկեթև թռչուն...
Դեղնավուն ոսկի՝ հինայի...

II

Ես ծնվել եմ Մակու քաղաքում,
Արևի տակ ոսկեդեն, հասուն,
Շոգ շնչի տակ Որմուզդի թևի —

1897 թվին:

Թափել է արևն Իրանի
Իմ հոգում Շիրազի վարդեր:

Բայց տխուր նաիրյան քամին
Իմ սրտում թախիծ է բարդել:
Դեռ աչքերս արևին չբացած
Նետել է ինձ հին մի քաղաք:—

Ես անգույն Կարսում մեծացա՝
Հայրենիքս հեռուն թողած:

Աչքերս թևերի նման
Դեռ նիրհել էին շվարած —
Երբ գրկեց ինձ թախիծն հնամյա,
Որպես տան մշտական ծառա: —

Posso alcançar a Indochina,
apresar os tesouros do Shah...

Infância... pássaro d'asas'd'ouro...
d'ouro amarelado de hena!...

II

Eu nasci na cidade de Maku
sob o Sol dourado, maduro,
sob a quente brisa vinda das asas de Ormuzd —

em 1897.

O Sol do Irã despejou,
em minha alma, rosas de Shiraz.

Mas o triste vento de Nairi
içou uma mágoa em meu coração.
Com meus olhos ainda fechados para o Sol,
lançou-me numa antiga cidade. —

Cresci em uma Kars incolor;
minha pátria distante, abandonada.

Meus olhos, quais asas,
ainda cochilavam confusos —
quando abraçou-me a antiga mágoa,
feito imanente serva da casa. —

(Նա մեր տանն էր վաղուց մեծացել,
 Դեռ եղել էր պապիս ժամանակ:
 Մնացել էր՝ հոգնած ու ծեր,
 Սպասում էր, որ երկինք գնա:
 Մենք նրան ասում էինք՝ ապի,
 Նա տանում էր ինձ փողոց.
 Միրում էր ամեն բան թափել.
 Երդվում էր նաիրյան հողով...):

Հորական տնակում նստած,
 Նա մոռում էր, որպես տան կատու:
 Բայց հոգիս կարոտով վստահ
 Երագում էր արև ու խնդում:

Եվ հենց նա՛ էր, թախիծն հնամյա,
 Որ ծածկած արև ու Իրան —
 Մի ծերուկ ուսուցչի նման
 Ինձ մի օր վարժարան տարավ:

Ու, ծածկած արև ու Իրան,
 Նա, շնչով կարծես մի հրե —
 Ուղեղիս կտավի վրա
 Փորփրեց հնամյա գրեր...

(Իմ հոգին
 Ո՞նց
 Իմանար,
 Որ հոսանքը այդ հին գրերի
 Իմ հոգու անհաղթ թևերին
 Պիտի բյուր երկինքներ բանա:

(Crescera em nossa antiga casa,
era ainda o tempo de meu avô.
Restara cansado e velho;
esperava ir para o céu.
Chamávamos-lhe 'apí';
ele me levava à rua.
Amava contrariar tudo o que fosse,
jurando pelo solo de Nairi...).

Sentado em sua cabana,
ele ronronava feito gato doméstico.
Mas minha alma, confiante, saudosa,
sonhava sóis e deleites.

E foi ela e só ela — a antiga mágoa —
que, sobreposta ao Sol e ao Irã —
como um professor velhinho —,
me trouxe um dia ao colégio.

E, sobreposta ao Sol e ao Irã,
ela, com um sopro como de fogo —
sobre a tela de meu cérebro,
grafou antigos escritos...

(Como
minha alma
poderia ter previsto que,
para suas próprias asas indomáveis,
o fluxo desses antigos escritos
revelaria miríade de céus?

Որ հետո,
Տարիներ հետո,
Առածից բյուրպատիկ ավելի —
Նավերիս ճերմակ կտավին
Նա քամի ու արև պիտի տա...):

Իմ խաղա՛ դ, կապո՛ւյտ մանկություն,
Դու նման ես լճակն ընկած
Արծաթե լուսինի դիակին: —

Դու կայիր — ու չկաս հիմա դու,
Արևի դեմ դու, թույլ, հանգար —

Բայց արդյոք կայի՞ր դու իսկի...

III

Եվ ահա— պատանի եմ ես
Տասնըչորս, տասնըհինգ տարեկան:—

Հիմա քեզ,— պիտի քեզ երգեմ,
Իմ լուսե, հեռո՛ւ բարեկամ:—

Աստղիկ:— Քո անունը այս
Ես պահել եմ սրտում իմ — վառ:

Ինչպես ծովն ընկած առագաստ
Թող ընդմիջտ նա այնտեղ մնա:

Que depois,
depois de anos,
tão mais numerosos que os provérbios —
à alva vela de meus navios,
ele daria vento e Sol...).

Minha serena, azul infância,
você é feito o disco da lua prateada
caído numa lagoa. —

Havia você — e não há mais você,
ante o Sol, frágil, apagou. —

Mas terá de fato havido?...

III

E aqui — estou jovem,
com quatorze, quinze anos. —

Agora a você, — a você vou cantar,
minha luminosa, distante amiga. —

Astghik. — Esse seu nome
tenho guardado — abrasador — no meu coração.

Que aqui permaneça eternamente,
feito veleiro lançado ao mar.

Օ, հաճա՛խ, հաճա՛խ, բարեկա՛մ,
Որպեսզի հոգիս չմրսի —
Ես հիշել եմ վայրկյան-վայրկյան
Կանաչաճ ալյուրի Կարսի...

Ես հիշել եմ —

Ի՞նչ.

Չգիտեմ: —

Ես հիշել եմ այն ամառվա

Քո ժպիտը —

Տխուր,

Անթև, —

Իմ շապիկը — հիշո՞ւմ ես — ճերմակ...

Հիշո՞ւմ ես...

Ախր ի՞նչ հիշես...

Ախ, ոչինչ չկա հիշելու:—

Աշունը

Տերևներ քշեց —

Թիթեռներ դեղնաճ հուշերի...

Ների՛ր ինձ,

Ների՛ր, բարեկա՛մ,

Ինչքան էլ լուսե լինեիր —

Ai, por tantas e tantas vezes, amiga,
para que não se resfriasse minha alma —
me lembrei de lampejos, instantes,
do verdejante jardim de Kars...

Tenho lembrado —
de quê?
Não sei. —

Me lembrei daquele seu
sorriso de verão —
triste,
desalado. —
A minha camisa — lembra? — era branca...

Lembra?

Mas do que é que você lembraria?...

Ah, não há nada para ser lembrado. —

O outono
baniu as folhas —
borboletas de memórias amareladas...

Me perdoa,
perdoa, amiga,
tanto fazia o quanto você brilhasse —

Ես անմիտ պատանի էի
Տասնըչորս-տասնըհինգ տարեկան...

IV

Եվ
Ահա —
Տասներկու թվին —
Առաջին անգամ... այնտեղ...
Առաջին համբույրս տվի —
Քեզ...
Հիշատակ անթև:

Ես ուզում էի — շո՛գ,
Իրան...
Շիրազի վարդեր կարմիր: —

Բայց գտա...
Անկողնի...
Վրա...
Տարածված... մի պաղ... մարմին...
Ներիր, Աստղիկ Ղոնդախյա՛ն,
Իմ լուսե բարեկամ...
Ների՛ր...

Ես...
Հետո...
Աշխարհների անցա —
Բայց թողա՞ծս ետ չբերի...

eu era um jovem tolo,
com quatorze, quinze anos....

IV

E
lá está —
o ano doze —
a primeira vez... lá...
a primeira vez que dei um beijo —
em você...
Uma lembrança desalada.

Eu queria — calor,
Irã...
rubras rosas de Shiraz. —

Mas encontrei...
sobre...
a cama...
estirado... um corpo... frio...
Perdoa, Astghik H'ondakhtchyan,
minha luminosa amiga...
perdoa...

Depois...
eu...
caminhei muitos mundos —
sem nunca recuperar o que deixei para trás...

Միրելի,
Լուսե
Ղոնդախյան —

Ների՛ր... օ...
Ների՛ր...
Ների՛ր...

V

Եվ ահա
Առաջին
Անգամ —
Այնտեղ... միևնույն տարին —
Երևաց մի ուրիշ անգո,
Անունը... Երկիր Նաիրի:
Երևաց:
Երևի չկար:
Երևի չկային վարդեր:

Եկավ —
Ուսերիս վրա
Մի անհուն տխրություն բարդեց:

Թվաց թե —
Տեսնում եմ մշուշում
Մի կապո՛ւյտ-կապո՛ւյտ աղջիկ: —

Amada,
luminosa
H'ondakhtchyan —

Perdoa...ai...

Perdoa...

Perdoa...

V

E lá está
a primeira
vez que —
aqui... neste mesmo ano —
surgiu outra abstração:
o nome... País de Nairi.
Surgiu.
Antes não havia, naturalmente.
Naturalmente, rosas não havia.

Chegou —
sobre meus ombros
acumulou um sofrer interminável.

Parecia que —
em meio à neblina, eu via
uma menina azul, azul!—

Նման էր — հնամյա փռշու,
Նման էր — արնոտած խղճի:

Սպիտակ շրթերի վրա
Կային... դեղնավուն վերքեր:

Տվեցի սիրտս նրան —
Ուզեցի, որ նրան երգեմ...

.....

VI

Օ, երգե՛ր իմ —
Առաջի՛ն,
Առաջի՛ն...

«Երեք երգ»...

Աստղիկ Ղոնդախյան...

Քրքրեմ
Մոխիրն իմ խղճի

Եվ երբե՛ք, երբե՛ք
Չզղջամ...

Era como — cinzas antigas,
era como — ensanguentada consciência.

Tinha... chagas amareladas
sobre os lábios brancos.

Pra ela dei meu coração —
pra ela desejei cantar...

.....

VI

Ó, minhas canções —
as primeiras!
As primeiras!...

‘Três Canções’...

Astghik H'ondakhtchyan...

Que eu revolva
as cinzas de minha consciência

e jamais, jamais
me arrependa...

VII

Ես ինքս էլ լավ միտ

Չբերի —

Թե ո՞նց՝ Կարսի այգուց —

Տասնհինգ թվի վերջերին —

Արթնացա... գորքերի շարքում:

Կամավոր:

Հայկական բանակ:

Հրացան: Թնդանոթ: Ռումբեր:

Եվ ահա — Այգեստանը Վանա:

Եվ ահա — Վարդան, Ռուբեն:

Եվ ահա ընկերներ նոր-նոր:

Նյու-Յորքից, Բասենից, Պոլսից: —

Մա՛հ,

Մա՛հ,

Մա՛հ:

Ընդհանուր, հանուր:

VII

Eu mesmo
não me lembro bem —
de como, dos jardins de Kars, —

no final do ano quinze —

acabei despertando... nas fileiras do exército.

Voluntário.

Tropa armênia.

Rifles. Canhões. Bombas.

Aqui estão — os Vinhedos de Van.

Aqui estão — Vardan, Ruben.

E aqui estão os novíssimos amigos.
De Nova Iorque, de Bassen, de Pols. —

Morte,

Morte,

Morte.

Geral. Universal.

Զինվորի, աղջկա, հարսի: —

Ես կարծում էի — այնտեղ,
Ռուսների ահեղ որոտում
Կգտնեմ քո դեմքը լուսե:

Բայց գտա... դիակներ փայտե,
Ու տեսա մի երկիր, որը դու
Լքեցիր խուժումից մեր սև:

Ու իջավ թախիժն հնամյա
Ու հոգիս ճնշեց, ճնշեց...

Եվ իմ դեմ հրաշքի նման
Կրակվեց քո ուղին անշեղ...

VIII

(Ո՞ւմ ինչ, որ — միևնույն թվին
«Պրոգրես» տպարանը Թիֆլիսում
Ավետեց իմ կոտրած թևի
Արնոտած անկումի մասին...
Ու «Գիր»-ը փոշոտ վիտրինում
Մի փոքրիկ բրոշյուր դրեց: —

Իմ տողերը վիշտ բերին ո՞ւմ —
Դանթեյան իմ տողերն հրե):

De soldados, de meninas, de esposas. —

Eu achava — que lá,
entre os terríveis trovões das bombas
descobriria o seu rosto iluminado.

Mas o que eu vi... foram cadáveres de madeira,
e vi uma terra, aquela que você desertou
ante nossa sombria invasão.

E deu as caras a antiga mágoa,
e minha alma foi pesando, pesando...

E, feito um milagre,
incendiou as suas pontes inabaláveis...

VIII

(E vocês com isso? — Foi no mesmo ano que,
em Tífilis, a gráfica “Progress”
anunciou a queda sangrenta
de minha asa quebrada...

E a “Guir” afixou, na vitrine empoeirada,
uma pequenina brochura. —

E essas minhas linhas, a quem afligiram? —
Essas minhas dantescas linhas de fogo).

IX

Իսկ

Հետո —

Տասնըհինգ թվին —

Երբ եկա, հասա Մոսկով —

Զգացի հսկա մի թնի

Թայրտում... Վիթխարի սոսկում:

Թվաց թե —

Հասնում եմ ահա

Աշխարհի վերջին վրանին,—

Բայց որպես ոսկի մի վահան

Բարձրացավ արևն Իրանի...

Վառվեցին իմ հոգում հանկարծ

Վարդերը հեռու Շիրազի...

Օ, սի՛րտ իմ, գլխիվայր ընկար —

Կախվեցիր... աղջկա վարսից:

Զարթնեցին հեռո՛ւ տարիներ —

Ձիերի նման վրնջան...

Արթնացավ հրկիզող մի սեր...

Կարինե:

Կարինե Քոթանճյան...

IX

E

depois —

no ano quinze —

quando cheguei a Moscou —

pressenti o bater de uma asa

gigantesca...de Colossal apavorar.

Parecia que —

parece que alcancei

a última tenda do mundo, —

mas nasceu o Sol do Irã,

feito um escudo de ouro...

Em minha alma inflamaram-se de repente

as rosas da distante Shiraz...

Ó, meu coração... caiu cabisbaixo —

restou pendurado... nos cabelos de uma moça.

Anos passados acordaram —

feito o relinchar dos cavalos...

Despertou-se um amor que incendeia...

Karine.

Karine K'ot'anchyan...

X

«Ծիածանը»...

Արևն է այնտեղ, —

Նաիրյան թախիծի միջից.

Հրկիզված իմ հոգին բանտել

Եվ ուզում էր անդարձ շիջի:

Իրանի արևն էր շոգ —

Լացակումած կապույտը Նաիրի...

Ու թախիծը — իսեղողո, ճնշող,—

Խառնված ոսկեման հրին:

(Դեռ չկա՛ր աշխարհում անշող

Դեռ չկա՛ր արև-Նաիրին...):

XI

Մոսկով:

Տասնըյոթ թվական:

Իմ սրտում — արևն Իրանի:

Եվ ուզում էր արևն ազահ

Հրդեհել սկսվող տարին:

X

“O Arco-íris”...

Lá está o Sol, —

vindo de dentro da mágoa de Nairi.

Prendera minha alma incendiada,
e desejava apagá-la irreversivelmente.

Era o Sol quente do Irã —

o azul de Nairi, quase às lágrimas...

E a mágoa — que sufoca, que pesa, —
fundida ao fogo teardourado.

(Ainda não havia no mundo opaco,
ainda não havia o Sol-Nairi...).

XI

Moscou.

Ano dezessete.

Em meu coração — o Sol do Irã.

E o Sol ávido desejava
incendiar o ano que começava.

Հունվար...

Փետրվար...

Քսանրվեց:

Պոկվեց, ինչպես քար սարից:—

Արևը՝ կարմրակեզ բանվոր՝

Գլորվեց թափով վիթխարի:

Ի՞նչ...

— Հսկա,

Վիթխարի մի քար,

Որ նստել էր մեր թներին:

Ծծում էր մեր արյունն, ազահ,—

Շնչում էր սառնություն բևեռի:

Գլորվեց:

Ու գուր,

Երերուն,

Մի՛ վայրկյան սպասեց, չըզնաց:

Բացվել էր — անհուն մի հեռու:

Ջարդել էր մի հին մեքենա:

.....

Կանգնել էր ճամփի սկզբին,

Հետևում — մռայլ տարիներ:

Janeiro...

Fevereiro...

Dia vinte e seis.

Descolou, tal fosse pedra de uma montanha. —

O Sol, proletário rubrofogo,
despencou com força titânica.

O quê?...

— Uma pedra
gigantesca, abissal,
que sentara em nossas asas.
Que, ávida, sugava o nosso sangue, —
que arfava uma frieza polar.

Rolou.
E, inútil,
instável,
imóvel, aguardou por alguns instantes.
Surgira — a uma distância incalculável.

Uma antiga máquina havia quebrado...

.....

Plantara-se à beira da estrada,
anos sombrios — em suas costas.

Վախենում էր կարծես վազքից...

Կարինե...

Հիմա՛ր Կարինե...

XII

Իմ հոգում — արևն Իրանի
Լափլիզում էր հրդեհի նման:

Ու ծանր, որպես գրանիտ,
Նաիրյան թախիժն հնամյա:

Թե իզո՞ւր կրթերիդ բազեն
Հետևեց ինձ երկա՛ր տարիներ...

Տիրություն էր հմայքդ մսե —

Կարինե...

Մշո՛ւշ — Կարինե...

XIII

Ինչպես քարը, մնացած ճամփին,
Որ նորից գլորվի պիտի —

Como se temesse fugir...

Karine...

Tola Karine!...

XII

Em minha alma — o Sol do Irã
devoralambia a tudo feito fogo.

E, pesando a granito,
a antiga mágoa de Nairi.

Foi em vão que, por longos anos,
segiu-me o falcão de tuas paixões?...

Teu feitiço de carne era tristeza. —

Karine...

Neblina — Karine...

XIII

Feito pedra largada em uma estrada,
prestes a seguir rolando —

Իմ հոգին կարոտով անբիծ
Սպասում էր վերջին աղետին:

Պիտ ընկներ, որպես գրանիտ,
Քո կարոտը հոգնած իմ խղճից —
Որ ոսկի արևն Իրանի
Խառնըվեր նաիրյան թախծին...

Եվ ահա —
Հունիս,
Հուլիս...
Եվ ահա —
Սեպտեմբեր,
Հոկտեմբեր...

Զարնվեց կռանը — սալին:
Տեղացին վիթխարի ռումբեր:

Ու ռումբերը — արնակեզ երգով
Պայթեցին ուղեղում իմ մութ: —

Ու կարմիր ռումբերի ներքո —
Երազներս տվի... քամուն:

Գլորվեց, որպես գրանիտ,
Քո կարոտը հոգնած իմ խղճից:

Ու ոսկի արևն Իրանի
Խառնվեց նաիրյան թախծին...

minha alma, com puras saudades,
esperava o desastre final.

As saudades que minha consciência cansada tinha de você
precisavam cair feito granito, —
para que o Sol dourado do Irã
se mesclasse ao anseio de Nairi...

E lá estão —

Junho,

Julho...

E lá estão —

Setembro,

Outubro...

A marreta bateu — na bigorna.

Choveram bombas colossais.

E as bombas — com uma canção sangüinfiada
explodiram no breu de meu cérebro. —

E sob as explosões vermelhas —

dei meus sonhos... à ventania.

Despencaram, feito granito,

as saudades que minha consciência cansada tinha de você.

E o Sol dourado do Irã

mesclou-se ao anseio de Nairi...

XIV

Տասնրութ:

Թվական կյանքի:

Իրիկուն: Վերադարձ: Առավոտ:

Ազատվեց հին կապանքից

Հոգիս՝ վիթխարի ցավով:

Տասնրութ:

Թվական հրի.

Ողջակեզ — կարմրակեզ բոցում:

Արթնացավ արև՝ — Նաիրին

Իմ հոգու նո՛ր զնգոցում:

Հրդեհ էր:

Անհատնում կրակ:

Արնաքամ վերքեր կարևեր:

Ու կարոտդ հանկարծ ավլըլան —

Ողջակեզ — հոգիս արևեց:

Ողջակեզ: Խնդություն: Ու մի

Անհատնում վատնում միասին —

Եվ հոգիս սանձարձակ թռավ...

XIV

Dezoito.

Ano de vida.

Entardecer. Retorno. Manhã.

Libertou-se dos velhos grilhões
minha alma; com uma dor descomunal.

Dezoito.

Ano de fogo.

Queimado em holocausto — em chamas vermelhas.

O Sol-Nairi despertou,
no novo tinir de minha alma.

Era incêndio.

Eram chamas inconsumíveis.

Sanguedrenadas, profundas feridas.

E, de repente, as saudades multicolores de você —
queimadas em holocausto — ensolararam minha alma.

Holocausto. Alegria. E um
interminável desperdício de nós mesmos —
e minha alma sem-rédeas voou...

Այսպես էր տասներու թվին:—

Սո՛ւմա...

Լյուսի Թառայան...

XV

(Հոսում է արնակեզ մի գինի,
Հրդեհվում է սրտում իմ շոգ.
Անցնում է իմ թեժ արյունից
Ու քանդում է կապանքը ճնշող:
Նա այնտեղ է — դուրսը, նա կա,
Որպես կին, որպես նո՛ր Նաիրի,
Հարբել են խմբեր խելագար
Ու աշխարհը հանձնել են հրին:

Նա այնտեղ է— Լյուսի Թառայան.
Վարդերում, արևում Շիրազի,
Նաիրյան դաշտերի վրա,
Սկյության դաշտերում անծիր...
Ու բոլո՛ր նրանց սրտերում,
Որ աշխարհը հանձնել են հրին:
Հրդեհվել է աշխարհի հեռուն...
— Այստեղ էր այն կարմի՛ր տարի՛ն...):

Foi assim em mil novecentos e dezoito.

Soma...

Lyussi T'ar'ayan...

XV

(Escorre um quente vinho sanguinflamado
em meu coração, e lhe ateia fogo;
corre em meu sangue fervente
e esmigalha os grilhões sufocantes.
Lá está ela — do lado de fora, ela existe,
como que mulher, como que uma nova Nairi.
Inebriaram-se as massas enlouquecidas,
e entregaram o mundo às chamas.

Lá está ela — Lyussi T'ar'ayan.
Nas rosas, no Sol de Shiraz,
sobre os campos de Nairi,
nas intermináveis estepes citas...
E no coração de todos aqueles
que entregaram o mundo às chamas.
Do mundo, incendiou-se a lonjura...
— Aquele ano vermelho foi aqui...).

XVI

Կարմիր Բանակ:

Հորդել են հեղեղները սև:

Անսահման դաշտերի վրա

Շաչում են քո թները լուսե:

.....

Կայարան:

Զորքեր:

Զորքեր:

Զինվորներ կարմիր:

Գիշեր:

Ու կարմիր գորքերի վրա

Կործվել է խավարը սև:

Խոր,

Խավար,

Ահավոր սպասում:

Հեռուն՝ կրակներ տարտամ:

XVI

Exército Vermelho.

Profusão de dilúvios negros.

Sobre os campos infinitos,

tiniram tuas asas de luz.

.....

Estação.

Exércitos.

Exércitos.

Soldados vermelhos.

Noite.

E o breu recaiu por sobre

o exército vermelho.

Fundo,

escuro,

espera intolerável.

Ao longe, fogueiras incertas.

Առավոտ — կգնանք, հզոր.—

Կփշրենք թշնամու շղթան:

.....

Այստեղ էր — 19 թվին:

Օ, ինչ հո՛րդ էր տագնապն ուղեղիս...

Ու հոգիս հրդեհին տվի,

Որ լափվի բոցերում դեղին:

Այստեղ էր:

19 թվին:

Հավաքվել էր Բանակը Կարմիր:

Ու բոլոր աչքերում ծավի

Անսահման խնդություն կար մի:

Ու մոտի՛կ, մոտի՛կ էր այնքան

Երագած աշխարհը գալիք...

Հավատում էր — տերնն անգամ

Որ... կգա՛, կգա՛ Անձկալին...

Կանգնել էր Նա դռանը

Կարծես —

Խանդավառ՝ ճակատին արև:

Ես երբեք քեզ չե՛մ մոռանա —

Manhã — Levantaremos, poderosos. —
E esmigalharemos as correntes inimigas.

.....

Foi aqui — no ano 19.

Ai... Como era tempestuosa, a crise em meu cérebro...

E, minha alma dei ao incêndio,
para que fosse devorada em chamas amarelas.

Foi aqui.

No ano 19.

Reuniu-se o Exército Vermelho.

E, em todos os olhares serenos,
havia um deleite infinito.

E tão, tão pertinho, aquele
sonhado mundo vindouro...

Até as folhas — acreditavam
que... chegaria, chegaria o Desejado!...

Ela estava plantada à porta,
parece —
fervente, com o Sol em sua fronte.

Eu jamais te esqueceria —

Թառայան...

Կայարան Տիխորեցկ...

XVII

(Եվ մի՞ թե

Ես

Չերգեցի՞

Ձեր կռիվը, կարմիր

Ընկերներ...

Նայեցի երկաթե գծին —

Հասկացա, որ ամբողջը — մե՛րն է:

Ու կարմիր հրդեհում հրձիգ

Վառվելով՝ ձգտեցին իրար —

Անձրևը նաիրյան թախծի

Եվ արևը քո, ոսկի իմ Իրան:

Հասկացա, որ որպեսզի դուք

Միանաք ու ձուլվեք ի մի —

Պիտի նախ իրար միանան

Լույսերը Փարիզի, Պեկինի:

T'arayan...

Estação Tihoretsk...

XVII

(E não fui
eu quem
de fato cantou
suas guerras vermelhas,
Camaradas?...

Olhei para as linhas férreas —
entendi que tudo — nos pertence.

E, através do abrasar das incendiárias
labaredas vermelhas, lançaram-se à combustão —
as saudosas chuvas de Nairi
e teu Sol, meu Irã dourado.

Entendi que, para que vocês
se unam, para que vocês se conjurem qual um —
será antes necessário que se mesclem
as luzes de Paris e as de Pequim.

Դեռ պիտի խմիչքը վեղյան
 Բյուրավոր սրտեր խանձե:—
 Բայց ուղին ես արդեն գտա՝
 Դեռ երեր, անմարմին, անձև...):

XVIII

Ինձ կանչում էր կարծես անձիր
 Կարոտով— երկիր Նաիրին.—

Նորից Հայաստան գնացի
 Տասնըինը թվի վերջերին:

Այնտեղ— Նաիրի երկրում,
 Հնավանդ ցանկությամբ ուրիշ՝
 Արդեն խմբապետ Դրոն
 Պարզել էր երեքգույն դրոշ:

Պարզել էր— Երևան քաղաքում,
 Հնամյա Մասիսին մոտիկ:

Ու լցրել էին հողագույն
 Ուրուներ քաղաքն անոթի:

Որպես քար՝ տխրությունն իջավ,
 Ծանրացավ ուսերիս,
 Վրաս:

O licor dos vedas ainda há de chamuscar
mais tantos milhares de corações. —
Mas o caminho, ainda oscilante, imaterial, amorfo,
eu já encontrei...).

XVIII

Você me chamava como se tivesse
infinitas saudades — terra de Nairi. —

Retornei à Armênia
no final do ano dezenove.

Lá — no país de Nairi,
outro desejo ancestral:
o capitão Dro já havia
estendido a bandeira tricolor.

Estendera-a — na cidade de Yerevan,
tão perto do velho Massis.

E a cidade faminta encheu-se
de fantasmas cor de terra.

Veio o sofrer e, feito pedra,
se fez cada vez mais pesado sobre
os meus ombros.

Ես նո՛րից, նորի՛ց քեզ տեսա—
Մանկություն...

Կարոտի իմ...

Կարս:
.....

XIX

Կարս:
Տասնըինը թվին:
Տասնըինը թվի վերջերին:

Նո՛ւյն երկինքն էր՝ կաթսա արևի:
Նույն խշշոցը քչփչան ջրի...

Բայց արևը իզուր էր փորում
կուրացած աչքերը շենքերի:

Իզո՛ւր էր նախրյան հեռուն
Ունկնդրում քչփչան ջրին...

Մանկական երազում տեսած
Շուքերի նման չկային
Ծանոթներս — լուսե՛՛ մարդիկ...

E te vi ainda outra vez —
infância...

Minha Kars...

de saudades.

.....

XIX

Kars.

Ano dezenove.

Final do ano dezenove.

Era o mesmo céu, o mesmo Sol-caldeirão.

O mesmo murmúrio sussurrado das águas...

Mas era em vão que o Sol cavava
os olhos cegos dos prédios.

Era em vão que a lonjura de Nairi
dava ouvidos ao murmúrio d'água...

Tal fossem um espectro contemplado
em sonho infantil, não havia aqueles
que me são próximos — homens de luz!...

Դարձել էր — սրերի հետան
 Կապույտ մանկությունը իմ—
 Իմ կանաչ, պայծա՛ր բարդին...

Էլ ինչո՞ւ ծիծաղեր հոգիս,
 Երբ մի լուրջ քննադատ մի օր
 Մարսելով դահլիճն ու ֆոյեն—
 Ավետեց ամբողջ աշխարհին,
 Որ ծնվել է— մեծ մի պոետ...

Որ ծնվել է երգիչ մի վառ
 Ու բերել է երգեր հրե.—

Ցնծա՛, նաիրյան աշխարհ,—

Ցնծա՛ ... Եղիշե Չարենց...

XX

Երևան:

Քսան թվական:

Փետրվար,

Մարտ,

Մայիս:

Ողջո՛ւյն, ընկեր Թավաքա՛լ:

Մուսայե՛լ:

Մարուխա՛ն:

Ավի՛ս...

Minha infância azul,
lima de espadas, — se havia convertido em
meu sereno enredado verde!...

Também, por que é que riria minha alma
quando, um dia, um crítico importante,
com espanto, no corredor e no salão —
anunciou ao mundo inteiro
que acabara de nascer — um grande poeta?...

Que nascera um cantador em chamas
que trouxera canções de fogo. —

Alegre-se mundo de Nairi, —

alegre-se... Yeghishê Tcharents...

XX

Yerevan.

Ano vinte.

Fevereiro,

Março,

Maio.

Salve, camarada T'avak'al!

Mussayel!

Sarukhan!

Avis!...

Ողջույն բոլորի՛ դ, բոլորի՛ դ:

Ձեր կամքին— երկաթ,

Գրանիտ:

Մոսկովյան կարմրակեզ հրին,

Կարմրավառ վարդին Իրանի...

.....

Երևան:

Մեկ մայիսի:

Աստաֆյան փողոցում— խմբեր:

Խնդավառ ելած միասին—

Կտրել են փողոցի ճամփեն:

Եվ ահա— դրոշներ կարմիր:

Հնամյա Մասիսի առաջ...

Ով որ կա— թող գա՛ ,

Վառվի՛ ,

Մուր ճչա, խնդասիրտ գոռա՛ :

Զիզգագներ—

Նժույզներ թռան,

Կապվեցին՝ Երևան-Մոսկով.

Թափվեցին շենքերն հնօրյա

Հարվածի տակ երկաթե բազկի:

Salve a todos!

À sua vontade

—férrea, granítica.

Ao incêndio rubrofogo de Moscou,
às rosas do Irã, de um vermelho chama...

.....

Yerevan.

Primeiro de maio.

Na rua Astafyan — massas.

Externalizada união alegroflamejante —
ocuparam toda a avenida.

E lá estão — bandeiras vermelhas;
ante o velho Massis...

A todos os que existem – que venham!

Incendeiem!

Urrem gritos cortantes, urrem alegrocorações.

Ziguezagueares —

cavalos revoaram,

atando: Yerevan-Moscou.

Prédios antigos desmoronaram

sob os golpes do braço de ferro.

Ու սրտում իմ վառ խտացան
Գալիքները... Ո՞ւր գայիր էլ:—

Իսկական մարմին ստացած—
Կանգնեց խնդավառ Նաիրին...

XXI

Քսանըմեկ:

Հատված քսանըմեկ:

Ինչ եղավ քսանըմեկ թվին—
Թող հոգիս գալիքի՛ն գամե,
Թող հոգիս ընդմիշտ արևի:—

Ընթերցո՛ղ: Քո հոգին հիմա
Թող ճեղքեմ երգիս դանակով.
— Ես եղա... առաջին Նաիրյան
Իսկական Կարմիր Բանակում...

Ու տեսավ Մասիսն հնամյա,
Առաջին անգամ իր օրից—
Չերագած հրաշքի նման
Կռիվը նաիրցի բանվորի...

E os futuros se condensaram
em meu coração... onde mais? —

Um corpo verdadeiro se levantou —
ergueu-se a Nairi alegroflamejante...

XXI

Vinte e um.

Capítulo vinte e um.

O que foi que se passou no ano vinte e um? —
Que minha alma se crave ao futuro,
que minha alma seja um Sol eterno. —

Leitores, que agora suas almas se partam
ante a faca de minha canção.
— Eu fui... o primeiro soldado
vermelho verdadeiro de Nairi...

E o velho Massis assistiu,
pela primeira vez em seus dias —
qual milagre jamais sonhado,
a luta do proletariado Nairiano...

Իսկ
Երբ
Տուն դարձանք բանակից
Սպասում էր ինձ արդեն
Նաիրին... երկրային մի կին.
Աչքերը— ջահեր կրակի,
Շրթունքները— Շիրազի՛ վարդեր:

Ինչքան շա՛տ անցան դեմքեր,
Բայց հոգիս թող քեզնո՛վ հարբի.

— Ախ, ինչքա՛ն ես սիրո՞ւմ եմ քեզ,
Արփի՛կ, լուսավո՛ր Արփիկ...

.....

XXII

Ես հիմա ապրում եմ Մոսկվայում.
Գլխիս մեջ՝ մրրիկներ ոսկի:

Գլխիս մեջ մի Ռոբերտ Օուեն
Հիմա վառ գալիքն է հսկում:

Գրում եմ պոեմներ, երգեր:
Երագում եմ — Գալիքն անձիր:

Նաիրի՛, ես սիրում եմ քեզ.
Քեզ սիրում եմ, իմ Իրան հրձիգ:

E
quando
dos quartéis, voltamos às nossas casas,
Nairi ainda me
esperava... uma mulher terrena.
Seus olhos — tochas flamejantes,
seus lábios — rosas de Shiraz.

Tantos são os rostos que passaram!
Mas deixe minha alma se embriagar de você.

— Ah, eu te amo tanto,
Arp'ik, iluminada Arp'ik!...

.....

XXII

Agora eu vivo em Moscou;
dentro de minha cabeça: tempestades de ouro.

Agora, dentro de minha cabeça, um certo Robert Owen
guarda a chama vindoura.

Escrevo poesias, canções.
Sonho — o infinito vindouro.

Nairi, eu te amo.
Como amo a ti, meu Irã incendiário.

Ես հիմա հեռո՞ւ եմ... Օ, ո՛չ.
Ձեզ մոտիկ եմ հիմա ավելի —
Ինչպես նետը՝ դեպի ետ քաշած՝
Առաջից փախչող գազելին:

Իմ հոգին երեք նետ ուներ—
Պի՛րկ հենած աղեղին օրերի:—

Հիմա՝ թռե՛լ են երեքն էլ—
Զարնվել են — խնդո՛ւն հրին:

Ես ձեզ չե՛մ, ձեզ չե՛մ մոռացել.
Դուք հիմա դարձել եք— մի:—

Մենք շուտով, ինչպես նետ երեքծայր—
Թռչելու ենք— Հնդուչին, Պեկին:

Ընդունե՛ք, առե՛ք ինձ հիմա—
Մոսկո՛վ կարմրակեզ հրի,
Իմ ոսկի՛, ոսկի՛ իմ Իրան,
Իմ հեռո՞ւ, հեռո՞ւ Նաիրի...

1922. 6. 1.

Մոսկվա

Agora estou distante?... Claro que não!
Agora estou tão mais perto de vocês —
feito flecha novamente sacada da aljava
diante da primeira gazela fugitiva.

Minha alma teve três flechas —
com rigidez, esticadas no arco dos dias.—

Hoje, as três já me voaram —
foram disparadas — contra o fogo jubiloso.

Eu, de vocês, jamais esqueci!
Agora vocês se converteram em — um...—

Depressa, tal ponta de flecha —
voaremos — à Indochina, à Pequim.

Recebam-me, agora me tomem —
chamas rubrofogo de Moscou,
minha alma, meu Irã de ouro,
minha Nairi tão, tão distante!...

Moscou, 06.01.1922.

TRADUÇÃO DE LUCCA TAVANO BACAL

SILVA KAPUTIKIAN

ՄԻԼՎԱ ԿԱՊՈՒՏԻԿԵԱՆ

(1919-2006)

ԽՕՍՔ ԻՄ ՈՐԴՈՒՆ

Այս գարնան հետ, այս ծաղկունքի,
 Այս թռչնակի, այս առուակի,
 Հետն այս երգի ու զարթօնքի
 Բացուեց լեզո՛ւն իմ մանկիկի:
 Տե՛ս թոթովեց բառ մի անգին
 Հայկեան լեզուից մեր սրբազան,
 Ասես՝ մասո՛ւնք հաղորդութեան
 Դիպաւ մանկանս շրթունքին...

— Լսի՛ր, որդի՛ս, պատգամ որպէս
 Միրող քո մօր խօ՛սքը սրտանց,
 Այսօրուանից յանձնում եմ քեզ
 Հայոց լեզո՛ւն հազարազանձ:
 Կտրել է նա, հանց աստղալոյս,
 Երկինքները ժամանակի,
 Շառաչել է խռովայոյզ
 Սլացքի հետ Հայկեան նետի.
 Եւ Մեսրոպի սուրբ հանճարով
 Դարձել է զի՛ր ու մագաղաթ,
 Դարձել է յո՛յս, դարձել դրօ՛շ,
 Պահել է՛րթը մեր անաղարտ...

PALAVRAS PARA MEU FILHO

Com esta primavera, estas flores,
estes passarinhos, este riacho,
com esta canção e despertar,
desabrochou a língua do meu menininho!
Veja como ele balbucia uma preciosa palavra
de nossa sagrada língua de Hayk,
como se a hóstia da comunhão
tivesse tocado os lábios do meu bebê!...

— Ouve, meu filho, como um oráculo,
as palavras do coração de tua afetuosa mãe!
A partir de hoje te confio
a língua armênia tesouros mil!
Ela cortou, como luz de estrela,
o céu do tempo,
irrompendo agitada
com o voo da flecha de Hayk.
E com o santo gênio de Mesrop,
tornou-se letra e pergaminho!
Tornou-se esperança, tornou-se bandeira!
Guardou sem mácula nossa marcha...

Նրանո՛վ է մրմրնջացել
 Հայ պանդուխտը վերքն իր սրտի,
 Նրանո՛վ է որոտացել
 Կռուի երգն իմ ժողովրդի,
 Նրանո՛վ է մայրս ջահել
 Ինձ օրօրոց դրել մի օր,
 Հիմի եկել, քե՛զ է հասել
 Նրա կարկաչը դարաւոր...

Բա՛ց շուրթերդ, խօսի՛ր, անգի՛ն,
 Ժիր դայլայլի՛ր, ի՛մ սիրասուն,
 Թող մանկանա՛յ քո շուրթերին
 Մեր ալեհե՛ր հայոց լեզուն:

Պահի՛ր նրան բարձր ու վճիտ,
 Արարատի սուրբ ձիւնի պէս,
 Պահի՛ր նրան սրտիդ մօտիկ,
 Քո պապերի աճիւնի պէս,
 Ու ոտիս զարկիցը սեւ
 Դու պաշտպանի՛ր կրծքով նրան,
 Ինչպէս մօրդ կը պաշտպանես,
 Թէ սուր քաշեն մօրըդ վրայ:

Ու տե՛ս, որդի՛ս, ո՛ւր էլ լինես,
 Այս լուսնի տակ ո՛ւր էլ գնաս,
 Թէ մօրդ անգամ մտքից հանես,
 Քո մա՛յր լեզուն չմոռանաս...

Através dela sussurrou
o expatriado armênio as feridas de seu coração,
através dela troou
o canto de luta de meu povo,
com ela minha jovem mãe
ninou-me um dia,
agora chegou a ti
seu murmúrio secular...

Abre teus lábios, fala, precioso!
Balbucia com afinco, meu amor!
Que rejuvenesça nos teus lábios
nossa língua armênia de cabelos brancos!

Guarda-a elevada e clara,
como a sagrada neve do Ararat.
Guarda-a no teu coração,
como as cinzas de teus avós.
Defende-a com teu peito
do golpe negro do inimigo,
como se protegesses tua mãe,
quando sacam a espada contra ela.

E vê, meu filho, onde quer que estejas,
sob esta lua, onde quer que vás,
Ainda que tua mãe alguma vez se apartar da tua mente,
não esqueças tua língua-mãe!...

TRADUÇÃO DE KAREN MITIE SUGUIRA E DEIZE CRESPIM PEREIRA

ԼԻԼԻԹ

«Եւա» էին հնչում նրա շրթները,
Սակայն «Լիլիթ» էր արձագանքում
Նրա հոգին:
Աւ. Իսահակեան

Նախամարդու զոյգ քարերից բռնկուած պեծ
Ու նեոնէ կրակների ծփա՛նք դու պերճ.
Ի սկզբանէ աննիւթ, անմար, անհուն, անվերջ,
Լիլիթ, Լիլիթ:

Դու՝ աշխարհի աչքից դարեր գաղտնեգրուած,
Հոգու թաքուն կարօտներից հրահրուած,
Քո գաղտնութեամբ առաւել քա՛ղցր, առաւել գա՛նձ,
Լիլիթ, Լիլիթ:

Մրտերի մէջ դու՝ տօնական օր ու անկիւն,
Դու՝ խոյանքի, խինդի, խանդի, տենդի ակունք,
Դու եւ՝ մարմի՛ն, դու եւ՝ թեւե՛ր, դու եւ՝ անկում,
Լիլիթ, Լիլիթ:

Շուրջը՝ հողէ, ու հաց, ու հոգս — իսկ դու ցնորք,
Դու՝ միայն փայլ, ամէն օր՝ այլ, ամէն օր՝ նոր,
Կանչող, տանջող, այրւող, այրող — ու յոգնեցն՛ող,
Լիլիթ, Լիլիթ:

Այնտեղ սենեակ գողտր ու տաքուկ — ու դու՝ փողոց,
Այնտեղ օջախ — դու՝ անհանգիստ խարոյկի բոց,
Այնտեղ անդորր — դու՝ անդադրում խռովք ու խոց,
Լիլիթ, Լիլիթ:

LILITH

Seus lábios enunciavam “Eva”,
mas sua alma ecoava “Lilith”.
(Avetik Issahakian)

Faísca atizada pelo par de pedras do homem primitivo,
das ondulações dos fogos neons — tu, o esplendor!
Desde o princípio imaterial, eterna, imensa, infinita:
Lilith, Lilith.

Tu, séculos em grafia oculta aos olhos do mundo,
instigada pelas saudades secretas da alma —
com teu segredo, mais doce, mais riqueza:
Lilith, Lilith.

Dentro dos corações tu és o dia e lugar de festa.
Tu, fonte de impulso, de deleite, de ciúme e de febre.
Tu e corpo, tu e asas, tu e queda:
Lilith, Lilith.

Em meio a terra, pão e cuidados — tu és sonho.
Tu, feita de brilho, todo dia outra, todo dia nova,
aquela que chama, atormenta, queima, arde — e exaure:
Lilith, Lilith.

Naquele lugar, quarto fino e aconchegante — e tu, rua.
Naquele lugar, lareira — tu, chama de um fogo inquieto.
Naquele lugar, serenidade — tu, revolta e úlcera persistentes:
Lilith, Lilith.

Այնտեղ Եւան — դու՛ անվաւեր ու անստոյգ,
Դու՛ հրեղէն արեան շառաչ ու՛ անպտո՛ւղ,
Մենա՛կ, մենա՛կ, երկրից, երկնից, դրախտից՝ դո՛ւրս,
Լիլիթ, Լիլիթ:

Naquele lugar, Eva — tu, ilegítima e obscura,
tu, estalido de sangue ígneo, infértil,
só, solitária, fora da terra, do céu e do paraíso:
Lilith, Lilith.

TRADUÇÃO DE KAREN MITIE SUGUIRA E DEIZE Crespim PEREIRA

HOVHANNES SHIRAZ

ՀՈՎՀԱՆՆԷՍ ՇԻՐԱԶ

(1914-1984)

ՀՐԱՇՔ (1)

Երագիս մեջ դուռը զարկին,
 — Ո՞վ է — ասի ներսից ես,
 Դրսից ինչ-որ պառաւ մի կին
 Ասաց. «Մատաղ լինեմ քեզ:

Մի կտոր հաց ողորմացիր,
 Աղքատ կին եմ, որբ, անտէր»:
 Ու ես իսկոյն դուռս բացի՝
 Հրաշք... մեռած մայրիկս էր:

Սարսափեցի, բայց գիրկն ընկայ,
 Մայրս ասաց, «Ես եմ, ես,
 Քեզ փորձելու համար եկայ,
 Հո չի՞ փոխել կեանքը քեզ:

Մուրացկանի տեսքով եկայ,
 Որ աշխարհն էլ իմանայ՝
 Տե՞ղն է խիղճդ, խիղճդ որդիս,
 Թէ՞ մեռել է ինձ հետ նա...»:

MILAGRE (1)

Sonhei que batiam na porta.

— Quem é? — disse eu de dentro.

Através da porta uma velha mulher me falou:

"Que eu me sacrifique por ti.

Um pedaço de pão, por misericórdia.

Sou uma pobre mulher, órfão, sem dono".

E eu imediatamente abri a porta.

Milagre... era minha mãe morta.

Fiquei horrorizado, mas caí em seus braços.

Minha mãe disse: "Sou eu, sou eu,

vim para te provar, para saber,

ai, será que a vida te mudou?

Vim com a aparência de um mendigo,

para que o mundo também saiba

se tua consciência, tua consciência, meu filho, está no lugar

ou morreu junto comigo?...

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՀՐԱՇՔ (2)

Երագիս մէջ հօրս տեսայ՝
 Մօրս նման հայտնուեց,
 Խինդ ու վախով գիրկը հասայ,
 Շիրմից ելաւ ինձ գգուեց:

Հեկեկացինք դառն ու անուշ,
 Հայրս նայեց իր չորս դին,
 Արագածին ժպտաց քնքուշ,
 Ասաց՝ կ'ապրի իմ որդին...

Բայց երբ նայեց Արարատին՝
 Ինձ խեթ նայեց հայրս ծեր,
 — Էլ ինչո՞վ ես դու իմ որդին,
 Երբ կ'իսատ է տունը մեր:

Վշտից նորից մեռաւ հայրս,
 Ասաց՝ «Որդիս, թէ կ'ուզես
 Հողը թեթեւ լինի վրաս՝
 Տունս կ'իսատ չթողնես...»

MILAGRE (2)

No meu sonho vi meu pai,
que, como minha mãe, apareceu.
Com alegria e medo caí em seus braços,
e ele, saindo do túmulo, me acariciou.

Soluçamos amarga e docemente,
meu pai olhou para as quatro direções,
sorriu ternamente para o Aragats
e disse: Que viva meu filho!...

Mas quando olhou o Ararat,
me encarou sizudamente meu velho pai.
— Mas como podes tu ser meu filho,
quando nossa casa está cortada pela metade?

De aflição morreu de novo meu pai,
e falou: "Meu filho, se tu queres
que a terra seja leve sobre mim,
não deixes nossa casa cortada na metade".

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄԱՅՐՍ

Մեր հույսի դուռն է մայրս,
 Մեր տան մատուռն է մայրս,
 Մեր օրորոցն է մայրս,
 Մեր տան ամբոցն է մայրս,
 Մեր հերն ու մերն է մայրս,
 Մեր ճորտն ու տերն է մայրս,
 Մեր տան անտունն է մայրս,
 Մեր արծվաբույնն է մայրս,
 Մեր տան ծառան է մայրս,
 Մեր տան արքան է մայրս,
 Մեր տան անճարն է մայրս,
 Մեր դեղն ու ճարն է մայրս,
 Մեր տան աղբյուրն է մայրս,
 Մեր ծարավ քույրն է մայրս,
 Մեր տան անքունն է մայրս,
 Մեր անուշ քունն է մայրս,
 Մեր տան ճրագն է մայրս,
 Մեր արեգակն է մայրս,
 Մայրս, մեր հացն է մայրս,
 Մեր տան աստվածն է մայրս...

MINHA MÃE

Nossa porta da esperança é minha mãe,
nossa capela do lar é minha mãe,
nosso berço é minha mãe,
nossa fortaleza do lar é minha mãe,
nosso pai e nossa mãe é minha mãe,
nosso vassalo e senhor é minha mãe,
nosso sem teto da casa é minha mãe,
nosso ninho da águia é minha mãe,
nossa árvore da casa é minha mãe,
nosso rei da casa é minha mãe,
nosso débil da casa é minha mãe,
nosso remédio e cura é minha mãe,
nosso manancial da casa é minha mãe,
nossa irmã querida é minha mãe,
nossa sentinela é minha mãe,
nosso doce sono é minha mãe,
nossa lamparina é minha mãe,
nosso sol é minha mãe,
minha mãe, nosso pão é minha mãe,
nosso deus do lar é minha mãe...

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ԽԵՂՃ ՄԱՅՐԻԿԸ

Մեր մի գյուղում, աղբյուրի մոտ,
 Տեսա այսօր մի խեղճ կին,
 Մի ոտք կաղ, աչքը ցավոտ,
 Մաշված մի շոր իր հագին:

Լցրեց, տարավ, չանցած մի պահ՝
 Վերադարձավ կաղալով,
 Հերթի դրեց դույլերն, ապա
 Աչքը սրբեց դողալով:

Ու քրթմնջաց մեկն ինձ գաղտնի.
 — Ուրիշին է ջուր կրում,
 Բայց յոթը խան որդիք ունի,
 Որ նամակ էլ չեն գրում:

Իր մեծ որդին, բայց ի՞նչ խոսեմ,
 Վայ թե հասնի ականջին,
 Է՛, թող հասնի, պիտի ասեմ,
 Էդպես որդիք թող կորչին:

Յոթն էլ գյուղից ինչ գնացել,
 Լքել են մորն այն օրից,
 Ինչ քաղաքում մարդ են դարձել,
 Մի լուր չունեն կույր մորից:

A POBRE MÃEZINHA

Numa aldeia nossa, perto de uma nascente,
vi hoje uma pobre mulher,
manca de uma perna, doente da vista,
usando um gasto vestido.

Encheu, carregou, não passado um momento,
voltou mancando,
pôs os baldes um a um, e então
enxugou os olhos, tremendo.

E alguém me murmurou em segredo:
– Ela carrega água para os outros,
mas tem sete nobres filhos
que nem lhe escrevem cartas.

Seu filho mais velho, mas o que direi?
É capaz de chegar aos seus ouvidos.
Bem, deixe chegar, eu devo dizer
esse tipo de filho, que desapareça!

Desde que todos os sete se foram da aldeia,
desde aquele dia abandonaram a mãe,
desde que viraram gente na cidade,
uma notícia não têm de sua mãe cega.

Մի դատավոր որդի ունի,
 Խեղճը ինչպես գյուղ մնար,
 Երբ խաբում է, թե՛ մայր չունի,
 Էլ ինչ սրտով գյուղ գնար...

Մի քիչ վեր է մյուս որդին,
 Բայց երբ գյուղ է սա մտնում,
 Ծուռ չի նայում մոր խրճիթին,
 Բայց այլ տեղ է հյուր մնում...

Մեկն էլ՝ մի այլ աթոռապետ՝
 Տարին մի օր գյուղ գալիս,
 Դուրս չի գալիս աղքատ մոր հետ,
 Ամաչում է, վայ գլխիս:

Մեկն էլ իբր բանաստեղծ է,
 Ինչ հեռացել մոր մոտից,
 Քսան տարի գյուղ չի մտնել՝
 Ողբ է գրում... կարոտից:

Հապա աղջիկն, առաջ քաշվել...
 Ինչ-որ մարտի մի ութի
 Մի նամակ է մորը գրել՝
 «Ով աշխատի, նա կուտի»:

Իսկ մեծ որդին՝ մեծ սրտաքար,
 Չի հիշել գյուղն այն օրից,
 Ինչ դարձել է մեծ հեկավար,
 Երես դարձրել մայր հողից:

Ela tem um filho juiz,
o coitado como iria ficar na aldeia,
quando mente que não tem mãe,
e com que cara ele iria à aldeia...

O outro filho é um pouco melhor,
mas quando ele entra na aldeia,
não olha torto a cabana da mãe,
mas se hospeda em outro lugar...

Um outro, também autoridade,
chegando à aldeia, um dia por ano,
não sai com a mãe pobre,
tem vergonha, é demais!

Um outro se diz poeta,
desde que saiu de perto da mãe,
há vinte anos não entra na aldeia,
escreve elegias... de saudade.

Pois a menina, tendo progredido...
num oito de março qualquer,
escreveu uma carta à mãe,
“Quem trabalha há de comer.”

Já o filho mais velho, grande coração de pedra,
desde aquele dia não se lembrava da aldeia
e desde que se tornou um grande dirigente
virou o rosto à terra-mãe.

Մարդն էլ մորը չկարոտի,
Էլ ի՞նչն է սուրբ այս երկրում,
Քոնե տեսքով Արարատի
Քար սրտերը չե՞ն բերկրում:

Մի այլ բարձր որդի ունի՝
Մի ավելի բարձր տեղ,
Բայց խեղճ մորը ի՞նչ երանի՝
Որդիք քաղաք, ինքը՝ գեղ...

Մորը թողել որք ու տկուր,
(Իմ Կարս ու Վան, ձեզ նման...)
Բայց չի ասել մայրը մի օր՝
— Էդպես որդիք չունենամ...

...Մեղք վիզը իմ չար բախտի,
Թեկուզ կյանքից ինձ գատեն՝
Ա՛խ, միայն թե Արարատի
Հողը որդիքս ազատեն...

Se a pessoa não sente saudade da mãe,
que mais há de sagrado neste país?
Ao menos pela imagem do Ararat,
os corações de pedra não se enternecem?

Ela tem um outro grande filho
num posto ainda mais alto,
mas de que adianta à pobre mãe?
Os filhos na cidade, ela na aldeia...

Deixaram órfã e nua a mãe
(como vocês, minha Kars e Van...)
Mas a mãe não disse em dia algum
– Que eu não tenha filhos assim...

... Que o culpado seja meu destino cruel,
mesmo que me apartem da vida,
ai, mas que meus filhos apenas
libertem a terra de Ararat...

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

ԿՍԿԻԾ

Մայրս ասաց՝ երբ պոկեցիր
Դու այդ ծաղիկն, իմ որդյակ,
Ախ, չգգացի՞ր, որ քաղեցիր
Ու թաղեցիր մի ողջ կյանք:

— Հապա ինչու՞ չեն էլ հիշում՝
Ի՞նչ ծաղիկներ քաղվեցին,
Ինչքան հայեր՝ արյան մուծում,
Մի ծաղկի պես թաղվեցին...

AFLIÇÃO

Minha mãe disse: quando colheste,
tu, essa flor, meu filhinho,
Ai, não sentiste que arrancaste
e enterraste toda uma vida?

Então por que eles não se lembram
que, tais como flores arrancadas,
quantos armênios, em névoa de sangue,
como uma flor foram enterrados...?

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

ԷՔՍՊՐՈՍՏ

Մենք խաղաղ էինք մեր լեռների պէս,
Դուք հողմերի պէս խուժեցիք վայրագ:

Մենք ձեր դէմ ելանք մեր լեռների պէս,
Դուք հողմերի պէս ոռնացիք վայրագ:

Բայց մենք յաւերժ ենք մեր լեռների պէս,
Դուք հողմերի պէս կը կորչի՛ք վայրագ:

INPROMPTU

Nós éramos pacíficos como nossas montanhas,
vocês como um vendaval nos atacaram selvagememente.

Nós nos erguemos contra vocês como nossas montanhas,
vocês como um vendaval uivaram selvagememente.

Nós somos eternos como nossas montanhas,
vocês como um vendaval perecerão selvagememente.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ԱՐԱՐԱՏԻՆ

Իմ Արարատ սուրբ սարը վէս
 Մեր նախահայր Հայկն է կարծես,
 Որ թիկնել է ամպ ու շանթին,
 Ու ծխում է հանց նահապետ՝
 Խաղաղութեան չիպուխն իր հին,
 Ու ամպն է ծուխ չիպխի գլխին:

Ծխում է նա ու բարձունքն
 Աչք է պահում իր թոռներին,
 Դարեր հսկում, որ չցրուեն
 Ու կուլ չերթան աշխարհներին:
 Ու հսկում է նրանց ճամբան
 Օրորոցից մինչ գերեզման:

Խաղաղ է նա, տեսնում է թէ
 Ոնց են ելնում օրորոցից
 Թուխ, քաջորակ թոռներն իր վեհ
 Ու չարը դուրս վանում երկրից,
 Դաշտ են ձգում խոփն արծաթէ
 Ու ոսկի հաց պոկում քարից:

Ու ժպտում է հոր պէս հպարտ,
 Թիկնած հնուց մեր երկնքին.
 Մեր նահապետ լեռն Արարատ՝
 Լուռ ծխում է խաղաղութեան,
 Իմաստութեան չիպուխն իր հին,
 Ու ժամանակն է ծուխ չիպխին...

AO ARARAT

Meu Ararat, majestosa montanha sagrada,
assemelha-se ao nosso ancestral Hayk,
descansando sobre a nuvem e o raio,
fumando tal qual patriarca
seu velho cachimbo da paz,
e sobre sua cabeça a nuvem de fumaça.

Ele fuma e lá do alto protege seus netos,
como sentinela através dos séculos,
para que não se dispersem
e sejam tragados pela terra.
E vigia seus caminhos
do berço ao túmulo.

Pacífico ele é e vê
como se levantam do berço
seus morenos, corajosos e nobres netos,
e expele o mal da terra,
e estende pelo campo seu arado de prata,
seu pão de ouro e sua flauta de pedra.

E sorrindo como um pai orgulhoso,
encostado no nosso velho céu,
nosso patriarca, o monte Ararat,
fuma em silêncio
seu velho cachimbo da paz e sabedoria,
e o tempo é a fumaça do seu cachimbo...

TRADUÇÃO DE TAÍS ASSADURIAN SILVA E DEIZE CRESPIM PEREIRA

PARUYR SEVAK

ՊԱՐՈՅԸ ՍԵՒԱԿ

(1924-1971)

ԵՐԼԱՆ ԴԱՐՁԱԾ ԻՄ ԷՐԵՐՈՒՆԻ

Երևան դարձած իմ Էրեբունի,
Դու մեր նոր Դվին, մեր նոր Անի:
Մեր փոքրիկ հողի դու մեծ երազանք,
Մեր դարե կարոտ, մեր քարե նազանք:

Երևան դարձա՛ծ իմ Էրեբունի,
Դարեր ես անցել, բայց մնացել ես պատանի:
Քո Մասիս հորով, քո Արաքս մորով,
Մեծանաս դարով, Երևա՛ն:

Մենք արյան կանչեր ունենք մեր սրտում,
Անկատար տենչեր ունենք դեռ շատ:
Մեր կանչն առանց քեզ՝ իզուր կկորչի,
Առանց քեզ մեր տաք տենչն էլ կսառչի:

Երևան դարձա՛ծ իմ Էրեբունի...

Կյանքում ամեն սեր լինում է տարբեր,
Իսկ մենք բոլորս ենք քեզնով հարբել:
Տաք է սերը մեր շեկ քարերիդ պես,
Հին է սերը մեր ձիգ դարերիդ պես:

Երևան դարձա՛ծ իմ Էրեբունի...

TRANSFORMADA EM YEREVAN, MINHA EREBUNI

Transformada em Yerevan, minha Erebuni,
tu, nossa nova Dvin, nossa nova Ani.
De nossa pequenina terra, tu és o grande sonho,
nossa saudade secular, nossa beleza pétrea.

Transformada em Yerevan, minha Erebuni!
Tu passaste pelo tempo, mas permaneceste jovem.
Com teu pai Massis, com tua mãe Arax,
crescerás através dos séculos, Yerevan!

Há gritos de sangue em nossos corações,
e muitos desejos ainda não realizados.
Nosso clamor sem ti se perde em vão,
sem ti gela nosso desejo ardente.

Transformada em Yerevan, minha Erebuni!...

Na vida cada amor é diferente,
mas nós todos estamos embriagados de amor por ti;
quente é o nosso amor como tuas pedras vermelhas,
velho é o nosso amor como teus longos séculos.

Transformada em Yerevan, minha Erebuni!...

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՀԱՅԱՍՏԱՆ

Իմ քաղցրանո՛ւն,
 Իմ բարձրանո՛ւն,
 Իմ տառապա՛ծ,
 Իմ փառապա՛նծ:
 Հների մեջ՝ դու ալեհեր,
 Նորերի մեջ՝ նոր ու ճահել.
 Դու՝ խաղողի խչմարուած վագ,
 Վշտերըն՝ ջուր, ինքըն աւագ.
 Դու՝ բարդենի սաղարթաշատ,
 Առուն ի վար փռուած փշատ.
 Դու՝ կիսաւեր ամրոց ու բերդ,
 Մագաղաթեայ մատեանի թերթ.
 Դու՝ Զվարթնոց, աւեր տաճար,
 Կոմիտասեան Ծիրանի ծառ.
 Դու՝ ջրաղաց խորունկ ձորում,
 Դու՝ հոռովել անուշ, ծորուն,
 Փայլ գութանի արծաթ խոփի.
 Դու՝ նե՛տ, նիզա՛կ, մկո՛ւնդ կոպիտ,
 Դու՝ հայրենի ծխանի ծուխ,
 Դու՝ անգի՛ր վէպ, դու՝ Մասնա ծո՛ւտ...

ARMÊNIA

Meu doce nome,
meu elevado nome,
minha atribulada,
minha gloriosa!
Entre os velhos, tu de cabelos brancos,
entre os jovens, tu nova e oportuna;
tu, extenso parreiral;
tuas aflições, água; tu própria, areia;
tu, grande ramo de álamo;
tu, solo coberto de espinhos;
tu, fortaleza e castelo em ruínas;
tu, folha de manuscrito de pergaminho;
tu, templo arruinado de Zvartnots;
tu, árvore de damasco de Komitas;
tu, moinho d'água no vale profundo;
tu, doce fio da canção do lavrador;
tu, brilho da relha prateada do arado;
tu flecha, lança, alabarda rústica;
tu, fumaça da pátria fumegante;
tu, epopeia sem letra, tu, David de Sassun!...

Իմ փառապա՛նծ,
 Իմ տառապա՛ծ,
 Իմ բարձրանո՛ւն,
 Իմ քաղցրանո՛ւն:
 Դու՝ մրգերի շտեմարան,
 Ոսկեվազեան գինու մառան.
 Դու՝ թաւշէ դեղձ, դու՝ փրփուր հաց,
 Արտաշատեան խաղող սեւաչ.
 Դու՝ Սեւանի վառուող կոհակ,
 Երեւանի սիւն ու խոյակ.
 Դու՝ հանգրուան, կանչող փարոս,
 Դու՝ հայկական գերբ ու դրօշ.
 Խօսուն վկայ կոտորածի
 Ու վճիտ աչք ցամքած լացի,
 Արդարութեան ահեղ ատեան,
 Սրի պատեան,
 Սիրոյ մատեան —
 Միշտ հի՛ն ու նո՛ր իմ Հայաստան:

Minha gloriosa,
minha atribulada,
meu elevado nome,
meu doce nome!
Tu, despensa de frutas;
tu, bodega de vinho dourado;
tu, pêssego aveludado; tu, pão-folha;
tu, olhos negros das uvas de Artashat;
tu, onda iluminada do Sevan;
tu, coluna e capitel de Yerevan;
tu, paragem, farol que chama;
tu, brasão e bandeira armênia;
tu, testemunha oral do massacre;
tu, límpidos olhos secos de lágrimas;
tu, grande tribunal da justiça;
tu, bainha da espada;
tu, manuscrito de amor; —
sempre antiga e nova, minha Hayastan!

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

ՄՕՐ ՁԵՆՔԵՐԸ

Այս ձեռքերը՝ մո՛ր ձեռքերը,
Հինաւուրց ու նո՛ր ձեռքերը...

Ինչե՛ր ասես, որ չեն արել այս ձեռքերը...
Պսակուելիս ո՛նց են պարել այս ձեռքերը՝
Ի՛նչ նազանքով,
Երազանքո՛վ:

Ինչե՛ր ասես, որ չեն արել այս ձեռքերը...
Լոյսը մինչեւ լոյս չեն մարել այս ձեռքերը,
Առաջնեկն է երբ որ ծնուել,
Նրա արդար կաթով սնուել:

Ինչե՛ր ասես որ չեն արել այս ձեռքերը...
Զրկանք կրել, հոգս են տարել այս ձեռքերը
Ծով լռութեա՛մբ,
Համբերութեա՛մբ:

Ինչե՛ր ասես որ չեն արել այս ձեռքերը...
Երկինք պարզուած սիւն են դառել այս ձեռքերը,
Որ չփլուի իր տան սիւնը՝
Որդին կռուից դառնայ տունը:

Ինչե՛ր ասես որ չեն արել այս ձեռքերը՝
Մինչեւ տատի ձեռք են դառել այս ձեռքերը,
Այս ձեռքերը՝ ուժը հատած,
Բայց թոռան հետ նոր ուժ գտած...

MÃOS DE MÃE

Estas mãos, mãos de mãe,
anciãs e novas mãos!...

O que dirás que não fizeram estas mãos!...

Casando-se, como dançaram estas mãos!

Com que ares!

Com que sonhos!

O que dirás que não fizeram estas mãos!...

Não apagaram a luz até o amanhecer estas mãos,

quando nasceu o primogênito,

ele se nutriu de seu puro leite.

O que dirás que não fizeram estas mãos!...

Sofreram privações, cuidaram, estas mãos.

Com o silêncio do mar!

Com paciência!

O que dirás que não fizeram estas mãos!...

Tornaram-se colunas estendidas aos céus estas mãos,

para que não desmoronassem as colunas do lar,

e o filho retornasse da guerra a casa.

O que dirás que não fizeram estas mãos!

Até mãos de vó tornaram-se estas mãos,

estas mãos cujas forças se esgotaram,

mas que, com o neto, novas forças encontraram...

Քար են շրջել, սար են շարժել այս ձեռքերը...

Ինչե՛ր, ինչե՛ր, ինչե՛ր չարժեն այս ձեռքերը՝

Նուրբ ձեռքերը,

Սո՛ւրբ ձեռքերը:

...Եկեք այսօր մենք համբուրենք որդիաբար

Մեզ աշխարհում ծնած-սնած,

Մեզ աշխարհում շահած-պահած,

Մեզնից երբեք չկշտացած,

Փռշի սրբող — լուացք անող,

Անվերջ դատող — անվերջ բանող

Ա՛յս ձեռքերը,

Թող որ ճաքած ու կռշտացած,

Բայց մեզ համար մետաքսի պէս

խա՛ս ձեռքերը...

Reviraram pedras, moveram montanhas estas mãos...

O quê, o quê, o que não valem estas mãos!

Mãos tenras!

Mãos santas!

...Vamos, hoje, beijar como filhos

que neste mundo nos pariram e nutriram,

que neste mundo nos conquistaram e guardaram,

que de nós nunca se enfadaram,

que a poeira tiram – que a roupa lavam,

que eternamente julgam – eternamente aconselham,

estas mãos!

Mesmo que rachadas e calejadas,

são, para nós, como seda,

mãos delicadas!...

TRADUÇÃO DE FERNANDO JANUÁRIO PIMENTA

ALICIA GHIRAGOSSIAN

ԱԼԻՍԻԱ ԿԻՐԱԿՈՍԵԱՆ

(1936-2014)

ՆԱՄԱԿ ԱՌ ՀԱՅԱՍՏԱՆ

Երկի՛ր Հայաստան,
Ես քեզ գրում եմ
Բուենոս-Այրես հեռու քաղաքից,
Մեր բաժանումից երկու տարի անց:

Եվ հուսով եմ ես,
Որ իմ նամակը
Քո արևներին
Ու քո լեռներին դու պիտի կարդաս,
Ինձ պատասխանեն պիտի ջրերդ՝
 Մտերիմները
 Քո արմատների...
Ինձ պատասխանի պիտի քո ոգին
Եվ պատասխանի իր մեկ ու միակ
 Այն ճշմարտությամբ,
 Որ ի՛մն է նաև:

Երկի՛ր Հայաստան,
Դու կանչում ես ինձ,
Քեզ է պահանջում ու քեզ է կանչում
Նաև արյունս,
Եվ ինձ տանջում է տենդը սպասման:

CARTA PARA A ARMÊNIA

Terra Armênia,
eu te escrevo
da cidade longínqua de Buenos Aires,
passados dois anos de nossa separação.

E eu espero que
minha carta
aos teus sóis
e às tuas montanhas tu a leias,
e que me respondam tuas águas,
 os confidentes íntimos
 de tuas raízes...
e que me responda tua alma,
e que responda tão somente
 com aquela sua verdade única,
 que é minha também.

Terra Armênia,
tu me chamas.
Tem necessidade de ti e te chama
também o meu sangue,
e a mim atormenta a febre da espera.

Ուրիշ, այլ սերեր
Հուզում են միայն
Ակնթարթները իմ ժամանակի,
Քոնն է, Հայաստա՛ն,
Ողջ անձեռնամուխ իմ ժամանակը
Եվ ամենաջինջ
Իմ արտասուքը:

Երկի՛ր Հայաստան,
Երբ ես ուզում եմ քո անունը տալ,
Իմ մեջ զարթնում է մի թաքուն աղոթք՝
Ամենահինը,
Երբ քեզ եմ երգում,
Իմ մեջ շարժումն է
Սկսում բջիջն իմ ամենանոր:

Չգիտեմ, ճշա՞մ,
Թե՞ արտասուքիս խառնեմ լռելյայն
Կարոտիս ցավը,
Որ անանուն է:

Երագում եմ քեզ,
Եվ էությանս թափանցիկ ամպը
Քեզ է միանում
Եվ գնում հավերժ մի լողարկության:

Outros tantos amores
emocionam somente
num piscar de olhos.
São teus, Armênia,
meu tempo inteiro intocado
e as mais límpidas
de minhas lágrimas.

Terra Armênia,
quando eu quero dar-te um nome,
em mim desperta uma oração oculta,
a mais antiga.
Quando eu te canto,
o movimento dentro de mim é
o início de minha célula mais nova.

Não sei, se grito, se choro,
se mesclo silenciosamente às minhas lágrimas
a dor da minha saudade,
que é inenarrável.

Eu sonho contigo
e a nuvem límpida de minha essência
se une a ti,
e vou a um banho eterno.

Դեռ քեզ չտեսած,
Ճանաչում էի ես քո քարերը,
Հետո քեզ տեսա,
Քեզ շոշափեցի,
Շնչեցի ես քեզ,
Լուծվեցի ջրում
Եվ փոշի դարձա քամիներիդ մեջ:

Գիտե՞ս,
Իմ ու քո միասնությունը
Վաղնջական է:
Ես կամ առաջին քո հուշերի մեջ:

Ապրել եմ ես քո
Հողմակոծ հողում
Որպես անխուսափ մի ճակատագիր:
Եվ պիտի մի օր վերադառնայի
Դեպի սկիզբս,
Գտնելու համար անմեղությունն իմ`
 Ու էությունն իմ`
 Անդաշն աշխարհի
 Հարաբերական
 Այս խաղերի մեջ:
Ես այդ աշխարհից
Գալիս եմ ահա,
Որ օրենքները ի կատար ածեմ`
Իրերի շարժման օրենքները պարզ:

Mesmo eu ainda não tendo te visto,
reconhecia tuas pedras.

Depois te vi,
te toquei,
te respirei,
dissolvi na água
e me tornei pó nos teus ventos.

Sabes,
nossa união
é antiga,
eu existo primeiro em tuas lembranças.

Eu vivi na tua terra
agitada pelo vento,
como uma fatalidade inevitável,
e algum dia retornaria
para o meu começo,
para encontrar minha inocência
e minha essência,
sem elo com o mundo,
relativa,
nesse jogo.

Desse mundo
venho aqui
para cumprir as leis,
leis simples de movimento da matéria.

Քանզի այն ամենն,
Ինչ որ պատմում է
Մայր հողի մասին
Ու արյան մասին,
Ամպի ու լեռան,
Հացի ու փառքի,
Աղի ու լույսի,
Երաժշտության,
Բանաստեղծության,
Արցունքի մասին,
Անդունդի մասին,
Սարսուռի մասին
Ու քարի մասին,
Ինձ քո մասին է պատմում շարունակ:

Չե՞ որ ես տեսա,
Թե Հրազդանը
Քարի ու ջրի հավերժ բախումով
Ինչ է նկարում,
Եվ ամպերի տակ տեսա բաբախը
Արարատ լեռան,
Արարատ լեռը՝
Ահեղ մի պայթյուն,
Որ ինձ հրկիզեց
Առանց լավայի...

Porque aquilo tudo
que é narrado
da terra mãe,
do sangue,
da nuvem e da montanha,
do pão e da glória,
do sal e da luz,
da música,
da poesia,
das lágrimas,
do abismo,
do estremeamento
e das pedras
continuamente me conta sobre ti.

Não é que eu vi
o Hrazdan,
com o choque eterno da pedra e da água,
o que ele desenha.
E sob as nuvens vi o palpitar
do monte Ararat,
a montanha Ararat,
 uma explosão enorme
 que me incendiou
 sem lava...

Ինձ հարց են տալիս,
 — Հայաստանն ի՞նչ է...
 Բայց մի՞թե այդքան հեշտ է բացատրել
 Ամբողջությունը,
 Մի՞թե հավատը մեկնաբանել է,
 Թե ի՞նչ է աստված...
 Եվ ինչպե՞ս պատմել սարսուռի մասին,
 Հավատքի մասին,
 Եվ եությունը ինչպե՞ս մերկացնել,
 Տույց տալու համար
 Կերպարը սիրո:
 Հիմա ես ու նա՝
 Միասնություն ենք
 Եվ ամբողջությամբ մեր ճշմարտության,
 Եվ եթերային մեր երազներով,
 Անցյալի դեմքով տանջահար ու հեզ
 Եվ ճերմակ ու ջերմ օրորոցներով...
 Մենք պահանջ չունենք խոսքի ու բառի,
 Զի հոգիները լռության մեջ են
 Միանում իրար:

 Երկի՛ր Հայաստան,
 Ես բարձրացել եմ քո փառքի թևով,
 Քո կորուստներով եղել արնաքամ,
 Աղոթել եմ ես քո մայրերի հետ,
 Քո վերքերի մեջ կսկիծ եմ եղել,
 Ծնունդներիդ մեջ՝ բերկրություն մի պարզ:

A mim me perguntam
— “Armênia, o que é?... ”
Mas será que é fácil assim explicar
completamente?
Será que dá para decifrar a fé,
o que é Deus?...
E como contar sobre o tremor,
sobre a fé?
E como desnudar a essência
para dar mostras
da imagem do amor?
Agora ela e eu
somos uma união,
e com a totalidade de nossa verdade,
e com nossos sonhos etéreos,
e com nossa face marcada pela tortura e desgraça,
e com o berço branco e cálido,
não temos necessidade de discursos e palavras,
porque as almas em silêncio
se unem uma a outra.

Terra Armênia,
eu ascendi com as asas de tua glória,
com tuas perdas sangrei,
rezei com tuas mães,
com tuas feridas me afligi,
com teus nascimentos, uma singela alegria.

Հինգ հազար տարի
 Քո տառապանքի հետ եմ ես եղել:
 Եվ այս ամենը ինչպե՞ս բացատրել
 Այն մարդկանց, որոնք
 Ինձ հարց են տալիս,
 «Հայաստանը քեզ դո՞ւր եկավ արդյոք»:

Ու ես այդ մարկանց ուզում եմ ասել,
 — Ես Հայաստանը ապրում եմ, մարդիկ,
 Ապրում եմ նրա հնագույն մաշկով,
 Բույրով մենավոր
 Եվ զգում նրան իմ արմատներով...
 Ես չգնացի նրան տեսնելու ու հավանելու,
 Գնացի այնտեղ նորից ծնվելու
 Եվ որոնելու լույսն իմ նախնական,
 Եվ սկսելու իմ զրո դարից:

Դու, որ ինձ գիտես
 Եվ հասկանում ես իմ ճիչը անգամ,
 Գիտե՞ս, թե որքան դժվարանում եմ
 Քո մասին խոսել
 Աշխարհիկ լեզվով,—
 Մեր հանդիպումը
 Ամենավերին
 Երկինքներում է,
 Որտեղ խոսում են,
 Սակայն չեն զգում բայերի կարիք:

Por cinco mil anos
tenho estado com teu sofrimento.
E isso tudo como explicar
àqueles homens que
a mim me perguntam:
“Acaso você gostou da Armênia?”

E eu queria dizer para esses homens:
— Eu vivo a Armênia, homens,
eu a vivo na pele com suas velhas cores,
com seu aroma solitário,
e a sinto com minhas raízes...
E eu não fui a ela para ver e crer,
fui lá para nascer de novo
e buscar minha luz primeira
e para começar do meu ano zero.

Tu que me conheces
e entendes meu grito único,
sabes o quanto é difícil para mim
falar de ti
com a língua terrena? —
Nosso encontro é
nos mais altos
céus,
lá onde se fala
mas não se sente necessidade do verbo.

Եվ դրա համար
Ես իմ լռության աղոթքներով եմ
Միշտ քեզ ողջունում,
Իմ ինքնապատկեր:

Ու քեզ օրհնելով,
 Ես ինձ եմ օրհնում,
Քեզ վերապրելով,
 Վերապրում եմ ինձ,
Եվ ճի՛շտ, ճի՛շտ
 Այդ դու ես, որ կաս,
Հայրենի իմ հող
Եվ իմ դրոշակ՝
 Երկի՛ր Հայաստան:

E para tanto,
eu com as minhas orações silenciosas
sempre te revivo,
imagem de mim mesma.

E te bendizendo
me bendigo.

E te sobrevivendo,
sobrevivo.

E meu grito, meu grito,
este és tu, que existes,
meu solo pátrio
e minha bandeira,
terra de Hayastan.

TRADUÇÃO DE DEIZE Crespim Pereira

GLOSSÁRIO

AKHTAMAR (armênio: Աղթամար): Pequena ilha localizada no centro do lago Van onde, no século X, foi construída a igreja armênia da Santa Cruz, ou Surb Khatch (v.oc.: Surp Khatch / arm.: Սուրբ Խաչ).

ANAHIT (variedade ocidental: Anahid / arm: Անահիտ): Divindade incorporada ao panteão armênio através da campanha missionária encomendada por Artaxerxes II (359 – 404 a.e.c.), que almejava espalhar um zoroastrismo reformulado, bastante afeito não apenas a Ahura Mazda, mas também às representações de Mitra e Nahid (ou Anahita, “Limpa e não contaminada”). Anahita é uma divindade da mitologia zoroastrista atrelada à fertilidade e às poderosas águas limpantes, fonte de todas as águas da Terra. Ela é responsável por limpar o esperma masculino, o útero feminino e o leite materno. Há quem assuma que Anahita seja uma variação da deusa babilônica/elamita Nanə. O panteão armênio, à época da chegada e intensa incorporação do culto a Anahit, era composto por Aramazd, seu filho Mihr e suas duas filhas, Nane, deusa do conhecimento e da virtude, e Astghik, deusa do amor, da água e da tristeza. Anahit inicia sua incursão na mitologia armênia como uma terceira filha de Aramazd, mas logo suplanta suas irmãs em importância, herdando localmente as características e certas práticas (como a prostituição ritual) de suas antecessoras. A ela eram realizados sacrifícios animais por meio do fogo (JAVADI; NIKOEI, 2016; AZARPAY, 1976).

ANI (arm.: Անի): Cidade alçada à capital do reino da Armênia Bagratuni, declarado independente do domínio Abássida na segunda metade do século IX e assim permanecendo até a queda da dinastia Bagratuni na metade do século XI. Ani, que era conhecida como “a cidade de mil e uma igrejas”, passou então, sucessivamente, aos domínios bizantino, georgiano, Xadádida (dinastia curda), novamente georgiano e por fim mongol, sendo posteriormente soterrada por um terremoto no século XIV. As ruínas de Ani, hoje em território turco (na fronteira com a Armênia) foram tombadas como patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2015 (PRAVILOVA, 2016; SAPSEZIAN, 2010).

ARAGATS (v.oc.: Arakadz / arm: Արագած): Antigo vulcão localizado na atual República Democrática da Armênia. Vem do folclore pré-cristão a ideia de que o monte Ararat e o monte Aragats são, respectivamente, irmão e irmã.

ARAMAZD (v.oc.: Aramazt / arm.: Արամազդ): Deus cosmogônico da Armênia pré-cristã, tido como pai do panteão local. Leitura regional de Ahura Mazda.

ARARAT / MASSIS (v.oc.: Ararad / arm.: Արարատ / Մասիս): Pronúncia secundária e tardia do nome Urartu, reino Hurrita fundado no século IX a.e.c. na região montanhosa do lago Van. Diante do segundo colapso de Urartu, em 590, pode-se dizer que a região deu lugar nominalmente à Armênia, vide a inscrição de Darius I (521 – 486 a.e.c.). Os armênios batizaram de Ararat um imenso vulcão às margens do lago Van, onde a arca de Noé teria aportado segundo algumas tradições cristãs. A montanha é também chamada de Massis. Hoje, ela se encontra dentro das fronteiras da Turquia e recebe o nome oficial de Ağrı Dağ (“montanha da dor”) (LIPÍŃSKI, 2012).

ARAX (arm.: Արաքս): Rio cuja nascente se encontra na atual Turquia e que corre também pela Armênia, pelo Irã e pelo Azerbaijão, desembocando no rio Kura já próximo ao mar Cáspio.

ARTASHAT (v.oc.: Ardashad / arm.: Արտաշատ): Capital construída por Artashat I no século II a.e.c. Segundo Plutarco, a cidade seria famosa por seu anfiteatro, construído no meio do século I a.e.c. a mando do rei Artavazd.

BAGREVAND (v.oc.: Pacrevant / arm.: Բագրեւանդ): Um dos antigos distritos da província armênia de Ayrarat (v.oc.: Ayrarad / arm.: Այրարատ). Foi palco de uma insurgência contra o domínio árabe (em transição do segundo para o terceiro califado) organizada pela família Mamikonian (v.oc.: Mamigonian / arm.: Մամիկոնյան).

BAMBIR (v.oc.: pampir / arm.: բամբիր): Instrumento de cordas próximo à viola, embora seja tocado de pé, como um *kamantcha* ou um violoncelo.

BULBUL: No armênio բըլբըլ (v.oc.: bəlbəlun / arm.: պլպլուն). *Pycnonotus leucogenys*, ou Bulbul de bochechas brancas, é uma ave comum na região. Também é uma palavra turca para designar o rouxinol.

DAVID DE SASSUN / SASSUNTSI DAVIT (v.oc.: Sassuntsi Davit / arm.: Մասունցի Դավիթ): Um dos nomes atribuídos à épica oral popular armênia do século X mais conhecida como “Os Subversivos de Sassun”, ou Sasna Tsrer (v.oc.: Sasna Dzerer / arm.: Մասնա Ծռեր), poema longo a respeito da luta de quatro gerações

de uma família armênia da província de Sassun contra seus soberanos árabes. O poema é dividido em quatro ciclos, cada qual para uma geração, sendo a história de David parte do terceiro ciclo. Os registros de trovadores, realizados de 1873 aos anos 1970, revelam algo como 160 variantes.

DINASTIA ARTÁSHIDA / ARTASHESSIAN

ARQAYATOHĒM (v.oc.: Ardassessian arqayadohēm / arm.: Արսուշէյսիւնի արքայատոհմ): Foi uma casa real armênia responsável pela reunificação das satrapias armênias sob domínio selêucida. Assumiram o trono no século II a.e.c. O direito ao domínio das terras armênias atribuído à linhagem inaugurada pelo rei Artashês era resguardado, como explicado por Khorenatsi, pela suposta ligação consanguínea do primeiro rei Artáshida à dinastia que controlara a região em questão até a instauração do reinado selêucida de Antíoco III, os Yervanduni. Khorenatsi narra a história de ascensão dos Artáshidas através de uma série de conspirações: tendo morrido o rei Sanatruk, Yerwand, um alto príncipe, teria encomendado o assassinato dos filhos de seu antigo soberano para então galgar ao trono. Artashês I teria sido salvo por sua ama de leite e entregue ao herói S'mbat que, sob os auspícios dos “príncipes de Ária”, recobrou o trono para seu protegido. A dinastia Artáshida é tida através das épicas nacionais armênias como um período de glória e heroísmo antecedente à cristianização. O quarto rei da casa, Tigran II, O Grande, teria expandido as fronteiras da Armênia, estabelecendo-as “nos seus limites extremos na antiguidade”, dando origem ao mito da “Grande Armênia Histórica”, presente ainda hoje nas discussões públicas armênias.

DRASTAMAT KANAYAN / DRO / SUREN

(v.oc.: Trasdamad Ganayan / arm.: Դրաստամատ Կանայեան / v.oc.: Tro / arm.: Դրօ / v.oc.: Suren / arm.: Մուրեմ): (1884 – 1956) Importante comandante *fedayi* (arm.: Ֆէտայի; milícia camponesa ligada à Federação Revolucionária Armênia - FRA). Antes e depois da revolução otomana do Comitê União e Progresso de 1908, contrabandeou armas para os camponeses da Armênia Ocidental. Em 1915, comandou parte dos voluntários armênios agregados ao império russo que invadiram o império otomano durante a primeira guerra. Em 1918, combateu na batalha de Bash Abaran (arm.: Բաշ Աբարան), que freou o avanço otomano à Armênia Oriental, delimitando assim o território da breve primeira República da Armênia (1918 – 1920) e das duas subsequentes – soviética e República Democrática da Armênia (RDA). Em 1941, organizou, junto a outros membros da alta cúpula da FRA, o *812º Wehrmacht*, ou Legião Armênia, que, à semelhança da Georgiana, operou em conjunto com tropas alemãs na península da Criméia e no Cáucaso. A aliança de quadros importantes da FRA como Dro e Njdeh (v.oc.: Njeh / arm.: Նժդէհ) ao partido nazista visava uma Armênia independente da União Soviética. É dito que uma parte considerável dos armênios sob tutela germânica eram, em verdade, prisioneiros de guerra forçados a

escolher, durante os primeiros nove meses do conflito, entre o alistamento e o campo de prisioneiros, posteriormente desovado em Auschwitz. Essa ambiguidade na composição da Legião Armênia resultou em motins, fugas e no salvamento de diversos prisioneiros judeus pelos chamados “voluntários” armênios (KALIGIAN, 2010, p. 239; BISHKU, 2017, p. 442; AURON, 2003, pp. 261-163).

DVIN (v.oc.: Tvin / arm.: Դվին): Capital armênia fundada no século quarto e.c. pelo rei Khosrov III de Kotak. Tornou-se um centro comercial relevante. Foi conquistada e destruída por Bizâncio em 623, para ser conquistada pelo império árabe em 650. Na segunda metade do século IX, foi destruída por terremotos cinco vezes em menos de cinquenta anos.

EREBUNI (v.oc.: Erepuni / arm.: Էրեբունի): Primeira fortaleza Urartiana e centro político regional durante o período chamado imperial. Foi abandonada provavelmente no século VII a.e.c. Hoje, as ruínas da fortaleza de Erebuni foram engolidas pela cidade de Yerevan.

GOGHTEN (arm.: Գողթեն): Foi uma vila armênia na província de Siunik, região de Shirak, próxima da atual Yerevan. Esta vila é recordada por figurar, nas obras do “Século de Ouro” armênio, como a fonte dos cantos transmitidos oralmente por séculos que depois resultaram nas narrativas sobre as origens do povo armênio, escritas provavelmente no século VII por Moisés Khorenatsi. Goghten foi também a primeira vila a passar pela campanha alfabetizadora de Mesrop Mashtots, segundo a hagiografia de seu discípulo, Koriun.

GRÁFICA PROGRESS (arm.: Պրոգրես): Uma das inúmeras empreitadas tipográficas armênias que surgiram em Tífilis de 1905 a 1907, logo após a primeira revolução russa. Para além de gráficas, Tífilis abrigou alguns partidos políticos armênios importantes. Foi lá que, em 1890, foi fundada a Federação Revolucionária Armênia (“Հայ Ցեղափոխական Դաշնակցութիւն”, FRA, um partido nacionalista que, dentre outras coisas, armava os camponeses da Armênia ocidental). O quartel general do bureau oriental da FRA permaneceu sediado em Tífilis, ainda que esse ramo do movimento também contasse com bases em Yerevan, Karabagh, Kantzag, Baku, Odessa, Alexandropol, Kars e em áreas da Ciscaucásia e do Irã central (MAJALYAN, 2013, pp. 76 – 77; KALIGIAN, 2010, pp. x, 1, 4).

HAYASTAN (v.oc.: Hayasdan / arm.: Հայաստան): Hayastão, como os armênios chamam a Armênia.

HAYK (v.oc.: Hayk / arm.: Հայկ): Primeiro patriarca mitológico de todos os armênios que teria coordenado a migração e o estabelecimento de seu povo às margens do lago Van. De seu nome deriva o gentílico Hay, como os armênios chamam a si mesmos e, por conseguinte, também o topônimo Hayastan, como os armênios chamam a Armênia. Segundo Khorenatsi, o gigante arqueiro Hayk vem da linhagem do príncipe Hapetosté (v.oc.: Habadosté / arm.: Հապէտոսթէ), prontamente identificado como Habet (v.oc.: Hapet / arm.: Հաբէթ), ou Jafé, filho de Noé. Hayk é descrito como “opponente de todos aqueles que lutaram para se tornar soberanos de todos os gigantes e heróis” (KHORENATSI, 2012, p. 31). Assim sendo, saíra vitorioso em uma batalha contra o gigante assírio Bel (v.oc.: Pel / arm.: Բէլ) à época da torre de Babel, “quando a humanidade estava se espalhando por toda amplitude da terra, entre a multidão de gigantes infinitamente ferozes e fortes” (KHORENATSI, 2012, p. 31).

HRAZDAN (v.oc.: Hraztan / arm.: Հրազդան): Único rio que nasce do lago Sevan. Em seu curso, desce aproximadamente mil metros até o vale do Ararat, onde corre próximo a Yerevan.

ILUMINADOR/ GREGÓRIO ILUMINADOR / KRIKOR

LUSSAVORÍTCH (v.oc.: Grigor Lussavorítch. Arm: Կրիկոր լուսավորիչ): Primeiro catolicô armênio. Descrito por Agathangelos como o primeiro a pregar o evangelho na Armênia após a passagem de São Judas Tadeu e São Bartolomeu, apóstolos diretos de Cristo. De acordo com o folclore local, Gregório e Tridates III, rei armênio da dinastia arshácida, seriam ambos filhos de dois nobres que se traíram em nome do controle do trono. Enquanto Tridates III teria sido educado em Roma, tomando o trono a posteriori, Gregório teria sido enviado para a Antióquia, onde teria se feito um sacerdote piedoso. Agathangelos também conta que, ao se recusar a prestar reverência a uma estátua da deusa Anahit, Gregório teria sido condenado por Tridates a um terrível suplício no Khor Virap (masmorra cujo nome é, literalmente, “buraco profundo”). Gregório então teria sido liberto décadas mais tarde, quando o rei, ao assassinar uma comitiva de moças cristãs, teria sido acometido por licantropia, transformando-se em um porco selvagem. Gregório teria curado o rei através do batismo e construído a igreja de Etchmiadzin por sobre um templo pagão, assim dando início ao processo de cristianização da Armênia.

KARS (v.oc.: Gars / arm.: Կարս): Uma das cidades integrantes da Armênia ocidental aniquiladas durante o genocídio de 1915. Passou a integrar formalmente o território da República da Turquia após a assinatura do tratado de Kars (artigo IV), em 1921 (um ano após a publicação de “Tcharents-Namê”), pela Turquia e a União Soviética, em troca da livre circulação de bens soviéticos no recém-criado estado turco (KALPAKIAN; IPEK, 2011, p. 293).

KOMITAS VARDAPET (v.oc.: Gomidas Vartabed / arm.: Կոմիտաս Վարդապետ): Monge cristão comumente recordado como pai da música clássica contemporânea armênia, tendo trabalhado da última década do século XIX à primeira década do século XX recolhendo canções das vilas armênias, atuando como professor de música e organizando corais mistos para suas composições em diversas cidades, como Tífilis, Baku, Istambul, Smyrna, Alexandria, Cairo, Paris e Genebra. Em abril de 1915, foi preso e enviado a um campo de prisioneiros otomano. Diante do genocídio, Komitas enlouqueceu, sendo transferido para um hospital psiquiátrico parisiense em 1919, onde permaneceu até sua morte, em 1935.

KUTCHAK / NAHAPET KUTCHAK (v.oc.: Nahabed Kutchag / arm.: Նահապետ Քուչակ): Trovador armênio, ou *ashugh* (arm.: աշուղ), do século XVI, conhecido por seus *hayrens* (métrica “ao estilo armênio”). Como boa parte da literatura popular trovadoresca armênia foi transcrita e sistematizada apenas no século XIX, Kutchak se tornou uma espécie de autor por conveniência, mascarando assim o caráter mormente anônimo da literatura em questão.

LAGO SEVAN / SEVANA LITCH (v.oc.: Sevana Lidj / arm.: Սևանա Լիճ): Maior lago do Cáucaso e um dos maiores lagos de água doce encontrados nas áreas de alta altitude da Eurásia. A bacia do Sevan ocupa aproximadamente um sexto do território total da moderna República da Armênia.

LAGO VAN / VANA LITCH (v.oc.: Vana Lidj / arm.: Վանա Լիճ): Grande lago de águas salinas (hoje na Turquia) que compunha, com o lago Sevan (hoje na Armênia) e o lago Urmia (hoje no Irã), a tríade de “mares da Armênia”. Dada a extensão do lago, é comum encontrar referências ao mesmo como um “mar” em textos armênios.

MAKU (v.oc.: Magu / arm.: Մակու): Hoje uma cidade na região do Azerbaijão Ocidental, no Irã; próxima às regiões de Yerevan (atual capital da República da Armênia), de Nakhichavan (hoje um exclave da República do Azerbaijão) e de Tabriz (Irã). No século VII, correspondia ao Cantão de Artaz, na província armênia de Vaspurakan. A região foi disputada pelos impérios persas e otomano e por tribos túrquicas seminômades. Há relatos de comunidades armênias providas de autonomia administrativa na região até o século V. De 1749 a 1923, Maku foi um Khanato a princípio relativamente autônomo. Logo antes da Primeira Guerra Mundial, aproximadamente 1200 armênios ainda viviam na cidade, servindo majoritariamente como servos de confiança para senhores locais (BOSWORTH et al., 1991-vi, pp. 200-203).

MASSIS: ver ARARAT.

MESROP MASHTOTS (v.oc.: Mesrob Mashdots / arm.: Մեսրոպ Մաշտոց): De acordo com a hagiografia escrita por seu discípulo Koriun, Mashtots nasceu no início do século V e.c., na província de Taron (a oeste do lago Van e ao norte das montanhas de Taurus), sendo então educado em grego e posteriormente incorporado à corte armênia arshácida como executor das ordenações reais. Segundo Khorenatsi, Mashtots fora educado pelo catolicô Nerses, o Grande, e se fizera responsável pelo extermínio de seitas pagãs da província de Goghten, quando “milagres divinos ocorreram (...): os demônios em forma corpórea foram expulsos e voaram para a região da Média” (KHORENATSI, 2012, p. 199). Como parte de uma missão cristianizadora, Mesrop foi o responsável pela idealização do alfabeto armênio, que lhe teria sido entregue através de uma revelação divina. Sob a tutela de príncipes persas e bizantinos, que a época partilhavam o domínio por sobre as chamadas “Terras Históricas” da Armênia, Mashtots e seus discípulos, os “Santos tradutores”, cristianizaram e armenizaram diversas tribos chamadas bárbaras na obra de Koriun, traduziram a Bíblia na forma de um cânone particular e forneceram as condições para que fosse construído o chamado “Século de Ouro” da literatura armênia (folcloricamente, o século V, ainda que obras atribuídas ao período dourado pareçam pertencer a um escopo maior de tempo, do século V ao VII).

NAIRI / NAYIRI / NAYRI (arm.: Նայիրի / Նայիրի): Palavra assíria que, como seu correspondente egípcio Naharain, designava, durante a idade de bronze tardia, territórios habitados por populações hurritas nas imediações do lago Van, área hoje integrante do território nacional da Turquia. O topônimo significa “terra dos rios”. Este nome foi recuperado poeticamente durante o período de construção do nacionalismo armênio nos séculos XIX e XX para designar a totalidade de terras armênias. Um dos primeiros a realizar esse resgate foi o poeta Vahan Terian (v.oc.: Vahan Derian; arm.: Վահուհի Տերյան), em sua série de poemas “Terra de Nayiri”, publicada de 1913 a 1916. Algumas fontes defendem que os armênios modernos descendem diretamente das populações de Nairi, enquanto outras questionam essa ligação (SAMUELIAN, 2004, p. 13; GREPPIN; DIAKONOFF, 1991, p. 722; BENEDICT, 1960, p. 102; RUSSELL, 2012, p. 13).

NAMÊ (arm.: նամէ): Transliteração ao alfabeto latino de uma transliteração ao alfabeto armênio de um termo de origem persa bastante difundido na região. Existem pares por empréstimo em diversas línguas expostas à presença persa. No pahlavi (persa médio), aparece flexionável em gênero: substantivo masculino nāmag e neutro nāma, “livro, carta.” A forma neutra aparece como “carta, livro, epístola” em curdo e como “qualquer documento escrito”, de odes a contratos, em turco. A forma masculina, por

sua vez, é usada com o sentido de “livro” em variantes de aramaico e de “carta” no armênio (v.oc.: namag; arm.: նամակ). É utilizada no idioma desde o krapar (armênio clássico, sécs. V – XII, aprox.; hoje usado como língua litúrgica) (MACKENZIE, 1986, pp. 50, 57 e 151; GHARIB, 1995, p. 231; REDHOUSE, 1856, p. 1076; SOKOLOFF, 2002, p. 56; BEDROSSIAN, 1879, p. 523).

NAREKATSI / KRIKOR NAREKATSI (v.oc.: Grigor Naregatsi / arm.: Գրիգոր Նարեկացի): Monge cristão, professor e poeta do século X. Figura misteriosa, à época envolvido em polêmicas referentes a supostas práticas heréticas, especialmente as decorrentes da seita tondraquiana, que advogava por um retorno à chamada Igreja Primitiva. Tornou-se personagem corrente de lendas armênias e à sua obra principal, o *Livro das Lamentações*, composta por noventa e cinco elegias (ou orações), costumam ser atribuídos poderes de cura e proteção. Foi declarado Doutor da Igreja Católica em abril de 2015, cem anos após o genocídio, pelo Papa Francisco.

NAVASSARD (v.oc.: Navassart / arm.: Նավասարդ): Primeiro mês do calendário solar armênio adotado por volta de 460 a.e.c. e abandonado antes da cristianização. Significa também “novo ano”. O ano consistia em doze meses de trinta dias somados a um mês, chamado “residual”, de apenas cinco dias. Cada dia do mês recebia um nome mitológico específico. O calendário acumulava um dia a cada quatro anos, ou um ano a cada 1460 anos, o que era chamado de “ciclo armênio”. Há muitas semelhanças entre o calendário armênio e o calendário do Avesta (do qual provavelmente deriva), seja no tocante à sistematização dos meses e dias, à elaboração de nomes específicos para cada dia do mês e, entre outras coisas, a alguns dos nomes (como Navassard, ou Navasardi no calendário persa) (TUMANIAN, 1974).

POLS (v.oc.: Bols / arm.: Պոլս): abreviatura armênia para Kostandnupolis (v.oc.: Gosdantnubolis / arm.: Կոստանդնուպոլիս), ou Constantinopla, forma ainda corrente entre armênios para designar Istambul. O Patriarcado Armênio de Constantinopla, por exemplo, é chamado em armênio de Polso Hayots Patriarkut’yún (v.oc.: Bolso Hayots Badriarkut’yún / arm.: Պոլսո Հայոց Պատրիարքութիւն).

RÔMULO: Protagonista do mito fundacional da cidade de Roma, como descrito por Plutarco em seu “A Vida de Rômulo”. Ele e seu irmão, Remo, teriam passado pela infância sendo amamentados por uma loba. Enquanto Rômulo, já adulto, cavava um fosso que demarcaria a primeira estrutura romana, Remo opunha-se ao trabalho, dificultando-o. Assim como o fratricídio antecede a construção da primeira cidade por Caim, no livro de Gênesis, o fratricídio antecederia em igual medida a construção daquilo que viria a ser o Império Romano.

SAZ (arm.: սազ): Instrumento de cordas próximo ao alaúde, sendo comum ainda hoje da Grécia ao Irã. Foi muito utilizado por *ashughs*, ou trovadores da região.

SEVAN: ver LAGO SEVAN.

SHAMIRAM / SEMIRAMIS (arm.: Շամիրամ): Segundo as lendas armênias formadoras destacadas por Khorenatsi, Shamiram foi uma rainha assíria que, apaixonada pelo terceiro patriarca dos armênios, Ara (arm.: Արամ), buscou obrigá-lo a render-se aos seus encantos através de uma investida militar. Ara perece na guerra e Shamiram, então, arrependida de tê-lo matado, mascara a sua morte e passa a governar a Armênia no lugar do rei caído, incapaz de ser revivido pelas lambidas dos cachorros, que, pela tradição local, dispõem de um poder curativo.

TÍFILIS (v.oc.: Dífilis / arm.: Տիֆլիզ): Atual Tbilissi (capital da República da Geórgia), tornou-se a capital do Reino da Geórgia no século VI. Revezou-se entre períodos de relativa autonomia política e períodos de subjugação a outros atores locais até 1795, quando foi destruída em uma empreitada Afshárida. Foi conquistada pelo império russo em 1808, tornando-se capital do oblast da Geórgia. Tornou-se um polo de convergência de diversas rotas comerciais, ligando Yerevan, Baku, Irã e a Ásia central à Rússia e ao mercado ocidental. Devido à tensão crescente entre a população armênia ocidental e seus governantes otomanos, Tífilis – economicamente mais próspera que Yerevan, capital da oblast da Armênia russa – tornou-se um destino comum entre aqueles armênios que abandonavam o império decadente apelidado de “o doente da Europa”. Esses migrantes progressivamente passaram a compor um extrato influente da burguesia comercial local, ainda que estivessem sujeitos a eventuais pogroms, como o de 1905, realizado sob a tutela do governador provincial do império russo Von Raaben, que no ano anterior estivera também envolvido no primeiro pogrom do século XX, ocorrido contra os judeus de Kishinev, à época capital da Bessarábia, hoje capital da Moldávia (VILLARI, 1906, pp. 101-109; PENKOWER, 2004).

VAHAGN (v.oc.: Vahakn / arm.: Վահագն): Segundo o folclore armênio pré-cristão, o primeiro homem de todos, produzido nas chamas de um vulcão através do trabalho de parto da terra, dos céus e dos mares. Posteriormente, sobe ao posto de um deus – como indica Khorenatsi.

VAN (arm.: Վան): Uma cidade hoje no extremo oriente das fronteiras turcas. Foi habitada por armênios por quase dois milênios e meio (se assumirmos que o

povoamento armênio da região é contemporâneo à criação da satrapia da Armênia pelo império persa Aquemênida). Van integrou os territórios dos reinos da Grande Armênia (sécs. IV a.e.c. - V e.c.) e da Armênia (sécs. IX – XI e.c.). Revezou-se entre os domínios Aquemênida, helenístico, parto, romano, sassânida, bizantino, árabe, mongol e túrquico. Em 1639 caiu efetivamente sob o domínio otomano, tornando-se capital de uma das seis regiões armênias (ou vilayets) integrantes do império. Em abril de 1915, durante o genocídio armênio, Van foi um dos focos de resistência, ainda que prontamente suprimida (episódio conhecido como “Cercos de Van”). Em novembro de 1915, assim que declarada a guerra, pelotões de voluntários armênios auxiliaram duas expedições simultâneas do exército russo a cruzarem a fronteira otomana até a província de Van, episódio descrito em primeira mão no bloco VII de Tcharents-Namê (HOVANNISIAN, 2000, pp. 78-85; BLOXHAM, 2003, pp. 150, 155, 164-165).

VARDAVAR (v.oc.: Vartavar / arm.: Վարդավար): Festival pré-cristão armênio dedicado inicialmente à deusa Astghik, depois à deusa Anahit e, a partir da cristianização, reformulado como uma comemoração atrelada à transfiguração de Cristo. Ainda é costumeiro, durante a festividade, decorar os chifres de vacas e touros com flores e atirar água nas pessoas (ISRAELIAN, 2011).

VISHAP (v.oc.: Vishab / arm.: Վիշապ): Tipo de criatura folclórica que integra a iconografia regional desde o segundo milênio a.e.c., na forma de monumentos megalíticos (vishapak’ar, v.oc.: vishabak’ar, arm.: Վիշապաքար, “pedra-vishap”) espalhados pelas montanhas. Esses seres são tidos como entidades mormente benéficas, ligadas às origens e à fertilidade, que costumam ser representadas como fusões entre serpentes e peixes. São também os chamados dragões. Os textos cristianizantes incorporam essas criaturas em um folclore que mescla a transmissão oral e a genealogia bíblica, de maneira a qualificar a cristianização como o destino providencial dos armênios. Ao lado de fênixes, grifos e sereias, os vishaps seguiram aparecendo em marginalias até o século XVI, cada vez mais estilizados, mais próximos de serpentes, sob forte influência bizantina. A primeira Bíblia completa impressa em armênio, publicada em Amsterdã em 1666, dispunha de tipos decorados como vishaps (MONTAMAT, 2013).

VORMUZD / ORMUZD / SPENTA MAINYA / AHURA MAZDA (v.oc.: Vormuzt / arm.: Որմուզ): É um dos dois deuses gêmeos eternamente em guerra na mitologia mazdeísta, que exerceu profunda influência naquilo que costuma ser chamado de “paganismo armênio”, ou “fé nativa armênia”, que alguns supõem ser uma manifestação particular de um zoroastrismo distante do centro imperial. Vormuzd encarna o bem, enquanto sua contraparte, Ahriman (ou Angra Mainya, ou Arimã), encarna o mal. Equivalentes locais foram colhidos por

folcloristas armênios (movimento contemporâneo ao surgimento da literatura moderna): os espíritos Bari Luis (v.oc.: Pari Luis / arm.: Բարի Լուիս), “Luz Boa”, e Mut’ Khavar (arm.: Մութ Խավար), “Ecuridão Sombria”. É também possível inferir influência do culto a Ahura Mazda na construção do deus cosmogônico armênio Aramazd (COTTERELL, 1997, p. 12; ABEGHYAN, 2012, p. 9).

YEREVAN (arm.: Երևան): Atual capital da República Democrática da Armênia. Foi também capital da República Socialista Soviética da Armênia, da Primeira República e do oblast armênio do império russo.

YERKATAGUÍR (v.oc.: yergatakír / arm.: երկաթագիր): ‘letra de ferro’, nome dado por volta do século XV para a caligrafia que figurava nos primeiros manuscritos armênios, anteriores à adoção do boloraguir. Há fragmentos de manuscritos em yerkataguir que datam do século VII. Este estilo caligráfico é predominante nos códices do século IX ao XIII e dispõe de variações (mesropiana arredondada, angular, semi-yerkataguir e yerkataguir pequena). É possível que o nome ‘letra de ferro’ tenha sido dado em razão dos instrumentos de ferro usados para realizar escritas lapidares, uma vez que o uso da caligrafia ‘de ferro’ era igualmente corrente nas inscrições esculpidas durante o mesmo período. Considerando que há duas menções à escrita através de entalhes realizados com ferro (Jó 19:23-24 e Jeremias 17:1) no Antigo Testamento traduzido para o armênio, também é possível cogitar que o termo tenha nascido através dos copistas que, identificando as letras lapidares com aquelas que costumavam figurar nos manuscritos antigos que copiavam, cunharam o termo como equivalente para “escrita das escrituras” (STONE; KOUYMJIAN; LEHMANN, 2002).

ZÉFIRO: Figura na Teogonia de Hesíodo, junto com seus irmãos Bóreas e Notus, como prole do encontro entre Eos, carregado de anemos, e Astraios. É uma personificação divinizada dos ventos do Oeste, como Boreas é uma personificação divinizada dos ventos do Norte, e Notus, do Sul. Na *Ilíada*, Aquiles clama para que Zéfiro e Bóreas soprem a pira funerária de Pátroclo.

ZVARTNOTS (arm.: Չվարթոց): Cidade armênia na província de Armavir (arm.: Արմավիր) que abriga as ruínas de uma igreja do século VII destruída por um terremoto no século X.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ORIGINAIS DOS POEMAS

BEDIRIAN, P. S.; MARKARIAN, P. M.; DARONTSI, S. S. *Hay Grakanutyun* [Literatura Armênia] (8º ano). Yerevan, Luys, 1984.

DASHTENTS, K. T.; YAPUJIAN, A. A. *Hay Grakanutyun* [Literatura Armênia] (6º ano). Yerevan, Luys, 1985.

GUIRAGOSSIAN, Alicia. *Namak Ar Hayastan* [Carta para a Armênia]. Boston, Hayrenik, 1979.

KEROUZIAN, Y. O. *A Nova Poesia Armênia*. São Paulo, Edição do autor, (s.d).

NALBANDIAN, Mikayel. *Yerker* [Obras]. Yerevan, Editora Sovetakan Grogh, 1985.

PETOIAN, V. A.; VARSIAN, SH. A.; SEVAN, G. L. *Hay Grakanutyun* [Literatura Armênia] (5º ano). Yerevan, Luys, 1982.

SHIRAZ, Hovhannes. *Hushardzan Mayrikis* [Em memória de minha mãezinha]. Yerevan, Hayastan, 1971.

SHIRAZ, Hovhannes. *Yerker* [Obras]. Yerevan, Editora Sovetakan Grogh, 1984.

SIAMANTO (ATOM YARTCHANIAN). *Amboghdjakan Goghtse* [Obras Completas]. Boston, Editora Haireniki, 1910.

TCHARENTS, Yeghiche. *Yerker* [Obras]. Yerevan, Sovetakan Grogh, 1967.

TCHARENTS, Yeghiche. *Yerker* [Obras]. Yerevan, Sovetakan Grogh, 1983.

TEOLEOLIAN, Minas. *Tar ma kraganutyun 1850-1950* [Um século de literatura 1850-1950]. Vol. 1. Cairo, Husaper, 1955.

TERIAN, Vahan. *Banasteghtsutyunner: Liakatar Joghovatsu* [Poemas: Obra Completa]. Yerevan, Editora Sovetakan Grogh, 1985.

TOLEGIAN, Aram. *Armenian Poetry Old and New: a bilingual anthology*. Detroit, Wayne State University Press, 1979.

TUMANIAN, Hovhannes; HAKHVERDIAN, Levon (Orgs.). *Antir Yerker* (Obras Seletas). Yerevan, Sovetakan Grogh, 1978.

YAPUDJIAN, Sarkis Harutyuni; YAPUDJIAN, Azad Harutyuni (Orgs.). *Hayreni Ghoghandjner: Tsaghkakagh Sovetahay Grakanutyun* (Badalos Nacionais: antologia de literatura armeno-soviética). Yerevan, Luys, 1985.

<https://hy.wikisource.org>

<http://digilib.aua.am>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO GLOSSÁRIO

ABEGHYAN, M. *Armenian Folk Beliefs*. New Jersey, Long Branch, 2012.

ADJARIAN, Hratchya. *Dictionnaire Étymologique Usuel de L'Arménien*. Genève, Martiros Minassian, 2004.

AGATHANGELOS. *History of the Armenians*. Albany, State University of New York Press, 1976.

АКОПОВ, А. Տայքի պատկանելության հարցը վրացագիտության մեջ [A questão da posse de Tayks nos estudos georgianos]. Շիրակի հայագիտական հետազոտությունների կենտրոն [Shirak Center for Armenian Studies]. *Գիտական աշխատություններ* [Gitakan ashkhatut'yunner], 19, p. 62-68, 2016.

AMBARTSUMYAN, Ike Ashotovich. Some features of translation of the epic: English translations of the Armenian national epic “David of Sassoun”. Вестник Северо-Восточного федерального университета имени М.К. Аммосова: Серия Эпосоведение, (2 (6)), 27-36, 2017.

Archaeological Site of Ani. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1518/>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

ARSLANIAN, Artin; NICHOLS, Robert. Nationalism and the Russian Civil War: The Case of Volunteer Army-Armenian Relations, 1918-20. *Soviet Studies*, 31:4, p. 559-573, 1979.

AURON, Yair. *The Banality of Denial, Israel and the Armenian Genocide*. Nova Jersey, Transaction Publishers, 2003.

AZARPAY, G. Nanâ, The Sumero-Akkadian Goddess of Transoxiana. *Journal of the American Oriental Society*, 96(4), pp. 536-542, 1976. DOI:10.2307/600086

BABAYAN, Araik; HAKOBYAN, Susanna; JENDEREDJIAN, Karen; MURADYAN, Siranush; VOSKANOV, Mikhail. Lake Sevan: Experience and Lessons Learned Brief. In: ilec.or.jp. *International Lake Environment Committee Foundation*. p. 347-362, 2006.

BAÏBURIN, A. K.; KELLY, C.; VAKHTIN, N. B. (Eds.). *Russian cultural anthropology after the collapse of communism* (Vol. 34). Oxfordshire/New York, Routledge, 2012.

BEDROSSIAN, M. *New Dictionary Armenian – English*. Veneza, S. Lazarus Armenian Academy, 1879.

BENEDICT, Warren C. Urartians and Hurrians. *Journal of the American Oriental Society*, Cambridge, Vol. 80, No. 2, p. 100-104, 1960.

BISHKU, Michael B. The Interactions and Experiences of Armenians and Jews in the Ottoman Empire and Republic of Turkey from the Young Turk Revolution of 1908 to the Present. *Nationalism and Ethnic Politics*, 23:4, 431-452, 2017. DOI: 10.1080/13537113.2017.1380461

BLOXHAM, Donald. The Armenian Genocide of 1915-1916: Cumulative Radicalization and the Development of a Destruction Policy. *Past & Present*, Oxford, No. 181, p. 149-91, 2003.

BOSWORTH, C. E.; DONZEL, E.; LEWIS, B.; PELLAT, Ch.; HEINRICHS, W. P. *Encyclopaedia of Islam*, vol. VI. Leiden, E. J. Brill, 1991.

CAMARGO, Y. de M. A importância dos cantos de Goghten para a cultura armênia. *Revista de Estudos Orientais*, (1), São Paulo, p. 105-122, 1997.

CHYET, Michael L. *Kurdish-English Dictionary*. New Haven, Yale University Press, 2003.

COTTERELL, Arthur. *A Dictionary of World Mythology*. Oxford, Oxford University Press, 1997.

DE JONG, Albert. Armenian and Georgian Zoroastrianism. In: STAUSBERG, M.; VEVAINA, Y. S.; TESSMANN, A. (Eds.). *The Wiley Blackwell Companion to Zoroastrianism*. Nova Jersey, John Wiley & Sons, Inc., 2015.

DE PAULA, E. S. Alguns aspectos da influência armênia em Bizâncio. *Revista de História*, 34(69), São Paulo, p. 41-53, 1967.

EKIZIAN, Chaké. *Sobre a Gramática da Língua Armênia*. São Paulo, Humanitas, 2004.

FARAJI, G.; POSHTDAR, A. M. Armenian myths and legends and their impact on Armenian beliefs and literature. *Journal of Social Sciences and Humanities Research*, 6(04), p. 32-44, 2018.

GALICHIAN, R. *The Invention of History: Azerbaijan, Armenia, and the Showcasing of Imagination*. London, Printinfo Art Books, 2009.

GHARIB, B. *Sogdian Dictionary (Sogdian – Persian – English)*. Teerã, Farhangon Publications, 1995.

GHARIBYAN, A. Ontological problems in the Armenian national epic "Daredevils of Sassoun" (Sasna Dzerer). *Wisdom*, (1 (8)), p. 101-106, 2017.

GREPPIN, A. C.; DIAKONOFF, I. M. Some Effects of the Hurro-Urartian People and Their Languages upon the Earliest Armenians. *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 111, No. 4 (Oct. - Dec., 1991), p. 720 – 730.

HOVANNISIAN, Richard G. *Armenian People from Ancient to Modern Times. vol. I: The Dynastic Periods: From Antiquity to the Fourteenth Century*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 1997.

HOVANNISIAN, Richard G. *Historic Armenian Cities and Provinces. Armenian Van/Vaspourakan*. Costa Mesa, Mazda Publishers, 2000.

ISRAELIAN, Astghik. Phallic Khair Charms. *Acta Ethnographica Hungarica*, 56 (2), p. 279-296, 2011.

JAVADI, Shohreh; NIKOEI, Ali. Investigating the Anahita Myth in Ancient Iran and Armenia. *Turkish Online Journal of Design, Art and Communication – TOJDAC*, p. 884-890, July 2016, Special Edition.

KALIGIAN, Dikran M. *Armenian Organization and Ideology under Ottoman rule (1908 – 1914)*. Nova Jersey, Transaction Publishers, 2010.

KALPAKIAN, Jack; IPEK, Volkan. The Turkish–Armenian Rapprochement Processes: a Case Study Approach. *Digest of Middle East Studies*, Vol. 20, No. 2, p. 291–321, 2011.

KEROUZIAN, Yessai O. *A Nova Poesia Armênia*. São Paulo, edição do autor. s/d.

KHALEGHIZADEH, Abolghasem. A checklist of bird species held in seven important collections in Tehran. *Journal Sandgrouse*, vol. 26, p. 87-93, Dez. 2004.

KHORENATSI, M. *História dos armênios*. São Paulo, Humanitas. Tradução de Deize C. Pereira, 2012.

KHUDAVERDYAN, A. Y.; BABAYAN, F. S. The human skeleton from Dvin, Armenia: Detailed Anthropological and Paleopathological Analysis. *Bulletin of the International Association for Paleodontology*, 12(1), p. 1-17, 2018.

KORIUN, Vardapet. *Vark Mashtotsi* [A vida de Mashtots]. Delmar, N.Y., Caravan Books, 1985.

KORYUN, Vardapet. *Vark Mashtotsi* [A vida de Mashtots]. Yerevan, Yerevani Hamalsaran, 2005.

KUTCHAK, NAHAPET. *Poemas da tradição oral trovadoresca da literatura armênia*. São Paulo, Humanitas, 2012. Tradução de Deize C. Pereira.

KUYUMJIAN, R. S. *Archeology of Madness: Komitas, Portrait of an Armenian Icon*. Gomidas Institute, 2001.

LAPLANTE, B.; MEISNER, C.; WANG, H. *Environment as Cultural Heritage: The Armenian Diaspora's Willingness-to-Pay*. The World Bank, 2005. DOI: 10.1596/1813-9450-3520

LIPÍŃSKI, Edward. Hittites et Hourrites dans la Bible. In: *The Biblical Annals* 2/1, p. 9-25, 2012.

LLOYD, G. Pneuma between body and soul. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 13, S135-S146, 2007.

MACKENZIE, D. N. *A Concise Pahlavi Dictionary*. Oxford, Oxford University Press, 1986.

MAJALYAN, Vladimir. *Haykakan Grakanutyane Tiflisum (XIX dar – XX darakisb)* [Tipografia armênia em Tiflis (Século XIX ao início do século XX)]. In: *Patma-Banasirakan Handes*, Nº 3. p. 62-83, 2013.

MAURIZIO, L. Anthropology and spirit possession: a reconsideration of the Pythia's role at Delphi. *The Journal of Hellenic Studies*, 115, p. 69-86, 1995.

MCCARTHY, K. Turkish References in "Finnegans Wake". *James Joyce Quarterly*, Tulsa, 9(2), p. 250-258, 1972. Disponível em: www.jstor.org/stable/25486973. Acesso em: 19 fev. 2020.

MELKONYAN, R. Թուրքական իշխանությունները եւ Հայոց պատրիարքարանը 1920-60-ական թթ. [Autoridades Turcas e Patriarcado Armênio de 1920 a 1960]. Echmiadzin, Պաշտօնական ամսագիր Ամենայն Հայոց Կաթողիկոսութեան Սայր Աթոռոյ Սրբոյ Էջմիածնի, (Ե), 63-69 [Jornal Oficial da Santa Sede de Echmiadzin], 2012.

MONTAMAT, Béatrice. À la Porsuite du Vishap: Notice sur Quelques Lettrines Zoomorphes Arméniennes. *Sigila*, 2013/2, No 32, p. 115 – 131, 2013.

MOTADEL, D. Iran and the Aryan myth. In: ANSARI, Ali M. *Perceptions of Iran: History, Myths and Nationalism from Medieval Persia to the Islamic Republic*. London, I.B, Tauris, 2014, p.119-46.

NAGY, P.; ROUYER, P. Armenia. In: RUBIN, D. (Ed.). *The World Encyclopedia of Contemporary Theatre*. New York, Routledge, 2014, p. 57-65.

PAYASLIAN, Simon. *The History of Armenia: From the Origins to the Present*. Nova Iorque, Palgrave MacMillan, 2007.

PENKOWER, Monty Noam. The Kishinev Pogrom of 1903: A Turning Point in Jewish History. *Modern Judaism*, Vol. 24, No. 3, p. 187-225, 2004.

PEREIRA, C. M. *O Livro de Lamentações e a Bíblia: Uma breve análise interpretativa e intertextual da obra de Gregório Narekatsi*. Trabalho de Graduação Individual (TGI), Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em:
<<http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8051102/tce-16032018-182624/?&lang=br>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

PEREIRA, D. C. A identidade cultural em História dos Armênios de Moisés Khorenatsi. In: CAVALIERE, A.; ARAÚJO, R.G. *Linguagens do Oriente: Territórios e Fronteiras*. São Paulo, Targumim, 2012, p. 143-162.

PEREIRA, D.C. *Poesia Armênia Cristã: Grigor Narekatsi, Nersês Shnorhali e outros*. São Paulo, Humanitas, 2016.

PRAVILOVA, E. Contested Ruins: Nationalism, Emotions, and Archaeology at Armenian Ani, 1892–1918. *Ab Imperio*, 2016(1), p. 69-101.

REDHOUSE, J. W. *An English and Turkish Dictionary in Two Parts: Part the First*. Londres, Bernard Quaritch, Oriental and Philological Publisher, 1856.

RUSSELL, James R. The bells: From Poe to Sardarapat. *Journal of the Society for Armenian Studies* 21, p. 1-42, 2012.

RYKWERT, J. *The Idea of a Town*. Londres, Faber Finds, 1964.

SAKAPETOYAN, Ruben Karapet. *Արևմտահայերէն-արեւելահայերէն նոր բառարան* [*Novo Dicionário de Armênio Ocidental*]. Yerevan, Tigran Mets, 2011.

SAMUELIAN, T. H. Armenian Origins: An Overview of Ancient and Modern Sources and Theories. Yerevan, 2004. Publicação eletrônica disponível em:

http://www.arak29.am/PDF_PPT/7-History/Armenian_origins_eng.htm

Acesso em 23 fev. 2020.

SAPSEZIAN, Aharon. *História Sucinta e Atualizada da Armênia*. São Paulo, Emblema, 2010.

SMITH, A. T. The making of an Urartian landscape in southern Transcaucasia: a study of political architectonics. *American Journal of Archaeology*, p. 45-7, 1999.

SOKOLOFF, Michael. *A Dictionary of Jewish Babylonian Aramaic of the Talmudic and Geonic Periods*. Ramat-Gan, Bar Ilan University Press, 2002.

SOUSA, João Francisco Dielde. *Literatura e Imagens Persas no Livro dos Reis*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

STONE, Michael E.; KOUYMJIAN, Dickran; LEHMANN, Henning. *Album of Armenian Paleography*. Aarhus, Aarhus University Press, 2002.

SUKIASYAN, Ashot Muradi. *Հայոց լեզվի հոմանիշների բացատրական բանաստեղծություններ [Dicionário Armênio de Sinônimos]*. Yerevan, Universidade Estatal de Yerevan, 2009.

TUMANIAN, B. The Measurement of Time in Ancient and Medieval Armenia. *Journal for the History of Astronomy*, Vol. 5, p. 91- 98, 1974.

VAHANYAN, G.; VAHANYAN, V. The Beginning of natural philosophy and metaphysics in the rock art of Armenia. In: ANATI, E. (Ed.). *Intellectual and Spiritual Expression of Non-Literate Peoples: Proceedings of the XVII UISPP World Congress*, Burgos, Spain, Set. 2014.

VILLARI, Luigi. *Fire and Sword in the Caucasus*. Londres, T. F. Unwin, 1906.

YEGHIAZARYAN, L. Um estudo etimológico sobre o antigo calendário armênio. *Revista Tempo Brasileiro*, (193), p. 57-66, 2013.

ZAKARYAN, Mari. Եղիշե Չարենցի բանաստեղծական մուտքը [O início da carreira como poeta de Yeghiche Tcharents]. In: *Lraber Hasarakakan Gitut'yunneri*, 3, p. 25-34, 1973.

ZAKARYAN, Mari. Հեղափոխության թեման Եղիշե Չարենցի պոեզիայում [O Tema da Revolução na Poesia de Yeghiche Tcharents]. In: *Lraber Hasarakakan Gitut'yunneri*, 10, p. 3-14, 1980.

A ORGANIZADORA

Deize Crespim Pereira é Professora Doutora de Língua e Literatura Armênia no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

OS COLABORADORES

Amanda Pacheco Muras é Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo.

Cristiane Gonçalves Marins é Bacharel em Letras, habilitação armênio, pela Universidade de São Paulo.

Fernando Januário Pimenta é Bacharel em Letras, habilitação armênio, pela Universidade de São Paulo, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, e Doutorando em Letras, na área de Tradução (LETRA), pela Universidade de São Paulo.

Karen Mitie Suguira é Bacharel em Letras, habilitação armênio, pela Universidade de São Paulo.

Lucca Tavano Bacal é Graduando em Letras, habilitação armênio, pela Universidade de São Paulo.

Lusine Yeghiazaryan é Professora Doutora de Língua e Literatura Armênia no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Taís Assadurian Silva é Bacharel em Letras, habilitação armênio, pela Universidade de São Paulo.